This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

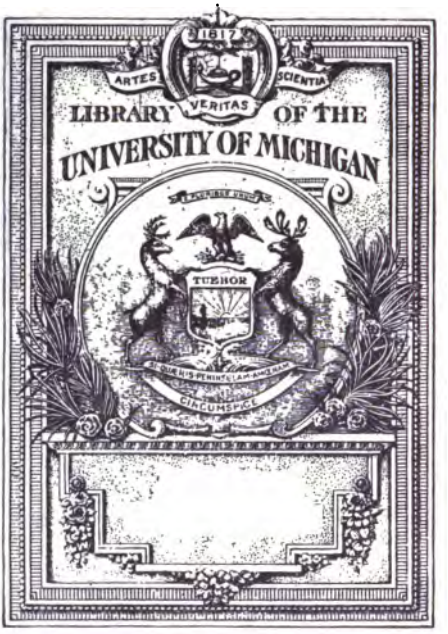
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
T693
ve

UNIVERSITY OF MICHIGAN
A 466637
3 9015 06291 4802



VERSOS

DO BACHAREL

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

DENOMINADO

ALFENO CYNTHIO

Ut pictura, Poesis; erit, quæ si propiùs stes,
Te capiat magis; & quædam si longiùs abstes:
Hæc amat obscurum; volet hæc sub luce videri,
Judicis argutum quæ non formidat acumen:
Hæc placuit semel; hæc decies repetita placebit.

Horat. Ep. ad Pison. ℣. 360. & seq.

João Vicente Limen[illegible]

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA
ANNO M.DCCXCI.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

869.8
T693re

Hæc ſtudia adoleſcentiam alunt, ſe nectutem oblectant, ſecundas res ornant, adverſis perfugium ac ſolatium præbent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiſcum, peregrinantur, ruſticantur.

Cicer. pr. Arch. P. cap. VII.

53,1859-176

A ILL.MA, E EX.MA SENHORA D. CATHARINA MICAELA DE SOUSA CESAR, E LENCASTRE.

Assás conheço, que serei taixado de atrevido por dedicar a V. Excellencia estes meus rudes, e mal compostos Versos; quando as suaves Camenas fazem de V. Excellencia o ornamento do seu sexo amavel; e quando tantas, e tão sublimes Poesias, producções de abalizados Engenhos, recream os seus ouvidos. Mas assim como o Oceano enriquecido com os mananciaes do Tejo, e do Grão Pará, não desdenha os tenues cabedaes do regato, que nelle desagua; assim es-

eſpero da immenſa benignidade de V. Excellencia honroſo acolhimento á minha pobre Muſa.

Virdõ tempos mais venturoſos, em que eu poſſa fazer a V. Excellencia offerta mais digna, cantando as ſuas raras virtudes, e as de ſeu muito honrado Eſpoſo, (*) *e os Heroicos Feitos de ſeus Antepaſſados: mas em quanto a minha Sorte invejoſa os detém, digne-ſe V. Excellencia de acceitar a preſente, e de ampará-la com o ſeu eſclarecido Nome. Deos Guarde a V. Excellencia por felices, e dilatados annos.*

De V. Excellencia

O ſeu mais humilde ſervo, e reſpeitoſo admirador,

O Bacharel Domingos Maximiano Torres.

(*) O Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Luiz Pinto de Souſa Coutinho, Senhor de Forreiros, e Tendaes, e da Caſa de Balſemão, Miniſtro, e Secretario de Eſtado dos Negocios Eſtrangeiros, e da Guerra &c. &c. &c.

PROLOGO.

EXcitado pelos rogos importunos de alguns amigos, e pela natural vergonha de ver gyrar viciadas pelas mãos dos curiosos as minhas Poesias; me atrevo á saír á luz com algumas. A maior parte d'ellas foraõ feitas no meio de afflicções de espirito, e de cuidados domesticos, que, quasi desde a puericia, não tem cessado de vexar-me: por isso careceráõ talvez daquelle despejo, e ufania proprios de um animo elastico, e desafogado: mas se não forem acceitas aos mimosos da Ventura, me lisongeio ao menos, que agradem ás almas sensiveis, que, como eu, experimentam de ordinario os seus desfavores.

Procurei com todo o difvelo, que

a dicção fosse pura, e vernacula; e se ás vezes a esmalto de vozes peregrinas, com o exemplo dos nossos bons Escriptores, além de serem raras, derivo-as sempre da nossa materna fonte, o antigo Lacio. O mesmo digo das palavras compostas, ou soldadas, das quaes se encontra bastante copia, não só nos nossos Poetas, e Prozadores de melhor nota, mas ainda nas nomenclaturas dos termos, e instrumentos technicos das Sciencias, e Artes, assim fabris, como Liberaes; além das que versam nos discursos familiares das pessoas bem educadas, e até nas conversações triviaes, e grosseiras da gentalha do vulgo. A respeito de umas, e outras, referirei sómente, para ommittirmos as mais, duas autoridades do maior Critico, que nesta materia houve no Orbe Litterario, já se entende que fallo de *Horacio Flacco*, que na sua Epistola aos Pi-

ões fallando das primeiras, diz assim:

In verbis etiam tenuis cautusque serendis . . .

. . . . . .

. . . . . Si forte necesse est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum;
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget: dabiturque licentia sumta pudenter.
Et nova facta que nuper habebunt verba fidem; si
Græco fonte cadent, parce detorta. Quid autem:
Cæcilio Plautoque dabit Romanus, ademtum
Virgilio, Varioque? Ego cur adquirere pauca
Si possum, invideor? quum lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit. Licuit, semperque licebit
Signatum præsente nota procudere numnum.

Hor. de Art. Poet. ℣. 45. & ℣. 48. & seq.

E tractando das segundas, se exprime deste modo:

Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum. . .

Id. supr. ℣. 47. 48.

De sorte, que não só as permitte, como as primeiras, em caso de neces-

que

dade; mas até dá grandes louvores ao que as ajuntar engenhosamente, e com delicadeza. . . . . .

Se esta primeira parte dos meus versos fôr acolhida benignamente, cuidarei em emendar a segunda para a dar ao prélo com toda a brevidade.

FOi taixado este livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 30. de Janeiro de 1792.

Com três Rubricas.

INDICE

DOS VERSOS QUE SE CONTE'M NESTE LIVRO.

SONETOS

ALma feliz, que para o Ceo voaſte Pag. 18
Amor, gentil Iſmene, ſe fez forte 52
Amor preverſo, que Tantalea ſede 27
Amor qual ſetta para mim um dia 69
A noite ſobre os campos eſtendia 75
Aquelles pretos olhos engraçados 49
Armando Alfeno aos paſſaros um dia 77
A's aguas de um ribeiro ſombreado 7
As campinas undi-ſonas dourava - - 6
Banhado em ſuaviſſima alegria - - - 13
Chorando ſempre chêo de amargura - 24
Co' as tranſas de boninas enaſtradas - 58
Com duro mando o barbaro Deſtino 74
Com ferrada, nodoſa, e longa vara 78
Com largo cinto, lugubre veſtido - 79
Com Marcia bella um infauſto dia - 19
Com o facho de Amor Hymineu rindo 47
Com o roſto enfiado e lagrimoſo - - 5
Coroada de florida amendoeira - - 72

Cu-

Cupido por capricho, e por tontice 45
Cupido, que tegora triunfante - - 73
De meus males Amor compadecido 15
Depois que o impio Oreſtes delirante 76
De procelloſo mar vejo cingida - 30
De refulgentes aſtros laureada - - 2
Deſatem-ſe as eſtrellas radioſas - - 1
De teus brilhantes olhos namorado - 51
Diſſe Juno a Minerva: „ Eia acabemos 38
Docto, e honrado Joſé, ramo preclaro 59
Donde a gan fina, donde houveſte a idéa, 62
Dos Deoſes, e dos homens exfecrado 34
Eburnea breve mão candido linho - 64
Em celeſte viſaõ, quando eu dormia 14
Empunha, Alfeno, Amor me diſſe um dia 57
Em ſonhos me moſtrou Amor um dia 21
Entre nuvens de talco ſahe Iſbella - 71
Eſgotou ſeu theſouro a Natureza - 50
Feliz o que da Corte retirado - - 17
Gentil Marilia, os teus olhos bellos 29
Huma noite em viſaõ prodigioſa - - 18
Illuſtre bella Alciſppe, a Grande, a Digna 60
Joias caras, dulciſſimos penhores - 32
Jonia gentil, com um daſcado ſeixo 56
Ludibrio fui da perfida ventura - - 33
Louvem-te embora a angelica belleza 48
Maligno Amor, em vaõ de mim procura 20

Meu

Meu bom Genio co'a Lyra adormentando 61
Muſas, cantai o dia venturoſo - - 43
Naõ ſeraõ ſó as tranſas de ouro fino 11
Naõ ſe ſellava as immortaes façanhas 37
Niſto paráraõ, Marcia ſementida - 31
No intimo peito c'um farpaõ dourado 66
Nas braços da Innocencia reclinada 44
Numa ſelva de lilas que enfeitava - 54
Oh doce vida, oh ſempre venturoſo 70
Oh ſanta May de Amor, May da Alegria 65
Os Deoſes immortaes moſtrar quizeraõ 13
O tormentoſo golfaõ e empollado, 23
Picado Amor, de que os mortaes diziam 67
Porque de novo as lides amoroſas 35
Quando me ponho a contemplar ſizudo 36
Quaõ riſonho das vagas radioſas - - 28
Que he iſto que ouço? Chamam fingimento 9
Que negra ſolidaõ, que ſaudoſa - 8
Que triſte horror! Que muda ſoledade 26
Quem vio teus olhos, adorada Iſmene, 53
Ruja o bravo Leaõ quadrupedante - 46
Sapiente Corrêa, firme eſteio - - - 68
Se as lagrimas que tenho derramado, 25
Sobre um carro pompoſo Amor ſentado 4
Surgem do argenteo Reino Neptunino 40
Taõ alto ſe arrojou meu penſamento 41
Taõ riſonho, e benigno Amor tyranno 3

Ten-

Tenra vergontea da arvore formoſa, 42
Tinto o roſto de inveja, e de braveza 39
Tinto o vulto gentil de acerbas dores 55
Vê, como eſtá ſereno, e deleitoſo - 22
Vem, (diz-me o improbo Deos dos amadores) - - - - - - - 63

MADRIGAL

Em quanto tu debuxas, linda Clara 80

ECLOGAS

Agora que a viçoſa Primavera - - 145
Dize-me, Pegureiro mercenario - - 107
Em quanto ao fogo Thestylis prepara 121
Era alta noite, e as aguas prateava 83
Huma clara manhan delicioſa, - 133
Salve, honrado Paſtor, meu doce amigo, 89

CANTATAS

Doce he ver na ſerena madrugada, 159
Já o Sol de purpureas froxas luzes 165

CANÇAÕ

Deſce do Ceo, Melpomene benigna 173

CAN-

CANÇONETAS

Armania, a gruta entremos, - - - 265
Ha de Cynthia na alta ferra - - - 231
Mudado em ave - - - - - - 285
Numa ſelva alcatifada - - - - - 217
Os cabellos de Marina - - - - 201
Pelas praias ſalpicadas - - - - 199
Quando vém, celeſte Armania - - 281
Que daria á linda Clara - - - - 189
Venha a Lyra alti-ſonante - - - 183
Uns lindos olhos - - - - - - 271

QUINTILHAS

Chegou Nize cortejada - - - - 299

Pag.	Linh.	ERROS.	EMENDAS.
20	17	Deſço	deço
32	9	o meu	o meu Bem
36	8	com o	co'a
38	8	Por elle Clara	a Clara
ibid.	12	EſpoſaTonante	do Tonante
79	5	Livte	livro
95	9	tu a	tua
ibid.	19	com a	co'a

Pag.	Linh.	ERROS.	EMENDAS.
96	*Depois da linha 19*		Com o semblante palfido e ſereno
97	4	com á	co'a
118	17	arcádorio	arcado rio
128	12	fauçta	fruçta
165	9	disjunguem	disjungem
167	13	de	do
ibid.		rindo	vindo
170	21	ſaylva	a ſylva
175	10	Erreiça	Erriça
178	16	águda	a aguda
202	21	Abondade	A bondade
207	18	derepente	de repente
219	9	juvcntæ	juventæ
225	ult.	*depois &c.*	Vid.
223	18	Mês	Meio
ibid.	19	exhá-la	exhala
227	20	Preſumçoſos	Preſumpçoſos
243	21	briiha	brilha
246		eſpalhadas	eſpalhadas
247	18 19	*prepoem-lhes as*	„ *que lhes faltam*
250	20	Amriſo	Anfriſo
252	20	ati	a ti
253	21	ſobre humanos	ſobre-humanos
256	18	Desfecha	Desfechou
260	15	Qúe	Quem
276	3	Affluctuante	A fluctuante
278	19	derepente	de repente
299	2	fartante	farfante
300	6	ja mais	jamais
301	18	C'oviço	C'o viço

VERSOS
DE ALFENO CYNTHIO.

SONETO I.

A FEBO.

Deſatem-ſe as eſtrellas radioſas
Em farpados coriſcos crepitantes;
Abram do abyſmo as fauces eſpumantes
Com rouco eſtrondo as ondas tormentoſas.

Soberbas torres, arvores annoſas
Proſtrem no chão os ventos ſibilantes:
Moſtre embóra as entranhas chammejantes
Tremendo a terra, e as Regiões fumoſas.

Neſte cháos horrendo ſubmergido,
Tranquillo exhalarei o extremo alento
Se julgo, ó Febo, ſer de ti querido.

A ſombra temo ſó do eſquecimento:
He nullo para a Gloria um eſquecido,
E iſto ſó me horroriza o penſamento.

A' GLORIOSA ASSUMPÇÃO
DE MARIA SANTISSIMA S. N.

SONETO II.

DE refulgentes aſtros laureada,
Mais que o Sol bella ſobe ao Ceo Maria;
Uivando o inferno, uivando a Morte impia,
Entre milhões de Serafins levada.

Chega á porta de gemmas eſtrellada;
Eis o ſalão da etherea Monarchia
Retumba com dulciſſima harmonia
Pelas candidas Virgens modulada.

Com jubilo a Beatifica Trindade
Recebe a Filha, a Mai, a Caſta Eſpoſa,
E a corôa de immenſa Mageſtade.

Serena, ó Terra, a face lagrimoſa;
Depõe as triſtes roupas da Orfandade,
He a meſma no Empyreo a Mai Piedoſa.

A' SENHORA D. M... D... C...

SONETO III.

TÃo risonho, e benigno Amor tyranno
Me apparecêo nos olhos de Marfida,
Que logo a alma lhe entreguei rendida
Sem recear algum occulto engano.

Triſte demim! em breve por meu damno
Vi em ira a brandura convertida;
Mal no laço traidor a tem colhida,
A entrega á Furia do ciume inſano.

Mortaes ditoſos, que viveis izentos,
Se nos olhos de Maga formoſura
Amor vos moſtra ternos movimentos;

Não vos fieis jámais da vã ternura:
Atraiçoado encobre mil tormentos
Com tão meiga apparencia, e tão ſegura.

A' MESMA SENHORA.

SONETO. IV.

Sobre um carro pomposo Amor sentado
Vi, tirado por miseros amantes;
Aos lados cem filcias triunfantes
De Miniſtros crueis do Deos vendado.

Atrás ia o grão Jove agrilhoado
C'os Deoſes das eſferas radiantes;
Neptuno, Pan, e Nymfas mil galantes,
E até Plutão no vulto carregado.

Eis Marcia aſſoma: Amor ſubito adeja
Ao ſeu encontro: as armas, e as bandeiras
Depõem em terra os férvidos Amores.

Humilde a Marcia o Rei a mão lhe beja:
Manda ſoltar as turbas prizioneiras:
Férem o ár os vivas, e os louvores.

A' MESMA SENHORA.

SONETO V.

COm o roſto enfiado, e lagrimoſo
Por fragas, por eſpinhos diſcorria,
E a todos, louca, o filho ſeu pedia
A Deoſa, que naſcêo no reino undoſo.

Eu que obſervava o effeito milagroſo
Do géſto de Marilia, que rendia,
D'uma ſó moſtra, á ſua tyrannia
Meu coração indomito, e brioſo:

„ Serena, digo, o angelico ſemblante:
„ Nos olhos de Marilia occulto vejo
„ Salteando izenções Amor triunfante:

„ Alma Cypria, em alviçaras deſejo,
„ Que me abrandes o peito de diamante
„ Deſta Nynfa gentil brazão do Tejo.

A' MESMA SENHORA.

SONETO VI.

AS campinas undi-ſonas dourava
A radioſa luz do Sol naſcente,
Ardia em rôxas flammas o Oriente,
O orvalho ſobre as flores ſcintillava:

Nas aguas Neptuninas ſe banhava
Venus, a ſaudá-la diligente
Baixava Amor do Olympo refulgente,
E a mão, e a roſea face lhe beijava.

Quãdo o explẽdor dos olhos ſeus deſcobre,
Explendor que arrebata a toda a idéa,
Marilia novo Oriente ao mundo abrindo;

Subito denſa nuve a Febo encobre:
Eſconde-ſe nas ondas Cytheréa:
Deixa as armas cair Amor fugindo.

A' MESMA SENHORA.

SONETO VII.

AS aguas de hum ribeiro ſombreado
De floridos copados azareiros,
Cercada de Amorinhos prazenteiros,
Marcia entregava o corpo delicado.

Doce era ver o boſque debruçado
Lançar ſobre ella candidos chuveiros,
Quando os liquidos campos liſongeiros
Rompe a compaſſo d'um, e d'outro lado.

Doce era ver os membros cryſtallinos
Pratearem a plácida corrente,
Nova luz accendendo na eſpeſſura.

Niſto em mim fita os olhos ſeus divinos:
Como então não morrí, Fado inclemente!
Não viviria agora em treva eſcura.

A' MESMA SENHORA.

Feito no penedo da Saudade junto a Coimbra.

SONETO VIII.

QUe negra ſolidão, que ſaudoſa
Se deſcobre d'aqui deſte Penedo!
No emaranhado fúnebre arvoredo
Os roucos graſnos dobra a gralha annoſa.

Retumba a voz do lobo pavoroſa
Ao longe lá no concavo rochedo:
Revôa em torno o arrepiado Medo
Em noite tão horrenda, e tenebroſa.

Eis remoinham ventos Sibilantes:
Cáe de ſaraiva horrí-ſono chuveiro:
E aos Ceos aluem enxofrados lumes.

Chorai Alfeno, miſeros amantes,
Que eſpera aqui o dia derradeiro
Trabalhado da auſencia, e dos ciumes.

A' MESMA SENHORA.

Duvidando-ſe da ſinceridade do meu Amor.

SONETO IX.

QUe he iſto, q̃ ouço? Chamam fingimento
A meu ſincero affecto, Amor eſquivo!
Quando ardo por Marilia em fogo activo,
E me deſfaço em miſero lamento!

Querem talvez, que o Eſpirito violento
Me fuja envolto em pranto ſucceſſivo?
Ou que em cinzas me torne o incendio vivo,
Para crerem então o meu tormento?

Que te queres vingar, Amor, ſuſpeito,
Dando-me o teu ſuplicio mais penoſo,
Do ledo tempo em izenção vivido.

Mais doce he adorar ferino peito,
Raivar de zelos; ou morrer ſaudoſo;
Do que amar como eu amo, e não ſer crido.

A' MESMA SENHORA.

SONETO X.

HUma noite em visão prodigioſa
Foi-me o Templo de Amor manifeſtado;
Alli o vi de lagrimas banhado,
Em vão chamando a Morte ſanguinoſa.

Junto delle obſervava a Mai formoſa
Com o ſeu apertando o roſto amado;
Balbuciente, trémulo, enfiado
Do Nume inquiro a cauſa dolorosa.

„Roubou-me os meus farpões, arco, e aljava,
Me diz chorando Amor, „Marcia traidora,
„ Quando em plácido ſomno repouſava.

„ Fugi, Mortaes, da pérfida Paſtora:
„ Se com ſeu geſto ſó tantos matava,
„ Que eſtragos não fará armada agora?

A' MESMA SENHORA.

SONETO XI.

NÃo forão ſó as tranças de ouro fino,
Nem de teus pretos olhos a viveza,
Que vencêrão a indomita rijeza
D'eſte meu peito alpeſtre, e diamantino.

Mas tambem teu engenho peregrino,
A candida innocencia, e a pureza,
Em que a alma reſguardas ſempre illeza,
Em tempo tal, de ti, Maria, indigno.

Só aſſim poderia Amor doloſo,
Seus farpões contra mim tendo baldado,
Submeter-me ao ſeu jugo doloroſo.

Nunca, meu Bem, teria-me domado,
Se não foras reſumo precioſo
De quanto ha mais de bello o Ceo creado.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XII.

Banhado em ſuaviſſima alegria
Me pulla o coração dentro no peito,
Vendo que Amor me unio com laço eſtreito
A Marcia mais gentil, que a luz do dia.

O mundo ao ſeu poder, e tyrannia
O vão Conquiſtador moſtre ſujeito;
Deslumbre a plebe o Rico ſatisfeito
Com pompas ſumptuoſas á porfia.

Veja altivo o Privado turba ingente
De Cortezãos cercá-lo a toda a hora,
Ao ſeu menor aceno obediente:

Maior gloria, e brazão alcanço agora
Do meu jugo amoroſo, mutuamente
Levado com prazer por ti, Senhora.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XIII.

OS Deoſes immortaes moſtrar quizeraõ
O ſeu poder a quanto ſe eſtendia,
Quando ao mundo a angelica Maria
Rica de perfeiçõ̃es, liberaes deraõ.

Cytherêa, e os Amores compuſeraõ
O ſemblante, e airoza galhardia:
Dêo-lhe Juno gentil ſoberania:
As tres Irmãas de graças mil a encheraõ.

Formou-lhe Pallas a alma encantadora:
Do pejo virginal, e caſtidade
A enriquecêo a Deoſa caçadora.

Mas por guardas fieis á Liberdade
Te pôz no coraçaõ, linda Senhora,
Seu pundonor eſquivo, e crueldade.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XIV.

EM celeſte viſão, quando eu dormia,
Se me moſtrou hum Templo mageſtoſo,
Forrado de explendor prodigioſo;
Que a meſma Luz do Sol eſcurecia.

De corações immenſa pyra ardia
Sobre o altar fumante, e ſanguinoſo;
E um confuſo alarido lagrimoſo
As douradas abobedas feria.

Arcos partidos, ſettas embotadas
Juncavam o eſmaltado pavimento,
Rotos grilhões, e fachas apagadas.

No fim em throno de gemmado argento,
Vi Marilia, e em torno agrilhoadas
As legiões de Cupido cento, e cento.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XV.

DE meus males Amor compadecido,
Levou-me a huma ſala ſumptuoſa,
Onde vi a Marilia tão formoſa
Como a Deoſa, que humilde adora Gnido.

Com hum longo feſtão recêm tecido
De mil Deleites pela mão mimoſa,
O Deos com a Ventura gracioſa
Trazer-me intenta á Nynfa ſempre unido.

Niſto entra com o aſpecto carrancudo
A Deſventura vozeando irada.
Eis ólho em derredor, vejo hermo tudo.

Subito a ſala deixa ſemeada
Do feſtão roto; e a mim tremente, e mudo,
D'uma cadéa me cingio pezada.

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO
DE
MARIA SANTISSIMA N. S.

SONETO XVI.

Tinto de aſſombro eu vejo o Drago infando
Enroſcado cingindo um globo denſo;
Morde a farpada cola em odio intenſo,
As eſtridentes conchas encreſpando.

Maria em cima mais, que o Sol brilhando
Unica ſalva do veneno immenſo,
Com pé forte lhe piza o collo infenſo,
Em vão por boca, e olhos chammejando.

Em torno doctas vozes á porfia
Os ſeus triunfos em louvar ſe eſmeram,
Com Hymnos de grandiloqua Poeſia.

Que premio os ſeus devotos não eſperam?
Crede ás mãos puras que Ella ao Ceo envia
Em vão jámais em noſſo bem ſe ergueram.

A' VIDA RUSTICA.

SONETO XVII.

FEliz o que da Corte retirado,
Lá nos campos que herdou de ſeus maiores,
Imitando os ſingellos lavradores,
Volve os patrios terrões c'o lizo arado.

Não deſperta jámais alvoroçado
Da rude chuſma aos nauticos clamores;
Nem ao tom dos horrificos tambores,
Ou da eſtrondoſa bomba ao rouco brado.

Sem de temor pender, nem de eſperança,
Não vai co' a leve turba aduladora
Incenſar os altares da Privança.

Humilde em fim a Providencia adora,
No meio da tormenta, ou da bonança:
Eſta he a vida, ó Ceos, que me namora.

A' Morte de Domingos dos Reis Quita.

SONETO XVIII.

ALma feliz, que para o Ceo voaſte,
Livre deſta prizão, e carcer cego,
Gozando allì em perennal ſocego
Do Summo Bem, que tanto, Alcino, amaſte.

As procellas horrificas domaſte
D'eſte empollado, e furibundo pego;
Melhor, que as evitou o Sabio Grego,
As pérfidas Serêas evitaſte.

Se neſſas Regiões ſempre ditoſas,
Immenſa plenidão do prazer puro,
Eſcutas minhas vozes ſaudoſas;

De lá me moſtra neſte valle eſcuro,
Com as tuas virtudes luminoſas,
Por onde ſubirei a ti ſeguro.

Metamorfoſe de um Trovador.

SONETO XIX.

COm Marcia bella n'um infauſto dia
Um infernal Poeta converſava,
Que c'os malditos verſos que arrotava,
A' triſte Nynfa nauſear fazia.

Com geſto amargurado ella ouvia,
E dos pés á cabeça treſſuava;
Mas por mais moſtras, que de anguſtia dava,
A' nada diſto o bruto ſe movia.

Vendo então, que não ceſſa a furia inſana,
Invoca em ſeu favor o Ceo ſubido,
Que a livraſſe de pena tão tyranna.

No claro Olympo foi ſeu rogo ouvido;
E perdendo o ſelvage a forma humana,
Subito foi em burro convertido.

A' SENHORA D. M... J...

SONETO XX.

Maligno Amor, em vão de mim procura
Novo tributo o teu ſuave riſo;
Já demente não ſou, já cobrei ſizo,
Já quanto cuſta ſei tua doçura.

Mas oh Ceos! que engraçada formoſura
O perfido me moſtra de improviſo!
Na ambroſia coma, é geſto almo diviſo,
Que ſer não póde humana creatura.

Aonde eſtão, Amor, teus doces laços?
Aonde o leve jugo? Aqui te offreço
Humilde o collo, aqui te eſtendo os braços.

Mas ſe tão alto bem te deſmereço,
Raſga-me o coração em mil pedaços,
Feliz, e alegre ao túmulo já deſço.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXI.

EM ſonhos me moſtrou Amor um dia,
Gentil Marcia, os teus olhos triunfantes
A quem ſacrificavam mil amantes
Os rotos corações em ara impia.

Do terno pranto, que cada um vertia,
As victimas banhavam palpitantes;
Conſomem tudo as chammas rutilantes,
Onde o deſejo eternamente ardia.

Em quanto attento o caſo portentoſo
Do ſacrificio aſperrimo, e cruento,
E o teu ſemblante altivo, e deſdenhoſo:

„ Cedo, me diz Amor, vingar-me intento,
„ E tu ſerás, Alfeno, o venturoſo
„ Que me ſubjugues o ſeu collo izento.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXII.

VE, como eſtá ſereno, e deleitoſo
O mar leite, gentil Marilia ingrata,
Como nas aguas nitidas retrata
Os Ceos ceruleos Febo radioſo!

Porém ſubito inchado, e procelloſo,
Em ſerras cava a creſpa undoſa prata;
E c'o fero Aquilão bramindo trata
A lampada apagar do Sol formoſo.

Copia fiel do pérfido elemento
Te contemplo, meu bem; toda brandura
Affavel riſo, e terno accolhimento.

Mas tinto de ira, e de ſuſpeita impura
Vejo o teu roſto infido num momento;
Bate as azas Amor, foge a doçura.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXIII.

O Tormentoſo golfão, e empollado,
Que me aparta do teu gentil ſemblante,
Em batel fragil romperei conſtante,
De teus divinos olhos animado.

Em vão erguendo o herriſono coſtado
Me ſobe ao negro Polo fuzilante;
E em vão furtando o corpo vacillante
Me arroja ao fundo quaſi ſoçobrado.

Mas ſe a benigna eſtrella, que eſtou vendo,
Minha guia, e dulciſſimo conforto,
O Deſtino cruel fôr eſcondendo:

Perdido o Norte eſtá, perdido o porto;
Eis devora o batel o abyſmo horrendo:
E o teu Alfeno, o teu Alfeno he morto.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXIV.

CHorando ſempre chêo de amargura
Do meu Deſtino os barbaros furores;
Fugindo o ledo trato dos Paſtores
Só cercado da minha Deſventura.

De dia expoſto neſta rócha dura
Da canicula aos fervidos ardores,
No ſilencio da noite entre os horrores
De ſuſurrante funebre eſpeſſura.

Vendo as feras tragar-me o pobre gado,
Hora aqui uma rez mêa comida;
Hora alli um novilho degollado.

Perdendo em fim a cada inſtante a vida:
Aqui verás Alfeno retratado
Saudoſo de ti, bella Marfida.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXV.

„ SE as lagrimas, que tenho derramado,
„ E do meu coração a atróz ferida,
„ Se a furia de meus males inſoffrida
„ A compaixão te movem, Deos vendado:

„ Faze, que Alfeno, Alfeno deſgraçado,
„ Antes que perca a doloroſa vida,
„ Um inſtante, ſe quer, veja a Marfida
„ Sem Argos, ſem temor, junto a ſeu lado.

Aſſim dizia as aras orvalhando
Do fero Nume com meu pranto ardente,
E com ſupplices braços apertando.

Niſto alça um pouco a venda, e ſorridente,
Me torna aquelle monſtro deteſtando:
„ Lá no Elyſio a verás: eſtás contente?

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXVI.

QUe triſte horror, que muda ſoledade
Me abafa em torno neſta ſelva eſcura!
Onde a eſpaços vislumbra na eſpeſſura
Da Lua a incerta, e froxa claridade.

Ouço Melampo uivar na minha herdade;
A rouca rã em ſeu graſnar atura;
Ruge a aura ſurda, lobrego murmura
O ribeiro movendo a ſaudade.

Eis ſinto a voz dos Mouchos agoireira
Dobrar os guinchos na ouca penedia:
Annunciam meu fim? O Ceo o queira.

Que mortal mais feliz do que eu ſeria,
Se de meus annos a infeliz carreira
Aqui findaſſe ſem mais vêr o dia?

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXVII.

AMor perverſo, que Tantalea ſede
As ferinas entranhas te abrazêa?
Noite e dia no roſto me ſerpêa
Pranto, que a Auſencia para ti me pede:

Mas tua barbaria á Tigre excede,
Que na Hyrcania famelica vaguêa:
Por mais que ſólto a lagrimoſa vêa,
Nunca ver o meu bem ſe me concede.

Queres ſangue, cruel? Que te demora?
Porque os teus beiços ávidos não banhas
No roto peito, e coração partido?

Feliz ſe vejo a angelica Paſtora,
Quando minh'alma as pallidas entranhas
Deixar envolta no ultimo gemido.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXVIII.

QUaõ riſonho das vagas radioſas
Alça o brilhante Febo a roxa fronte,
Purpureando o eſtellifero horiſonte;
E alegrando as campinas ſaudoſas.

As orvalhadas ramas bulliçoſas
Das frondentes Irmãns de Faetonte,
Tremulas brilham junto á clara fonte,
Abraçadas das vides pampinoſas.

Conduz do apriſco ao ſom da tenue avena
A paſtoril companha os gados fóra,
Alternando a ſilveſtre cantilena.

De vêr-te, ó Marcia, aſſoma a feliz hora:
Vem: ah não queiras, que a manhã ſerena
Em noite horrenda ſe me torne agora.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXIX.

GEntil Marilia, os teus olhos bellos
Taes graças tem, e magica doçura,
Que os Paſtores, e as Nynfas da eſpeſſura
Ardem em puro amor, raivam de zelos.

Mal, por mercê de Amor, chegui a vê-los,
Logo immolei no templo da Ternura,
Por victimas á ſua formoſura
Ancias, ſuſpiros, lagrimas, diſvelos.

Com eſtes namorados ſacrificios
Eſpera a minha fé em alguma hora
Deſarmar ſeu rigor, tê-los propicios.

Entaõ ao ſom da Cithara canora
Entoarei alegres Epinicios
A' terna Deoſa, que Amathunta adora.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXX.

DE procelloſo mar vejo cingida
De Marilia a explendida morada ;
De veladores Argos vigiada ,
De adamantinas torres defendida.

De balde em fragil quilha a embravecida
Face do pego eſpero ver domada ,
Que encapellando a nivea carneirada
Quaſi a tem no profundo ſubmergida.

Mas ſe os ſeus olhos, nitidas eſtrellas ,
Com amoroſa luz , fixa , e brilhante
Me guiam entre as horridas procellas :

Eu ſurgirei no porto triunfante :
E illudindo as previſtas ſentinellas ,
Farei cair os muros de diamante.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXXI.

NIſto paráraõ, Marcia fementida,
Os tremendos continuos juramentos?
Niſto paráraõ? Ceos! Com que tormentos
Quer Cupido arrancar-me a triſte vida!

Aquella alta eſperança merecida
De meu ardente amor, caſtos intentos,
Lançáraõ-na por terra os rijos ventos
Da tua Ingratidaõ enfurecida!

Como, ó Nynfa gentil, como mudaſte
A innocencia, a candida ternura,
Com que o altivo collo me domaſte?

Naõ, meu bem, naõ podias ſer perjura:
Involuntaria as Leis executaſte
Do cruel Deos, da minha Deſventura.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXXII.

Joias caras, dulciſſimos penhores
Da maõ traçados da gentil Maria;
A minha gloria já, minha alegria
Quando era o mais feliz entre os Paſtores.

Quem podia eſperar de taes fiadores,
Que o meu perjuraſſe em algum dia?
E a ſerpe da traiçaõ que ſe eſcondia
Entre tão lindas, e mimoſas flores?

Serranos, que de Amor neſta eſpeſſura
Levais o jugo aſperrimo, e tyranno
Seguindo um falſo bem, uma loucura;

Ouvi a voz do experto Deſengano:
Fugi d'onde encontrardes formoſura,
Alli reina a mentira, alli o engano.

AO DESENGANO

SONETO XXXIII.

LUdibrio fui da perfida Ventura,
Quando vivî de Amor no captiveiro:
Cruel ſenhor, perverſo liſongeiro,
Que, quanto mais promette, mais perjura.

Graças ao Ceo! já livre na eſpeſſura
Os grilhões ſuſpendî neſte loureiro;
Goſtoſo ouvindo o limpido ribeiro,
Que eſmalta murmurando eſta verdura.

Longe de mim aquelle á quem engoda
Com fantaſticos bens o Deos vendado,
E no cume ſe vê da fatal roda.

Vem para aqui, feliz Deſenganado;
Vem do collo lavar a infame noda
Do vergonhoſo jugo namorado.

AMOR SALTEADOR.

SONETO XXXIV.

DOs Deoſes, e dos homens execrado
Por ſua crueldade, e atrevimento,
Fugio Amor, e ſalteador cruento
Se fêz de Amores mil acompanhado.

Entre acaſo num boſque emaranhado;
Onde acampára o rancho turbulento
Eis que retine um ſilvo, e num momento
Fui da feroz quadrilha ſalteado.

Quem da alma Paz, da proſpera Alegria,
E juvenís Cuidados me deſpoja:
Quem da altiva Izençaõ com maõ impia:

Quem da mente a Razaõ me deſaloja;
E Tormento, e Furor ſubſtituîa,
E em ferros prezo aos pés do Rei me arroja.

A CUPIDO.

SONETO XXXV.

POrque de novo as lides amoroſas,
Queres que emprenda, barbaro Cupido?
Se da Razão no templo ſuſpendido
Por trofeo tenho as armas glorioſas.

Vencî; quebrei cadêas vergonhoſas
Da benefica Deoſa ſoccorrido:
Mas fiquei tão magoado, tão ferido
Que inda me ardem as chagas laſtimoſas.

Em vaõ com mil Liſonjas adejando,
Te esforças ir na experta fantaſia
Meus ſopitos Deſejos atiçando.

A rigida Pruſſencia, que me guia,
A égide terrifica embraçando,
Tudo converterá em pedra fria.

AOS REMORSOS.

SONETO XXXVI.

QUando me ponho a contemplar fizudo
Neſta minha eſtragada inutil vida,
De miſerias ſem numero tecida,
Fito os olhos no chaõ, corrido, e mudo.

Depois vejo c'o geſto carrancudo
Creſpo de ſerpes, com a facha erguida
Alecto, que no peito enfurecida
Parece que me crava um dardo agudo.

Alço aos Ceos alarido lamentoſo;
E logo em meu favor os ares fende
A Eſperança aterrando o monſtro iroſo.

Mas já remiſſa a meu clamor attende:
Talvez naõ virá mais, ſe o Ceo piedoſo
Deſta furia cruel me naõ defende.

A' SENHORA D. C... M...

SONETO XXXVII.

NAõ te ſellava as immortaeâ façanhas,
Improbo Amor, o ter Jove domado:
Mas ſem te envergonhar meu baixo eſtado,
Queres provar em mim armas tamanhas?

Cruel! no Flegethonte as ſettas banhas.
E os ſeus gumes pungentes has chumbado,
Diga-o o peito de Clara enregelado,
Diga-o o fogo, que me arde nas entranhas.

Eu morro, grande Rei, chêo de gloria
Teu nome voará de gente em gente,
Se o mundo ſabe a celebre victoria.

Ah c'um fraco Paſtor Heroe valente!
Se deixar queres inclita memoria,
Só de teu jugo Clara naõ ſe izente.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XXXVIII.

Diſſe Juno a Minerva: „ Eia acabemos
„ Já de uma vez com eſte Amor malvado:
„ De arco, de aljava, e ſettas deſpojado,
„ O remigio das azas lhe talhemos.

„ Por elle Clara o Mundo em ferros vemos
„ Erguer aras, ſervir ajoelhado:
„ Se tardamos em breve rebellado
„ Na terra o antigo culto perderemos.

Pallas lhe torna: „ Eſpoſa Tonante,
„ Melhor he noſſas lidas naó baldar-mos,
„ Deſeſperado o noſſo mal prevejo.

„ Dar-lhe-há as armas ſeu gentil ſembláte:
„ E ſe as fulmineas azas lhe cortar-mos,
„ Lhe empreſtará as ſuas o Deſejo.

A'S MELHORAS DA MESMA SENHORA.

SONETO XXXIX.

TInto o roſto de inveja, e de braveza
Venus deſce á Eſtyge denegrida;
Dalli manda huma Febre enfurecida
Contra Clara das Nynfas a Princeza.

Já chega o monſtro, e vendo a linda preza
Só de innocencia, e graças defendida,
Em vez de retirar-ſe enternecida,
O peito lhe inflammou com a facha acceza

Logo o vulto gentil, placido, e ſanto
De pallidez ſe cobre: Amor tremente
Vôa ao Padre banhado todo em prante.

Eilo anhelando ó Ceos! entra contente;
E c'um licor do Olympo ſacro-ſanto
Das entranhas lhe apaga o fogo ardente.

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA.

SONETO XL.

SUrgem do argenteo Reino Neptunino
Por entre as verdes ondas borbulhantes,
Sobre as eſpaduas de Tritões nadantes
Mil Nereidas de geſto peregrino.

Cada qual no regaço alabaſtrino
Traz galhudos coraes purpureantes,
E as eſmaltadas conchas rutilantes,
Onde gelou o orvalho matutino.

Vem tributar-te, Clara gracioſa,
Quantos dons o Oceano ſenhorêa
De alto valor, e de riqueza ſumma.

Benigna acceita a offerta generoſa,
Com que brindam cada anno a Cytherêa
No dia em que ſaîo de ſalſa eſpuma.

A' MESMA SENHORA.

SONETO XLI.

TAõ alto ſe arrojou meu penſamento
De aerias eſperanças incitado,
Que a todo o inſtante o julgo deſpenhado.
Em pena juſta do ſeu louco intento.

Amor, já que lhe déſte o naſcimento
No terno coraçaõ aſſetteado,
Tu o conduz a venturoſo eſtado,
Apezar do invejoſo macilento.

Magoas, e ſuſtos em perpetuo giro
Sabes que longe dos paternos lares,
Me lançáraõ neſte horrido retiro.

Que vejo! Eis tôa o Ceo turvos os ares;
E á Deſventura ouvi dar um ſuſpiro.
Ou ſonho, ou perecêraõ meus pezares.

AOS ANNOS DA SENHORA D. M... B.. J...

SONETO XLII.

TEnra vergontea de arvore formoſa,
Que, os raminhos gentís deſenvolvendo,
Já nos moſtras a gala, que irás tendo
Em mais ufana idade, e vigoroſa.

Em quanto a Mai com ſombra piedoſa
Vai a tua innocencia defendendo,
Em perfeiçõe, e graças florecendo,
Crece feliz, ó Planta generoſa.

Hoje que Febo c'os frizões dourados
Cerra o brilhante circulo primeiro, (*)
Em que adornar vieſte os noſſos prados.

Benigna acceita os dons de um Pegureiro;
Puros votos aos Deoſes conſagrados,
Que o teu verdor conſervem ſempre inteiro.

(*) Completára entaõ um anno deſde que viera á luz.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO XLIII.

MUſas, cantai o dia venturoſo,
Em que dos Luſos com immenſa dita,
Brilhou no mundo a terra Benedita,
Das Virtudes, das Graças dom mimoſo.

Vede Amor, que banhado o geſto em gozo,
Como quem altas couzas premedita,
De quando em quando nella os olhos fita
Affiando um virote ſanguinoſo.

Porém que vejo, Filhas da Memoria,
Calladas me apontais Claricia bella,
De quem urdindo eſtais a inſigne hiſtoria!

Mas já Cynthio o myſterio me revela:
Sim todo o ſeu louvor, e a ſua gloria
Conſiſte em ſer a linda copia d'ella.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO XLIV.

Nos braços da Innocencia reclinada
Vi Marcia linda neſte fauſto dia;
A' dextra o Genio tutelar ſe via,
E defronte a Virtude ajoelhada.

Sobre uma denſa nuve auri-roſada
Um Livro mais que o Sol reſplendecia;
Nelle a auguſta Virtude attenta lia
Os Deſtinos da Nynfa delicada.

Mas niſto attenta em mim a Deoſa bella,
Manda-me de Ïo o taciturno Moço,
Que os labios meus com o ſigillo ſella.

Fechou-ſe o Livro: cheios de alvoroço
Todos abraçam a gentil Donzella.
Lyſia feliz! Que mais dizer-te poſſo?

PROGENITORES DO CIUME.

SONETO XLV.

CUpido por capricho, e por tontice
Co' a vil Suſpeita deſpoſou-ſe um dia;
Prole viril haver d'ella queria,
Que o amparaſſe na languida velhice.

Em breve um Filho tem, que na doidice,
No geſto, e na figura ao Pai ſaîa;
Mas como a Mai ſobejamente via,
Como ella ſe ira, e amargamente ri-ſe.

Na dextra chammas, e na eſquerda gêlo,
Róe as entranhas com perpetua fome:
N'alma aſſola de Amor o Reino bello.

Razaõ, goſtos, e paz tudo conſome.
Eſta Fera, Mortaes, (tremo ao dizê-lo)
Eſta Fera, o Ciume tem por nome.

A' VIRTUDE.

SONETO XLVI.

RUja o bravo Leaõ quadrupedante,
Silve a praga de ſerpes temeroſa,
E abraze o pólo em noite procelloſa
Jove co'a rubra dextra fulminante.

Erga os mares ao Olympo radiante
A caterva dos ventos furioſa:
Empunhe embora a eſpada ſanguinoſa
Com torvos olhos o Tyranno inſtante.

Caia partida a máquina do Mundo,
E moſtre o negro Averno á luz do dia,
Quanto encerra o ſeu bárathro profundo.

O tranquillo ſemblante moſtraria
A tudo, e meſmo ainda moribundo,
O que a Virtude traz ſempre por guia.

Ás Felices Nupcias da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Maria de Lorena com o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde da Ribeira.

SONETO XLVII.

COm o facho de Amor Hymineu rindo,
Do preclaro Ribeira aos braços guia
A pudibunda a angelica Maria,
Dos honrados Almeidas ramo lindo.

Jove, e os Deoſes a fauſta nova ouvindo,
Sentam-ſe á meza, e tintos de alegria,
Dobra-ſe o nectar, dobra-ſe a ambroſia,
Brindam a Amor os copos retinindo.

Venus por ver a Eſpoſa ao Tejo dece,
Naõ honrando a immortal feſtiva cêa:
Chega; olha-a; de inveja amarelece.

Já o Deſpeito as iras lhe eſporêa...
Mas vio o Eſpoſo, a furia lhe falece,
Que o ſeu Adonis lhe ſurgio na idéa.

MEMORIAL

Á Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Joanna Iſabel Forjaz.

SONETO XLVIII.

LOuvem-te embora a angelica belleza,
De que o Ceo te dotou com maõ profuſa;
Louvem-te as graças da ſuave Muſa,
Ou dos Avós honrados a nobreza.

Eu ſó tu' alma a quem Virtude préza
Louvo, a honra, e explendor da Terra Luſa,
Onde o Merito achar refugio uſa
Naufrago nos cachopos da Pobreza.

Tu ſó, Jonia gentil, tu ſó piedoſa
Có' a lança da benefica Ventura,
Corres a debellar-me a Sorte iroſa.

Já grata em teu louvor a voz ſe apura:
Já para ouvir-me o Mouro(*) ergue a limoſa
Fronte azul, e entre os ſeixos naõ murmura.

(*) *Mouro* = Rio de Mouro ribeiro conhecido, que naſce tres legoas diſtante de Lisboa para a banda de Cintra, cõja eſtrada atraveſſa por baixo de ma eſpaçoſa ponte, dando o ſeu nome a um

A' SENHORA D. J... P... L...

SONETO XLIX.

AQuelles pretos olhos engraçados,
Antes do Ceo de Amor almas eſtrellas,
Que ſerenam as horridas procellas,
Que iroſos contra mim erguem os Fados.

Aquelles aureos fios ondeados,
O eburneo collo torneado, aquellas
Faces roſadas candidas, e bellas,
Labios purpureos, dentes jaſpeados

Minh'alma a tudo vio, mas vio liberta,
Com aſſombro de Iſmene, e Amor corrido,
Eſcudando-a a Razaõ próvida, e experta.

Eis vi ſeu coraçaõ, fiquei rendido:
Como a victoria penderia incerta,
Se a Razaõ m'o mandou, e naõ Cupido.

lugar inſigne pelas ſuas amenas, e grandioſas quintas. = *Nota do Editor.*

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA

SONETO L.

ESgotou ſeu theſouro a Natureza,
Quando formou de Iſmene o geſto lindo:
Voou Amor, e a Deoſa prevenindo
A alma lhe infundio co'a facha acceza.

Abrio-lhe os olhos chêos de viveza,
Dalli farpões em braza deſpedindo:
Agudos ais eſtaõ o ar ferindo
Da triſte gente, que arde ſem defeza.

Mortaes, chegou o dia venturoſo,
Em que attento a honrar da Ninfa os annos
Amor é todo brando, e carinhoſo.

Ah vinde ſem temer os ſeus enganos:
Eſte dia é ſagrado ao puro Gozo,
Profaná-lo naõ podem magoas, damnos.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LI.

DE teus brilhantes olhos namorado,
E meu rival o barbaro Cupido,
Um dia me aſſaltou enfurecido
Dos cruentos Frecheiros rodeado.

Pelo bando feroz agrilhoado,
Fui ánte o impio Rei offerecido;
Que, armando a dextra de um punhal boido,
O terno peito me deixou raſgado.

Naõ ſatisfeito ao coraçaõ me aponta,
E tres vezes feri-lo em vaõ tentára,
Sem o callar o ferro ſe deſponta.

Tinto de aſſombro no prodigio encara:
Quando ſubito vê com ſua affronta,
Que alli a tua imagem me amparára.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LII.

AMor, gentil Iſmene, ſe fez forte
Nos teus traveſſos olhos vencedores,
Dallî chovem hervados paſſadores,
Que aos miſeros mortaes daõ certa a morte.

Na linda bocca tem ſeu throno, e Corte;
Nella dá audiencia c'os Amores
A ſupplices queixoſos amadores,
Que aguardam palpitando a ſua ſorte.

Donde vem, que em ſeu peito alabaſtrino,
Sem nunca repouzar a turba alada,
Vôa, e revôa em torno de contino;

„ Naõ ſabes, que eſta angelica morada,
Sorrindo-ſe me diz o Deos maligno,
„ A' lúbrica Inconſtancia he dedicada?

A' MESMA SENHORA.

SONETO LIII.

QUem vio teus olhos, adorada Iſmene,
Chêos de graças, chêos de ternura;
Quem vio tua divina formoſura,
Naõ ſe queixe de amor por mais que pene.

Os mais rijos farpões Cupido empenne,
Renove o arco, forneça a aljava dura;
E de armas tecendo horrida eſpeſſura
Seus Miniſtros crueis em campo ordene.

Contra os humanos a falange crua
Torvo conduza, e em batalha impia
Vença, lance por terra, mate, eſtrua.

Mais inſigne victoria ganharia
Teu lindo geſto com affronta ſua,
N'uma ſó moſtra, que de ſi daria.

A' SENHORA D. J... F... L...

SONETO LIV.

NUma ſelva de Lilas, que enfeitava
A maõ de Abril de azuis cachos cheiroſos,
Depoſto o arco, e os ferros ſanguinoſos,
Amor na molle relva dormitava.

Eu q̃ entre huns denſos ramos o eſpreitava,
Fitando nelle os olhos duvidoſos,
Manſo, e manſo com paſſos temeroſos
Chego ao Deos cego, e as armas lhe furtava.

Corro ufano a jactar-me a toda a Aldéa;
E em opprobrio de Amor contino armado
Do deſpojo traidor ando: mas hoje

Nos olhos da aurea Jonia me ſaltêa;
A' ſua viſta caio deslumbrado;
Cobra as armas crueis; fere-me, e foge.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LV.

Tinto o vulto gentil de acerbas dores,
O aureo cabello aos ventos eſparſido,
Nú um pé, e outro, em ſangue, e denegrido
Vaga por Cintra a Deoſa dos Amores.

„Piedoſas Nynfas (brada), e vós Paſtores,
„ Dizei-me ſe entre vós vive eſcondido,
„ A vida de minh'alma, o meu Cupido:
„ Eu prometto adoçar os ſeus rigores.

„Deoſa (lhe torno) ao teu Frecheiro ardente
„ Nos ſeus traveſſos olhos Jonia encerra,
„ Que a côr imitam do humido Tridente.

„ Mal rutiláraõ neſta amena ſerra,
„ Ergue o vôo a Izençaõ pelo ar patente;
„Deslumbram, ferem, matam, põem por terra.

A' MESMA SENHORA.

SONETO. LVI.

JOnia gentil, com um laſcado ſeixo,
Em ſignal dos reciprocos ardores,
No lizo Freixo entre feſtões de flores,
Teu doce Nome, e o meu gravados deixo.

Creſcerá té ao Ceo o verde Freixo,
E creſceráõ iguaes noſſos amores,
E ao redor aſſombrados os Paſtores
A dita invejaráõ do terno Aleixo.

Invicto Amor, eſt'arvore te voto,
Tu a protege da fulminea chamma,
Do abrazador Soaõ, do bravo Noto.

E a Nynfa, a que aſſombrar a ſua rama,
Tu faze, que ame por impulſo ignoto,
Como a Aleixo a meiga Jonia ama.

Á' MESMA SENHORA.

SONETO LVII.

„ EMpunha, Alfeno, Amor me diſſe ú dia,
„ Eſte agudo punhal, e o ſeio paſſa;
„ Da linda Jonia tu perdeſte a graça,
„ E um crime taõ atroz aſſim ſe expia.

„ Vede, que Heroe o roſto ſe lhe enfia,
„ E proſtrado os meus pés tremulo abraça:
„ Longe de mim, de Prometheo vil raça,
„ Meu reino infama tanta covardia.

Diſſe: de pejo o vulto ſe me accende;
Empunho o ferro; torço a maõ eſquiva,
Mas no ar a Eſperança a maõ me prende.

Tira-me o ferro; ao chaõ o arroja altiva,
E diz-me, em quanto Amor os ares fende,
„ Vive, e ſupplica, Jonia he compaſſiva.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LVIII.

Co'as tranças de boninas enaſtradas,
Pendendo-lhes das mãos feſtões de flores,
As Aias da Rainha dos Amores
Pizam do Tejo as praias concheadas.

Em fumegantes pedras gottejadas
De rotos corações de mil Paſtores,
Afia os ſeus ardentes paſſadores
Amor co'as tenras mãos enſanguentadas.

Com os feſtões as Graças Jonia adornam,
Acclamando-a gentil ſua Princeza,
E os attractivos ſeus por ella entornam.

Dá-lh' elle os ferros, dons, que a Mai mais préza,
Que iguaes ſeus olhos formidaveis tornam;
E á nova Irmã lhe beja a face accoza.

MEMORIAL

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Joſé de Vaſconcellos, Conde de Pombeiro, Regedor das Juſtiças &c. &c.

SONETO LIX.

DOcto, e hõnrado Joſé, ramo preclaro
D'Heroes mil, q̃ da Fama o templo encerra,
Por eſclarecerem tanto a Luſa terra,
Calcando o torpe eſquecimento avaro.

Se da Toga o explendor, dos réos o amparo
Foſte ſempre, Senhor, vale-me, aterra
O monſtro, que roubar-me em viva guerra
Quer da minha pobreza o aſylo caro.

A Trapaça bifronte ſem piedade,
Corre a empolgar a garra ambicioſa
No viçoſo pomar avita herdade.

Alli ao ſom da Lyra harmonioſa
Teu nome levarei á Eternidade,
Se me amparar a tua ſombra honroſa.

MEMORIAL

A Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. L. de L. C. de O.

SONETO LX.

ILluſtre bella Alcippe, a Grande, a Digna
De teu ſexo clariſſimo ornamento;
Ouve piedoſa o miſero lamento
Da Alfenia Muſa de ſeu fado indigna.

Langue a triſte em eſteril rócha Alpina
Cercada de alto pego turbulento;
Entre as undoſas ſerras muge o vento,
E em feia noite Jupiter fulmina.

Alveja ao lonje o Porto da Ventura;
Mas para o demandar ſó da Eſperança
Lhe deixa a fragil barca a Sorte dura.

Mas ſe por guia o teu amparo alcança,
Affrontando a borraſca, e a noite eſcura
Ovante ſurgirá em mar bonança.

MEMORIAL

A' Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. M... d. L. C... da R.

SONETO LXI.

MEu bom Genio co'a Lyra adormẽtando
A cruel ſerpe da Deſgraça impia,
Ati, Marcia preſtante, hoje me envia
Para do ſeu remir-me ceppo infando.

Que vejo oh Ceos! Eis a Fera deſpertando
Terrivel incha os collos, e aſſobia:
Eis deſte auguſto Alcaçar ſegue a via
Pela trilingue bocca fumegando.

„Naõ temas, diz-me o Genio, o mõſtro iroſo;
„Ao ſanto Aſylo da Indigencia honrada
„Te guia a larga maõ do Ceo piedoſo.

„Já te eſtalla a cadêa infortunada,
„E aos pés de aureo Deſtino venturoſo,
„Olha bramindo a ſerpe agrilhoada.

A' SENHORA D. M... G....

SONETO LXII.

DOnde a grã fina, donde houveſte a idéa,
Com que de Marcia o angelico ſemblante
Tingiſte, Amor, naquelle doce inſtante
Em que (por mercê tua) a vi, e amei-a?

Aſſim corou a bella Cytherêa
Quando ſaîo á luz do reino undante
Entre os vivas de immenſa turba amante,
Que a terra, o mar, e o Olympo ſenhorêa.

Mas tu me moſtras no virgineo pejo,
Quem as tuas violas de ſeu roſto
Rajou da côr da pudibunda roſa.

Eloquente Rubor! por ti me rejo
No turvo mar de Amor á Sorte expoſto;
Tu és a minha eſtrella bonançoſa.

A meſma Senhora ouvindo-a cantar , e ſua Irmã á Senhora D. V... J...

SONETO LXIII.

VEm(diz-me o improbo Deos dos Amadores)
„ Alfeno, ouvir a angelica harmonia
„ De Marcia ,e de Gelinda.„ Sigo-o, e via
(*) Em veſtes femininas dous Amores.

Um delles entre os ſons encantadores
Taõ meigos olhos para os meus volvia,
Que atravez delles nalma me infundia
Inviſiveis ſuaves paſſadores.

Um novo Hymno,nadádo a alma em gozo,
Alçam a Amor os labios meus trementes;
Mas atalhou-me o Nume ſanguinoſo.

Fitou em mim os olhos impudentes,
E diſſe: „ Entaõ naõ ſou um Deos piedoſo?
„ Ferido eſtás de morte, e naõ o ſentes.

(*) Alludе á pequena , e delicada eſtatura das ditas Senhoras.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXIV.

EBurnea breve maõ candido linho
Fronteiro a mim, por me aditar, corria,
E uma Nynfa gentil me deſcobria,
Que na alvura eſcurece a neve, o arminho:

Dos olhos, onde faz Cupido o ninho,
Um chuveiro de luzes deſpedia;
Nellas envolto o coraçaõ me abria
O mais duro farpaõ de Amor damninho.

Como nos fere, e embota a viſta fraca,
Se raia de improviſo o ſol dourado,
Rompendo o ſeio de uma nuve opaca:

Tal eu fiquei, Marilia, deslumbrado,
Quando o brilhante exercito me attaca
De teu ſemblante, ſol do Deos vendado.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXV.

O'h ſanta Mai de Amor, Mai de Alegria!
Que aos Deoſes os mortaes benigna igualas;
Ao geſto almo que eu vi ás meigas fallas
Naõ excedem o Olympo, e a Ambroſia.

Mas que furor a mente me extravia!
Naõ pizo eu já do Ceo as aureas ſalas?
Lá eſtá Juno, Febe, e a gazea Pallas...
Eis conduz Venus a gentil Maria.

Minha maõ á da Nynfa Himineu junta,
Cáe a meu lado uivando um monſtro horrêdo
Com os beiços em ſangue, e côr defunta.

„Teu Fado adverſo vê no chaõ jazendo,
„Alfeno, (diz-me a Deoſa de Amathunta)
„Maria t'o domou. Que eſtás temendo?

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXVI.

NO intimo peito c'um farpaõ dourado
De Marcia o geſto me entalhou Cupido:
Na obra ſe enlevou, e inadvertido
Co' a ponta ſe feriu no eſquerdo lado.

Subito eſtremecêo, vendo-o ſangrado;
E ora no vulto branco, ora accendido,
Vagam-lhe os lentos olhos, e um gemido
Lhe eſcapa, em vaõ tres vezes ſuffocado.

Arranca um paſſador de plumbea ponta,
De travez olha a Marcia, e ferozmente (*)
Para o meu peito murmurando o aponta.

Eſmorecî: mas Hymineu clemente
Eſcudou-me, e de Amor em moſa, e affronta
Derreteo-lhe o farpaõ c'o facho ardente.

(*) *Subſtituit, infermuitque* ferox, *&* *inhorruit armos.* Virg. *Æneid.* 10. *v.* 711.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXVII.

PIcado Amor, de que os mortaes diziam,
Que Marilia domar lhe foi defezo;
Baixa aos Campos do Tejo em ira accezo,
E as frechas no carcaz lhe retiniam.

Crebros farpões, que pelo ar zuniam,
Diſpara em vaõ do eburneo arco tezo;
Que deixando o alpeſtre ſeio illezo
Já deſpontados ſobre o chaõ caíam.

Chêo de confuſaõ chama os Amores
Contra os humanos de furor bramindo,
Forja dardos, afia paſſadores

Já lá vem a falange conduzindo...
O' Serranas, fugì, fugì, Paſtores,
Fugì, que ſó ſe vence Amor fugindo.

A' feliz vinda do Reverendo Senhor Abbade Joſé Corrêa da Serra, Secretario da Academia Real das Sciencias.

SONETO LXVIII.

SApiente Corrêa, firme eſteio
Da Luſa Academia eſperançoſa;
Vem allegrar a face ſaudoſa
Da Patria, e ſeu terniſſimo receio.

Acceito, e honrado fora do ſeu ſeio,
Em toda a parte a fazes glorioſa,
Pela vaſta ſciencia portentoſa,
Talento, e ingenho de mil graças cheio.

Debalde contra ti a Inveja dura
Com as ſombras do Aleive fraudulento
Offuſcar os teus meritos procura:

Triunfarás de ſeu maligno intento;
Aſſim das nevoas da lagôa impura
Do Sol triunfa o almo luzimento.

A SENHORA D. T. G.

SONETO LXIX.

AMor qual ſetta para mim um dia
Vôa dos olhos da gentil Dircéa:
Calla-me ao coraçaõ, e alli ſemêa
Amores, e eſperanças á porfia.

Em breve a meſſe pullular ſe via,
E co'a aura do favor ſuſſura, e ondêa;
Veceja em torno, as flores alardêa,
E fructos abundoſos promettia.

Já da colheita o alegre tempo entrava;
Quando o monſtro vorace do Ciume
Com medonho eſtridor feroz baixava,

Com o bafo peſtilente envolto em lume,
Eis murcha, aſſola, e queima a Fera brava
A ſeara feliz do amante Numo.

A' VIDA CAMPESTRE.

SONETO LXX.

O' Doce vida, ó ſempre venturoſo
Quem longe do tumulto da Cidade,
Com ſeus bois arrotêa a avita herdade,
Vides ſotterra, ou ſangra o rio undoſo!

Naõ o aſſuſta o carinho eſtrepitoſo,
Que trota com a inerte mocidade,
Atropelando a miſera orfandade,
E o Merito abattido, e vergonhoſo.

A vil Trapaça, e a Ambiçaõ inſana
C'o deſvelado Crime multi-forme
Já mais lhe turbam a feliz cabana.

Hé ſua lingua ao coraçaõ conforme:
E c'os penhores da leal Serrana
Sobrio cêa; e nos braços della dorme.

AO CARNAVAL DE LISBOA.

SONETO LXXI.

ENtre nuvens de talco ſalta Isbella,
Solto o cabello, o roſto prateado;
Moſtrando aos ſeus amores eclipſado
O vivo lume de uma, e de outra eſtrella.

Com as cheirofas lymfas Jonia bella
Molha o esbelto caſquilho embonecado;
Que havendo-o por mercê, tira curvado
O felpudo chapeo c'os olhos nella.

Nas eſquinas da ſordida traveſſa
A aſſuſtadora lata o ar atrôa:
A pallida laranja ſe arreméſſa.

Largo brinde geral a Baccho ſôa:
Colhe as prezas da Gula a Morte á préſſa.
Eis-aquí os entrudos de Lisboa.

A Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. T. d. M. B. C. d. V.

SONETO LXXII.

Coroada de florida amendoeira,
Eburnea nova Lyra encordoando
Polyhymnia, os Ceos, e terra namorando,
Hoje baixou á Tagiça Ribeira.

Doce era vêr de alpeſtre ribanceira
Pelos picos os Faunos aſſomando,
Quando ſoltava a maga voz louvando
A Tircêa, das Nynfas a primeira.

Seu raro aviſo, alti-ſona Poeſia,
Graças; belleza, e co'a Pobreza honrada
Coraçaõ generoſo, indole pia;

Cantava ufana, e aqui alvoroçada
„ Tua Muſa, me diz, neſte aureo Dia
„ Por Tircêa ſerá feliz, e honrada.

A' SENHORA D. L... M...

SONETO LXXIII.

Cupido, que te gora triunfante
Mais do que com os rijos paſſadores,
De Lilia com os olhos vencedores,
Subjugou peitos de aço, e de diamante?

Vê-ſe preso na trança rutilante
Soffrendo, quaes cauſou, acerbas dores!
Vinde ſubmiſſo ver, vinde, Paſtores,
Quem doma o Sceptro do Hérebo fumante!

Ah deſabrido Amor, Nume protervo,
Quem te ſuffoca a inexoravel ira,
E de Rei te converte em baixo ſervo!

Ao rôto peito meu os olhos vira,
E em pena deſta chaga, que eu conſervo,
Suſpira, fero Amor, em vaõ ſuſpira.

A' MESMA SENHORA.

SONETO LXXIV.

COm duro mando o barbaro Deſtino
Longe da meiga Lilia me deſterra;
Para as concavas fragas d'eſta ſerra,
Onde lagrimas verto de continо.

Aqui armado de rancor ferino
O Ciume ás entranhas ſe me affera;
De vêa em vêa ardendo em chammas erra
O ſeu lethal veneno viperino.

Para alivio do mal que me devora,
Em vaõ de mil queixumes namorados
Encho o deſerto, onde a triſteza mora.

Volto-me entaõ aos cantos deſuſados;
Em vez de canto a minha Muſa chora,
Só murmuro na frauta fons magoados.

A Tisbe ſaîndo da caſa paterna em buſca de Pyramo para o lugar áprazado.

SONETO LXXV.

A Noite ſobre os campos eſtendia
O ſeu manto de eſtrellas recamado;
E da Lua o ſemblante prateado
Lá no Eufrates em circulos fervia.

Nas concavas cavernas retinia
De Filomela o canto namorado,
Quando Tisbe a buſcar Pyramo amado,
Deixando as molles pennas, ſe partia.

Tres vezes, cega, a porta abrir procura,
E trez lho negam as piedoſas chaves;
Mas aos Fados crueis em fim cedêraõ.

Subito ſe tornou Diana eſcura:
Piáraõ triſtes mil nocturnas aves:
E em torno os ecchos lúgubres gemêraõ.

A ORESTES.

SONETO LXXVI.

DEſpois que o impio Oreſtes delirante,
Do ſeio maternal em ira ardendo,
O nefando punhal tira eſcorrendo
Em roxo ſangue ainda fumegante:

Alçando os vagos olhos vio diante
As negras filhas de Acheronte horrendo,
Da Mai os Manes pallidos trazendo,
Com torva viſta, e coma ſibillante.

Gela-ſe-lhe de horror o ſangue interno:
Em vaõ da Patria attonito fugia,
Em toda a parte o ſegue o cru Inferno.

Mas onde onde já mais eſcaparia,
Quem dentro n'alma traz o algoz eterno
Da errada conſciencia noite, e dia?

Parafraſe do Idyllio 2.° de Bion Smyrneo.

SONETO LXXVII.

ARmando Alfeno aos paſſaros um dia,
(Molle penuge as faces lhe dourava)
Vio um grande, que em torno revoava,
A cuja viſta pulla de alegria.

Enviſca varas novas; poẽ-ſe á eſpia,
Em vaõ, de tudo o paſſaro zombava:
Irado varas, viſco arremeſſava;
E ao velho meſtre queixas mil fazia.

Ao velho o moſtra, que mal nelle attenta,
Conhece disfarçado Amor damninho:
Amima o moço, e a par de ſi o aſſenta.

„ Foge, lhe diz, deſt' Ave, ſimpleſzinho:
„ De lagrimas, e ſangue ſe alimenta,
„ E faz no coraçaõ ſeu fero ninho.

Parafraſe do Epigramma de Moſcho:
O Amor Lavrador.

SONETO LXXVIII.

COm ferrada, nodoſa, e longa vara
Cupido os tardos bois ledo pungindo,
Banhado de ſuor o geſto lindo
Semeando Amores largas veigas ara.

Jove, que o vê, lhe diz com voz amara:
„ Que egregias obras! Como vaõ luzindo!
„ Mas eu te irei, protervo, prohibindo,
„ Que colhas a peſtifera ſeara.

„ Já eu co' aminha dextra fulminante,
„ Se naõ houvera dó a tenra idade,
„ Te abrazára, Frecheiro petulante.

„ O' lá terrivel Déos ſe tens vontade
„ De tornares a ſer Touro nadante,
„ Impôr-te o jugo bem ſei eu quem hade.

AMOR MAGICO.

SONETO LXXIX.

COm largo cinto, lugubre veſtido,
Tenue vara na maõ, e um livre annoſo
Murmurando com vulto pavoroſo
A' luz da ruiva Delia vi Cupido.

Dá tres voltas num circulo metido,
E o chaõ c'o eſquerdo pé fere raivoſo:
Enveſga os olhos, e arquejando ancioſo
Por Hecate bradou enfurecido.

Muge a terra, e entre larvas cento, e cento
Do Abyſmo ſai a Deoſa ao Ceo ſereno;
A quem lhe diz o Deos ſanguinolento:

„Deoſa, que o Averno reges c'um aceno,
„ A' Furia do ciume macilento
„ Entrega para ſempre o louco Alfeno.

MADRIGAL.

EM quanto tu debuxas, linda Clara, (*)
Zombando de Cupido,
Teu livre coraçaõ aſſeteado;
Naõ ſabes, que vingança te prepara
Com o ſemblante em colera accendido
O fero Deos picado.
Naõ o ſentes forjar na fragoa ardente
Uma ſetta de ponta adamantina?
He para te varar impaciente
O teu peito cruel de rocha alpina;
Porque apprendas, belliſſima perjura,
A reſpeitá-lo ainda na pintura.

(*) Foi feito de improviſo a uma Senhora, que, tendo debuxado um coraçaõ aſſeteado, e perguntando-lhe o A. cujo era, reſpondeo, que era o ſeu.

ECLOGAS.

ERYMANTHO

ECLOGA I.

I.

ERa alta noite, e as aguas prateava
A taciturna Irmã de Febo loiro:
O Favonio no boſque ſuſſurrava:
Guinchava o Môcho com funeſto agoiro:
Quando o afflito Erymantho, a quem cercava
Triſte o ſeu gado, junto ao claro Moiro,
Chêa de dor a alma, e os olhos d'agua
Aſſim deſabafava a ſua magoa.

ERYMANTHO.

II.

Sai, caſta Febe, os campos alumia
Deſſe eſtrellado, e Cryſtallino aſſento:
Em tanto aqui cercado de agonia
Em vaõ queixas eſpalho ao ſurdo vento.
Ide, ovelhas, paſcei a relva fria;
Baſta, que eu ſoffra ſó o meu tormento.
E tu te'gora uſado em ledo canto
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

III.

Lydia ſe dá ao ruſtico Falcino,
Lydia mais bella, que a manhã roſada!
O' eleiçaõ, e goſto peregrino!
Como ſerás das Nynfas invejada,
Lydia! Eſcolhes Paſtor do que eu mais digno?
Já tens a tua ſorte melhorada.
A quem naõ cauſará a troca eſpanto?
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

IV.

IV.

Tu deixas por Falcino monſtro horrendo,
Meu doce verſo, e canto ſonoroſo?
Por Falcino(ah! naõ creio o que eſtou vendo)
Fero no trato, eſqualido, e nojoſo!
Que crueis magas entre ſi fazendo
Encanto indiſſoluvel, e forçoſo,
Louca Paſtora, te allucinam tanto?
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

V.

Já ſei, quem he Amor: Deos inhumano
De um penedo no Caucaſo naſcido;
De uma Tigre feroz no monte Hyrcano
Entre feras ſelvaticas nutrido,
D'elle ſó naſce, Lydia, o teu engano,
D'elle he o meu tormento procedido,
E naõ de inextricavel, forte encanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

VI.

VI.

A quanto o impio Amor a quanto obriga
Um'alma de ſeus fogos abrazada!
Diga-o a maõ que o Cerbero ſubgiga
Em feminís officios occupada
Do grande Alcides: Cytheréa o diga,
Buſcando entre a lanigera manada
Amoroſa um Paſtor do loiro Xantho.
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

VII.

A Falcino ſe dá Lydia formoſa
Ao mais torpe, mais çafaro cabreiro!
Que couſa ſe terá por fabuloſa,
Dos que vivem de Amor no captiveiro?
Juntem-ſe o fero Abutre co'a mimoſa
Pomba, a ovelha co' lobo carniceiro:
Já do maior prodigio naõ me eſpanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

VIII.

VIII.

Agora vejo,o quanto me enganavas,
Quando co'a tua mão á minha unida,
Pelas claras eſtrellas me juravas
De me feres leal em toda a vida.
Teme, cruel, de quem então zombavas
A pena do perjurio merecida,
Se juſtiça lá mora no Ceo ſanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

IX.

Ah triſte de quem póe ſua ventura
Em peito feminino! mais mudavel
Que as folhas agitadas na eſpeſſura
Pelos ſopros do Zefyro incançavel:
Mais que o mar inconſtante por natura,
E mais que de Ixion a roda inſtavel
No Reino do ſevero Rhadamanto.
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

X.

Verás colher, Serrano deſditoſo,
A rude maõ de ſordido avarento
Os fructos, que regaſte carinhoſo
Com lagrimas de amor, e caſto intento?
E da eſperança o teu jardim viçoſo
Murchar dos zelos o empeſtado alento,
Com roſto enxuto ſoffrerás em tanto?
„ Acompanha, Rabel, meu triſte pranto.

XI.

Ah! Naõ ſoffremos, naõ; antes buſquemos
Longe de Lydia a ſerra mais fragoſa,
E um eterno a Deos á Patria demos.
Mas lá aſſoma Venus luminoſa
No alto pico da ſerra... Caminhemos
Para o apriſco, manada laſtimoſa,
Antes que a Aurora rompa o negro manto.
„ Deixa já, meu Rabel, o triſte pranto.

A' MORTE
DE
DOMINGOS DOS REIS QUITA
ALCINO,
ECLOGA II.

ALFENO, E FRONDOSO.

ALFENO.

SAlve, honrado Paſtor, meu doce amigo,
Unico amparo d'eſte deſditoſo,
Como he á tenra planta o denſo abrigo.
Que fortuna, ou que fado venturoſo
As margens viſitar do Tejo ameno
Agora te conduz, gentil Frondoſo.

FRONDOSO.

Vem a meus braços, vem, querido Alfeno,
Mais grato aos olhos meus, do que á manada
O cheiroſo tomilho, e o molle feno.

Sentemo-nos na relva matizada
De boninas, á ſombra da parreira
Com eſtes verdes chôpos enredada.
Vê, como a aura branda, e liſongeira
Do arroio encreſpa a limpida corrente,
Eſcumoſo quebrando na ribeira.
Hontem caîo-me o capro da ſemente
No ribeiro da Aldèa tão ſem tino,
Que ſe affogou na rapida torrente.
Hoje venho eſcolher um capro digno
De me guiar o gado petulante
Nos copioſos fatos de Falcino.
Parti, quando naſcia o Sol brilhante:
Eiſ-aqui, meu Paſtor, a cauſa ouviſte
De eu commetter caminho taõ diſtante.
Mas tu que tens, que aſſim te vejo triſte
C'os olhos lagrimoſos, e pizados;
Creio, que toda a noite naõ dormiſte?
Levou-te acaſo a chêa os ſemeados?
Ou as tuas ovelhas engafecem,
Mal eſte, que tambem nos traz vexados?

AL-

ALFENO.

Oxalá que as ſearas pereceſſem,
E o rebanho que eu tenho taõ mimoſo,
Do que deſgraças taes me aconteceſſem!
Mór damno irreparavel, laſtimoſo,
A alegre vida me tornou meſquinha.
Ah querido Paſtor, como és ditoſo!

FRONDOSO.

Acclara já eſt'alma triſte minha,
Que naõ ſei, que funeſta deſventura
O coraçaõ preſago me adivinha.

ALFENO.

Aquella viva luz ſerena, e pura,
Rico dom aos mortaes do Ceo benigno,
Que nos guiou na terra agreſte, e eſcura;
Aquelle em fim eſpirito divino,
Das nove Irmans eſteio illuſtre, e forte,
A Morte nos roubou; he morto Alcino.

FRON-

FRONDOSO.

Alcino he morto! Alcino! E póde a Morte,
Com ſer cruel, fazer tal crueldade?
Corre tudo no mundo aſſim por ſorte?
Derriba o alto Cedro a tempeſtade,
Agreſtes urzes, riſpidos ſilvados
Salva ſó com injuſta piedade?
Louco, que dizes tu? noſſos peccados
Aos Santos Ceos clamáraõ tal caſtigo:
Naõ vem de errada Sorte, ou cegos Fados.
Aquella mutua paz do tempo antigo,
Singeleza, verdade, e a innocencia
Contra as iras do Ceo ſeguro abrigo;
De nós fugiraõ á feroz violencia,
Com que as turmas do vicio as ſalteáraõ,
Vendo-nos ſujeitar ſem reſiſtencia:
No puro coraçaõ ſe agaſalháraõ
Do defunto Paſtor, do noſſo Alcino,
Onde em doce uniaõ ſempre moráraõ.

Mas

Mas do Olympo o cõſelho alto, e Divino,
Dar-lhe querendo a juſta recompenſa
O levou deſte mundo baixo, e indino.
Que nuvem de infortunios turva, e denſa,
Campos do Tejo, cobre os voſſos ares,
Que mais, e mais, horrenda ſe condenſa!
Veſti-vos de triſtezas, e pezares,
Valles amenos, verdes ſerranias
Chorai, Paſtores, lagrimas a mares.
Morreo! Que bem, Alfeno, me dizias,
Que era a tua perda inextimavel,
Mais que ninguem ſenti-lo aſſim devias.
Perdeſte um Meſtre ſabio, e amoravel,
Cuja doutrina clara, e virtuoſa
Te fez para com todos eſtimavel.
Honra pois a memoria ſaudoſa
Do noſſo terno amigo, em verſo brando,
Com tua voz ſuave, e mavioſa.
Eu te irei com a frauta acompanhando:
Vê, como o azul arroio te convida
Por entre os brancos ſeixos murmurando.

AL-

ALFENO.

Nada podias tu por minha vida
De mais goſto pedir-me, inda que tenho
A voz de ſuſpirar enrouquecida.
Mas ſe o caſo cruel a contar venho,
Temo, naõ me ſuffoque o amaro pranto,
Que em meus cançados olhos mal ſuſtenho.
Tempera a doce frauta, Amigo, em quanto
De mim o loiro Apollo he invocado,
Que me inſpire um ſonoro, e triſte canto,
Digno de Alcino d'elle ſempre amado.

I.

Correi, lagrimas triſtes, manſo, e manſo,
Banhai-me ſempre o deſcorado roſto,
Movendo as feras da montanha dura,
E os peixes deſte placido remanſo
A ſentirem tambem o meu deſgoſto,
E a minha irreparavel deſventura.
Ah! Que lei taõ iniqua da Natura!

Nas

Nas campinas amenas
As brancas açucenas
Perecem, e renaſcem de contino,
E ſó (com magoa noſſa, e mil pezares)
Vemos, que tu, Alcino,
Nos deixas para nunca mais tornares!

II.

Ah que bem agoiravam tu a morte
Mil ſignaes, e portentos inauditos!
De noite arde em chammas luminoſas,
E com ſanguineas manchas todo o Norte.
Cercam a Aldêa eſpectros infinitos
Em formas gigantéas eſpantoſas,
Dando roncos, e vozes pavoroſas.
E uma gralha agoireira
Sobre aquella oliveira,
Na veſpera d'aquelle fatal dia
Graſnou com a rouca voz taõ aturada,
Até que em tal porfia
Sem alento caîo arrebentada.

III.

III.

Ceava um dia (dia deſgraçado!)
Dos ſeus fructos alegre o brando Alcino,
Aos Ceos rendendo as graças, e louvores:
Come um pomo, talvez envenenado
De mortifero dente viperino,
Subito o accommettêraõ crueis dôres,
Anciàs mortaes, e frigidos ſuores.
Como pôde a Natura
Crear neſta eſpeſſura
Taõ activa peçonha, que, tocando
Os teus ſuaves labios, num momento
Se naõ foſſe mudando
Em doce ſalutifero ſuſtento!

IV.

Jaz trabalhado do letal veneno,
Fitos os olhos, fitas as peſtanas
No Ceo reſplendecente, e cryſtallino,
Ao redor os Paſtores, e Serranas
Suſpiram triſtemente de contino,

Até

Até que vendo reluzir Alcino.
Da Morte a foice curva
Com a viſta vaga, e turva,
Aos vizinhos eſtende os froixos braços,
E com intrepidez ſe deſpedia
Com amantes abraços;
Aos quaes com anhellante voz dizia:

V.

„ Ficai em ſanta paz, meus bons amigos;
„ Queira o Ceo preſervar-vos as manadas
„ Dos máos lobos, dos olhos venenoſos,
„ Nem lhes faltem já mais ferteis paſcigos.
„ Seguî em voſſos cantos as pizadas,
„ Que á cuſta de trabalhos glorioſos,
Vos deixam em ſeus verſos numeroſos
„ Candido, e o grande Elpino,
„ E Corydon divino.
„ E ſobre tudo honrai, ó meus Paſtores,
„ Com pio culto os Deoſes Soberanos;
„ Honrai voſſos Maiores,
„ E o graõ Paſtor dos campos Luſitanos.

VI.

Naõ póde mais dizer; e niſto corre
C'os olhos a buſcar a luz do dia
Tres vezes, e gemeo de têlla achado:
Levanta as mãos ao Ceo, ſuſpira, e morre.
Em tanto em toda a choſſa naõ ſe ouvia
Um ſó ſuſpiro, um pranto magoado,
Ficando cada qual como embaçado:
Té que o pezar violento,
Naõ tendo ſoffrimento
De mais eſtar no peito comprimido,
Pelos olhos rebenta em larga vêa
Com taõ forte alarido,
Como ſe ardeſſe em chammas toda a Aldêa.

VII.

As Nynfas como doidas gritos dando;
Arrancam as madeixas de ouro fino,
Torcendo para o Ceo as mãos mimoſas:
Mil lagrimas dos olhos derramando,
Exclamam ſêm ceſſar: *Alcino*! *Alcino*!

Que

Ouvindo o Tejo as vozes laſtimoſas,
Que davam as gentís Nynfas queixoſas
Na limoſa caverna,
Foi tal a dor interna
Que pelo ſeu Paſtor no peito ſente,
Que attonito lhe cae das mãos preclaras
A urna tranſparente
Alagando as campinas, e as ſearas.

VIII.

Naquelle dia infauſto naõ ſe viam
Nos paſtos as lanigeras manadas,
Nem goſtáraõ as limpidas correntes.
Noſſas cabras, que apenas ſe boliam
Com as tetas de leite retezadas,
Hoje matam á mingoa os ſeus neichentes.
Já de balde lançamos as ſementes
Dos grãos de melhor caſta
Neſta terra madraſta,
Em vez de loiras gradas ſementeiras,
Premio de noſſas vidas trabalhoſas,
Só negrejam nas eiras

A alforra, e as ervilhacas amargoſas.

IX.

Deſpois que nos deixaſtes, caro Alcino,
Um denſo nevoeiro nos deſtróe
Os fructos naõ vingados da Oliveira:
A frigida ſaraiva de contino
As vinhas c'o pulgaõ nos créſta, e róe.
Os nobres louros, triunfaes palmeiras
Ornamento das Tagicas ribeiras,
(Oh ſucceſſo eſtupendo !)
Se foraõ convertendo
Em bravas tamargueiras, e carraſcos:
Já boninas o prado em ſi naõ cria,
Quando até nos penhaſcos
Noutro tempo brotavam á porfia.

X.

Triſtes de nós, Serranos, que perdemos
Noſſos dias mais ledos, e ditoſos,
Co' doce Alcino jazem ſepultados:
Nem mais na tenue frauta lhe ouviremos
En-

Entoar-nos os verſos numeroſos
Deixando-nos abſortos, encantados,
De ſeus ſonoros labios pendurados.
Lamentemos contino
Noſſo infeliz deſtino,
E da inhumana Parca o eterno corte.
Eis todo o noſſo bem, noſſa ventura
Encerra a impia Morte
Em huma triſte, e breve ſepultura.

FRONDOSO.

Deſpois de noite eſcura, e tempeſtoſa
De vermelhos fuzís alumiada
Com breve luz medonha, e ruidoſa;
Quando do humido Sul a furia irada
As negras nuvens pluviaes raſgando
Deixa a terra das chêas alagada:
Naõ he taõ grato vêr o Sol raiando
Lá no Oriente lucido, e ſereno
Os ſaudoſos campos alegrando:
Como agora me foraõ, caro Alfeno,
As graças dos teus verſos peregrinas,

E o teu enternecido canto ameno.
De hera, nardo, e odoriferas boninas
Contra os máos olhos, contra a inveja impia
Te c'rôe Delio co' as Irmans divinas.
Tenro louro no Menalo Thalia
Cultiva, para a docta fronte ornar-te
Com a florida rama em algum dia.
Conſente agora, que eu te exprima parte
Do que ſente minh'alma da ditoſa
Sorte de Alcino para conſolar-te.
Afina tua frauta ſonoroſa.
Já vou em minha Muſa agreſte, e rude
Cantar a recompenſa glorioſa,
Que o Ceo reſerva á candida virtude.

I.

Do deſpojo mortal já livre Alcino
Vai entrando ſuſpenſo, e arrebatado
Na regiaõ do Olympo clara, e pura:
Já piza alegre o ſolio cryſtallino.
De inextinguiveis lumes eſmaltado
C'os olhos em mais Alta Formoſura.

E olhando as vezes lá da ſumma altura
Ao mundo com eſpanto,
Vê o forçoſo encanto,
Com que nos allucinam mil Serêas,
Trocando frageis bens, falſas riquezas,
De ancias, de males chêas,
Por ſempiternas celeſtiaes bellezas.

II.

Noutros boſques mais verdes, mais viçoſos,
Noutras fontes mais claras, mais amenas,
Diſcorre o doce Alcino praticando
C'os Eſpiritos gratos, e mimoſos
Do intonſo Apollo, das gentís Camenas,
Que vaõ de Luſo as terras illuſtrando:
Um divino Camões ſublime, e brando,
Que honra o ninho paterno:
Pereira honrado, e terno:
Mouſinho, os Sás, Ferreira, e os dous q̃ affamã
O rouco Lis, e o prateado Lima;
E outros mil, que ſe acclamam
Meſtres ſubtís da Portugueza rima.

III.

III.

O' Paſtores, lançai lançai, cad'anno
No ſeu ſepulchro flores ás mãos chêas.
Celebrai-o nas frautas reſonantes:
O noſſo Merys danſará ufano
Imitando nas rapidas corêas
Os capripedes Satyros ſaltantes.
Viráõ tambem as Tagides galantes,
Para honrar eſte dia
Com feſtas de alegria,
Umas ſonoras Cytharas tocando,
Outras na doce voz os ſeus louvores
Accordes modulando
Com Venus, com as Graças, c'os Amores.

IV.

Sê propicio aos teus, feliz Alcino:
Nem tanto o gozo peremnal te eleve.
Que te eſqueças do Tejo deſgraçado,
Que ſaudoſo chora de contino.
Seja a teus oſſos ſempre a terra leve:
E ſe os meus votos ouve o Ceo ſagrado,

Ce-

Cedo terás um tumulo elevado,
Onde ſe lêa eſcrito:
„ *Memoria ſou que grito*
„ Para teſtemunhar de gente em gente
„ No ſeculo preſente, e no vindouro
„ De um Paſtor excellente,
„ Que entre nós renovou a idade de ouro.

ALFENO.

Quaõ efficaz, e doce medecina
Neſta chagá profunda derramaſte
Com teu celeſte canto, e voz divina!
Minhas lagrimas triſtes enxugaſte,
E o roto coraçaõ attribulado
De torrentes de jubilos banhaſte.
Mas vamos conduzir o manſo gado,
Que junto d'aquella arvore ſombria
Se vê quietamente rebanhado.
Vem honrar-me c'o a tua companhia,
Caro Frondoſo, a minha humilde choſſa:
Vamos; que he poſto o Sol, e a noite fria
As negras ſombras á porfia engroſſa.

ALFENO

ECLOGA III.

TITYRO, MARINO, E ALFENO.

MARINO.

Dize-me, Pegureiro mercenario,
Cujo he eſſe rebanho? He de Frondoſo?

TITYRO.

Naõ, Marino, a guardar m'o deo Agrario.

MARINO.

Triſtes ovelhas, gado laſtimoſo!
A que mãos taõ alhêas de piedade
Vos conduzio o Fado rigoroſo!
Em quanto tu, Agrario, na Cidade
C'o Maioral da Aldéa te aconſelhas
Sobre a cultura da eſpaçoſa herdade.

Eſte

Eſte Adonis de hirſutas ſobrancelhas,
Em vez de procurar a herva boa,
Com que reteze as tetas ás ovelhas;
Ao ſom da frauta todo o dia entôa
A' porta de Crinaura o rude canto,
Com que as ſurdas orelhas nos atrôa.
Deixando expoſto o pobre gado em tanto,
As eſpreitas dos lobos roubadores,
Caîndo de magreza, e de quebranto.

TITYRO.

Naõ mais, meu novo Orfeo, cujos louvores
Vagam lá pelo concavo da Lua,
Com grande admiraçaõ dos mais cantores.
Naõ queiras, q̃ eu tambem a Aldêa inſtrua
Do que ás redes fizeſte de Limano...
Mas eſta he a menor infamia tua.
Aſſim antes de expôr-te a maior damno,
A cantar já commigo te prepara;
Verás, vaõ Peſcador, o deſengano.

MA-

MARINO.

Eu comtigo cantar? Quem tal cuidara!
Naõ te lembras da rã, que pretendendo
Igualar-ſe a um boi arrebentára?

TITYRO.

Bem me lembro; e do monte, que gemendo
Pario com triſtes roncos um vil rato,
Quãdo a gẽte aguardava um mõſtro horrẽdo.
Mas porque em vãos diſcurſos me dilato?
Se cantar queres, um cordeiro apõſto,
Aquelle, que alli vès tozando o mato.

MARINO.

Sim, Tityro, cumprir-te quero o goſto,
Já que tanto porfias, cantaremos:
Vergonha, e inveja te verei no roſto.
E poſto que cordeiros nós naõ temos,
Um lindo vaſo ſubtilmente obrado
De fino barro em ſeu lugar poremos.
De uma parte em relevo affigurado,

Eſtá

Eſtá o fero mar chêo de eſcuma,
E todo em creſpas ſerras levantado;
As quaes rompendo vai com força ſumma
Um mancebo gentil, affllito, e laſſo,
Sem que brilhe no Ceo eſtrella alguma;
E ſómente tremúla um lume eſcaſſo
Em torre excelſa lá da praia oppoſta,
Para onde eſtende o triſte um debil braço.
Vê-ſe na face a eſta contrapoſta,
O azul pégo eſpraiando-ſe em remanſo
Entre os rochedos de eſcarpada Coſta.
Sobre as aguas eſtofas, manſo, e manſo
Negro Delfim demanda a ruiva arêa,
De humanidade obrando egregio lanſo.
Cortam com elle a cryſtallina vêa
Os mudos nadadores á porfia
Ouvindo a voz ſuave, que os recrêa;
Ouvindo aquella rara melodia,
Com que tu, Arion, nelle ſentado,
Mereceſte eſcapar á morte impia.
Eſte he, Paſtor, o premio deſtinado,
Rico adorno da minha pobre gruta,

Até

Atégora de mim nunca eſtreado.
Mas quem nos julgará noſſa diſputa?
Lá vem Alfeno: quanto a tempo chega!
Talvez que ſe arrependa, quem me eſcuta.

TITYRO.

Como a vaidade em ti arreiga, e pega!
Enſina a eſte, Alfeno juſtiçoſo,
Que o noſſo proprio amor a razaõ cega.

ALFENO.

Começai, que eu naquelle boſque umbroſo
Attento ouvindo o vêllo dezafio,
Guiei logo o rebanho preſſuroſo.
Aqui nos livrará do ardente eſtio,
A ſombra deſtes alamos copados,
O Zefyro eſpirante, e o freſco rio.
E daqui vigiando ambos os gados
Ouvir-vos-hei goſtoſo o dia inteiro.
Cantai, moços, em verſos alternados:
Solta a voz, caro Tityro, primeiro.

TITYRO.

Intonſo Febo, que proteges Delos,
Se ao teu altar offreço cuidadoſo
(Naõ me permitte mais a ſorte avara)
Viçoſos louros, e os mais brancos véllos.
Novo canto me inſpira ſonoroſo,
Com que iguale de Alcino a voz preclara:
Alcino eſtrella clara
Já na etherea morada cryſtallina.
Porém ſe naõ he digna
De favor tal a minha mente ruda,
Tórna-me rouca voz, e a frauta muda.

MARINO.

O' Tagides gentís, de vós começo,
De vos, meu doce amor, minhas delicias.
Se eu ſempre na floreſta a vós ſagrada,
Em ſacrificio alegre vos offreço
Das minhas peſcarias as primicias;
O gordo cherne, a lúcida dourada,
E a truta moſqueada;

Do

Do roſado ſalmaõ o pingue lombo
E o delicado rhombo:
Naõ conſintais, que em mim a fama, e gloria
Se eſcureça da Muſa Piſcatoria.

TITYRO.

Gentil Crinaura, Nynfa ſoberana,
Cujas graças, e angelica belleza,
As das Napêas vans excedem tanto,
Quanto a faia viçoſa á fragil canna.
Porque teu genio eſquivo aſſim deſpreza
A minha frauta, o meu agreſte canto,
Meu firme amor, e pranto?
Se o ſer eu guardador do Tejo loiro
Te ſerve de deſdoiro:
Ah! que junto de Anfriſo prateado
Febo, como eu, guardou o manſo gado!

MARINO.

Da loira Iſmene, gloria do Deos cego
Brilham entre as Nereidas mais formoſas,
O ſanto roſto, os olhos ſingulares,

Como o coral ramoſo no alto pégo
Entre os limos, e as algas vís lodoſas.
Graças, Nynfa, te dou por te dignares,
Surdindo ſobre os mares,
Gaſtar commigo rapidos inſtantes
Em diſcurſos amantes;
Taes que ſe aos Ceos os ventos os levaſſem,
Talvez que os meſmos Deoſes me invejaſſem.

TITYRO.

De colmo, verde pita, e de ramada
Larga choſſa teci neſta montanha;
De alta parreira contra o ardente eſtio
C'um viçoſo docel aſſombro a entrada,
Cujas raizes um regato banha,
Quebrando aqui, e alli em groſſo fio
Com doce murmurio.
Se lá commigo ao jugo deleitoſo
De Hymineu amoroſo
Te queres ſujeitar, O' Nynfa pura,
Naõ cobiço da Sorte môr ventura.

MA-

MARINO.

Jaz entalhada num rochedo duro
Vaſta caverna junto ao mar ſalgado:
Um ribeiro ſangrar para ella intento,
Que goteando eſpalhe o liquor puro
Pelas fendas do tecto levantado
Prateando o eſmaltado pavimento
De flores cento, e cento.
Já de azues conchas, e de buzios lizos,
Lhe ornei os broncos frizos.
Alli, Mmene, paſſarás as ſéſtas,
Sem invejar as Nynfas nas floreſtas.

TITYRO.

Neſte meu rude trato de Ovelheiro,
Graças ao Ceo, feliz, e ledo vivo:
Um lanoſo pellico me repara
Dos Soes de Agoſto, e frios de Janeiro.
No remanſo de arroio fugitivo
Mitigo a ſede ardente n'agua clara.
E ſan a vida cara

C'o freſco leite, que do gado ordenho,
E com frutas mantenho.
Sem recear Neptuno, e o rijo vento,
Ou de Orion o vulto truculento.

MARINO.

Marino Peſcador do Tejo claro
Vive com robuſtez nada invejando,
Dormindo numa taboa taõ goſtoſo
Qual dorme em brando leito o rico avaro.
Mal vai no Reino undoſo Febo entrando,
Cêa em paz o mariſco appetitoſo
E o peixe ſaboroſo.
Contra o humido Sul, ou Norte frio
Bebe o vinho ſadio:
Sem temer que o roaz lobo esfaimado,
Ou a gafeira lhe devore o gado.

TITYRO.

Eſta que toco frauta ſonoroſa
Deixou-ma o doce Alcino moribundo,
E nella me adeſtrou os rudes dedos,

Co'

Co' a qual domava na floreſta umbroſa
O javalî, o touro furibundo.
Corriam para ouvilo os arvoredos.
E os muſgoſos penedos.
Deixava de paſcer o hervoſo prado
O dia inteiro o gado;
E naõ longe arqueando as ſobrancelhas,
Os Faunos afitavaõ as orelhas.

MARINO.

Tambem a minha Muſa naõ deſpreza
O Sabio Coridon, antes me guia
Pela fragoſa via ao alto Pindo.
Cuja ſonora voz torna a braveza
Do mar em bonançoſa calmaria,
Que, qual eſpelho os Aſtros reflectindo,
Parece eſtar-ſe rindo.
Adormecem em torno os duros ventos
Cos divinos accentos:
E fora d'agoa eſtaõ como encantados
A cardumes os peixes prateados.

TI-

TITYRO.

Se viſſes na viçoſa Primavera
A Aurora diſtillar nas lindas flores
De Iris os cambiantes véos luzentes,
Donde o Sol ſcintillando reverbera:
Em quanto modulando os ſeus amores
Se revezam as aves innocentes.
Se em fim viſſes contentes
Bicornes Faunos, e gentís Napéas
Travar leves coréas.
Tu deixáras o mar, e os ſeus enganos
Pela ditoſa vida dos Serranos.

MARINO.

Cortar de noite no calmoſo Eſtio
O mar leite, e a fervente imagem bella
Da Lua vêr as ondas eſtrellando:
Vêr ſaltar os Delfins, arcadorio
Das ventas a golfar; e a branca véla
As ſuſſurrantes auras enfunando.
Ouvir em fim cantando

No

No alto pego as Nereidas alternadas,
Sobre os Tritões ſentadas.
Taõ altos bens, myſterios taõ divinos
De os gozardes, Paſtores, naõ ſois dignos.

FITYRO.

Dize-me, novo Arion, que ave he aquella
Que em vivo fogo arqueja, e naõ ſe abraza,
E no eſcuro da noite fuzilando
Parece aos olhos vagabunda eſtrella?
Ou qual he o animal, que a mobil caſa
Vai co a viſcoſa baba fabricando:
De ira todo eſcumando,
E de pontas qual Touro armando a teſta,
Os Jardins nos infeſta;
E gera, ao meſmo tempo que concebe,
Quando as aguas do Outono em ſi recebe?

MARINO.

E tu, ſegundo Orfeo, dize-me agora,
Qual he o peixe, cujo parto rico
Realça o géſto á Nynfa mais formoſa;

Con-

Concebendo das lagrimas da Aurora
No prateado ſeio almo, e pudico?
Ou qual he aquella arvore ramoſa
Na regiaõ undoſa,
Que imita a viva côr do Sol naſcente?
Debaixo da corrente
Com molle viſco, ou maſſa ſe parece,
Fora d'ella qual pedra ſe endurece:

ALFENO.

Ceſſe, caros mancebos, tal porfia:
Ambos iguaes na voz, ambos no canto
Sem levar um ao outro a primazia.
De hera vos coroai, de nardo ſanto,
Porque vos naõ empeça a inveja aſtuta,
Ou de malignos olhos o quebranto.
Aqui tens o cordeiro da diſputa,
Marino, leva a Tityro comtigo,
Para lhe dar o premio, á tua gruta.
Mas que vejo! Eis rompêdo o baſto abrigo
Entra o gado na vinha de Silvano.
Vinde, mancebos, já vinde commigo,
Antes que nella façam maior damno.

OS

OS POMAREIROS

ECLOGA IV. (*)

ALFENO, ALBANO, E FILINTO.

ALFENO.

EM quanto ao fogo Thestylis prepara
As singellas viandas, nos sentemos
Junto d'esta corrente mansa, e clara.
Por entre as leves cannas gozaremos
Da suave frescura matutina,
Com que o estival ardor desencalmemos.
Vêde da Lua a face crystallina,
Como rutila em circulos prateados
Na Tagitana trémula campina!

De

(*) Esta Ecloga he de tres A.: porém todos os versos della, exceptuando as oitavas, saõ da invençaõ, e composiçaõ do nosso *Not. do Edit.*

De ferventes luzeiros marchetados
Que linda viſta os Ceos agora fazem!
Dignos de que os invejem noſſos prados.
Em roſcio as lentas ſombras ſe desfazem,
Dorme o vento nos concavos oiteiros,
E lá no mar as bravas ondas jazem.
Tudo em fim vos convida, ó Pomareiros,
A revezardes o campreſte canto,
Ao ſom dos voſſos ruſticos ſalteiros.

ALBANO.

Sim caro Alfeno, já goſtoſo canto
Com Filinto as endeixas ſaudoſas
Que com Pomerio aqui cantou Melanto.

ALFENO.

Antes em novas rimas ſonoroſas
Deſcantai noſſas Deoſas tutelares,
Alcippe, e Dafne mais que o Sol formoſas:
A quem humildes ſobre os ſeus altares
Offertamos, apenas raia a Aurora,
As maduras primicias dos pomares.

A

A purpurea cerêja, a rôxa amora,
Creſpos morangos, pêſſegos córados,
E a romã do rubí imitadora.
Nos vimineos ceſtinhos alaſtrados
De pontagudos pampanos viçoſos,
De alecrim, e florida murtha ornados.

FILINTO.

Naõ, Alfeno, naõ ſomos taõ vaidoſos,
Que emprendamos cantar aſſumpto digno
De o cantar Febo em verſos numeroſos.

ALFENO.

Nada temais; que o ſeu poder divino
He capaz de elevar té as eſtrellas,
O voſſo humilde metro campezino.
Se os ſeus olhos brilhantes, e ſe aquellas
Faces mimoſas contemplais na mente,
A graça, o brio, e as loiras tranſas bellas;
Vereis as ſantas Muſas de repente
Dar-vos a ſua doce melodia,
Crear em vós um novo engenho ardente.

Já

Já tu o exprimentaſte, Albano, um día,
Quando em louvores ſeus a voz alçando,
(Aquella voz, que ainda mal ſe ouvia)
Taõ altamente foſte modulando,
Que abſortos ſe calláraõ os Paſtores;
E naõ ſei que entre dentes murmurando.
Logo ao numero honrado dos cantores
Te aggregaraõ os noſſos Pomareiros,
E as Nynfas te croáraõ d'hera, e flores.
Eia, Amigos, temperem-ſe os ſalteiros,
E com ſonoros verſos alternados
Reſonem eſtes montes ſobranceiros.
Dous ceſtos vos darei accumulados,
(Se Alcippe, e Dafne decantais agora)
De rotos brejaçotes orvalhados.
Sólta primeiro, Albano, a voz canora.

ALBANO.

Se Alcippe canto, a bella Alcippe invoco:
Eſta frauta me dêo, em que fiado
Ruſtico fim, porem ſincero toco
Seus louvores no meio deſte prado:
Mal

Mal ſeu nome repito, eis que provoco
Os Satyros do fundo do ſilvado:
Seu nome humilha a mais bravia fera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera. (*)

FILINTO.

Formoſa, e meiga Dafne, differente
D'eſſa Dafne, que a Febo foge eſquiva:
Tu Alumna das Muſas, ſê contente
Inſpirar em meus verſos chamma activa;
Accenderei em teu louvor a gente,
Que de te ouvir, e vêr o Fado priva:
Teu roſto, em q̃ Amor pôz de Amor a eſfera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

AL-

(*) Eſte verſo intercalar, que vem em um dos Coros da *Caſtro* do Dr. Antonio Ferreira, e dado para glozar-ſe, foi quem ſuggerio a idéa da preſente Ecloga. *Not. do Edit.*

ALBANO.

Alcippe he bella mais que a flor da roſa
Entre brancos jaſmins apparecendo:
A Deoſa matutina taõ formoſa
A meus olhos naõ he no Ceos rompendo:
Alcippe ou ſolte ao ar a voz mimoſa,
Ou toque a doce Lyra, entretecendo
Loiros cabellos com a c'rôa de hera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

FILINTO.

Mais que os alvos Narciſſos Dafne alveja,
Córou mais que as maçãs melhor córadas:
Nos ſeus olhos, que ſaõ do Sol inveja,
Tem o ſeu Throno as Graças delicadas.
Dafne, ſe em brando verſo a Amor feſteja,
Ou da Irmã as tranças deſtoucadas,
(Que a Amor captivam) em louvar ſe eſmera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

AL-

ALBANO.

Alcippe, quando entôa os ſantos Hymnos,
Ou com a frauta os tenros labios trilha,
Nos Ceos move os Celicolas divinos,
Amor c'os olhos namorados brilha:
Arde por ella com ciumes dignos
A meſma Deoſa das eſpumas Filha,
Vendo que Alcippe todo o Ceo altera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

FILINTO.

Dafne enche os verdes prados de alegria,
Quando o mimoſo pé commette ás flores.
Dafne dá luſtre ao mais luſtroſo dia,
Quando dos olhos raia reſplandores.
Dafne faz rebentar n'alma mais fria
Fertil meſſe de fervidos Amores;
Dafne, que mais que a Deoſa de Cythera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

ALBANO.

Temem noſſos pomares a geada,
Que os tenros gomos mais q̃ o Sol nos creſta:
O Pomareiro teme a atreiçoada
Cobra occulta entre os ramos da floreſta:
Eu ſó temo ſe Alcippe volve irada
O ſanto roſto, a quem Amor requeſta,
Que o prado alegra mais que a Primavera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

FILINTO.

Ama a fraucta o roſcîo matutino,
E entre nuvens o Sol apparecendo:
Ama no Eſtio o tanque cryſtallino
O cyſne nadador em calma ardendo:
Eu amo ſó o eſpirito divino
Da bella Dafne, a quem mil cultos rendo:
Dafne, de quem Heroes o mundo eſpera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

AL-

ALBANO.

Se a bella Alcippe agora eu aviſtára,
Já ſubito daqui o corpo erguendo
Aos pés da clara Nynfa me proſtrára,
O meu pobre pomar offerecendo:
Bem que em tanto a raposa me eſtragára,
Quanta fructa eſta tarde andei colhendo:
Pois aquella, por quem tudo perdêra,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

FILINTO.

Se Dafne formoſiſſima os mimoſos
Olhos voltaſſe ao meu pomar benigna,
Offrecer-lhe eu os fructos ſaboroſos,
E o pomar todo he couſa pouco digna:
Dafne adormece os Auſtros furioſos,
As aves ternas a cantar enſina,
Amor fugido aos campos recupera,
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

ALBANO.

Eu vi, ó Pomareiros, que Cupido
Doces fructos d'eſta arvore colhia,
E que entre aquellas balças eſcondido
A' linda Alcipe humilde os offrecia:
O reſpeito a eſta arvore he devido,
Neſta arvore naõ toque maõ impia;
A Alcippe a voto: Alcippe em nós imperas;
Amor ao mundo dá, doce Amor gera.

FILINTO.

Apollo neſte monte ſobranceiro
Co' as Muſas ſe ſentou, alli Thalia
Croou a Dafne de vivaz Loureiro,
E Rainha a acclamou da Poeſia:
Naõ ſuba ao monte toſco Pomareiro,
Monte de verſos, monte de harmonia,
Donde Dafne, ſe a cithara tempera,
Amor ao Mundo dá, doce Amor gera.

Mas

ALFENO.

Qual no fertil Agoſto a eſcaſſa chuva
(Quando no Ceo aponta a fria Aurora)
Ao verde figo, e á dourada uva;
Tal me foi a harmonia encantadora,
Com que a engraçada Alcippe, e Dafne bella
Celebraſtes em doce verſo agora.
Mas já vem alta de Erycina a eſtrella;
E no horizonte pouco, e pouco o manto
Eſtende a Alva de purpurea tela.
Vinde já, Pomareiros, vinde, em quanto
Theſtylis nos naõ chama, o noſſo uſado
Sacrificio offrecer no valle ſanto.
Mas eu vejo neſte Alamo gravado
Inda de freſco um canto peregrino,
De boninas azuis engrinaldado,
Por maõ de Nynfa, ou Satyro caprino.

SONETO

SObre um altar de viva grama um dia
A Venus duas pombas immolava;
Mas ſem nunca as tocar ſe evaporava
A chamma, que zunindo em torno ardia.

Um ſanto horror as carnes me arrepia,
E a Damon o prodigio recontava;
Damon, què com os Deoſes converſava,
E ao nublado Futuro o véo erguia.

„ Findou, diſſe, por ordem do Deſtino,
„Que a Terra, o Mar, os Ceos move, e modera,
„ O imperio da Mai de Amor maligno.

„No âplo valle outra Gnido alçar impéra;
„ Na qual de Alcippe, e Dafne o par divino
„ *Amor ao mundo dá, doce Amor gera.*

SYLVANO,

ECLOGA V.

SYLVANO, MENALCAS, E FRONDOSO.

SYLVANO.

HUma clara manhã delicioſa,
Quando mal no Oriente reluzia
A carroça de Febo luminoſa:
Por um gramineo valle, onde corria
Tortuoſo ribeiro tranſparente,
Minhas manſas ovelhas conduzia.
Em quanto eſcuto alli furtadamente
Uma Nynfa gentil, que deſcantava
Em deſaffogo de ſeu peito ardente;
Longe do mais rebanho errante andava
O guia da manada, o qual buſcando
Ouço ao loiro Damon, que me chamava.
„ Vem cá, Sylvano, aqui chegou balando
„ Tras a minha ſylvada quem procuras:
„ Sen-

„ Sentar-te-has junto a nós no feno brando.
„ Teu rebanho por entre eſtas verduras
„ Com o meu paſcerá o hervoſo prado,
„ E goſtará do Mouro ás aguas puras.
„ Se o Sol nos aquecer demaziado,
„ Pérto huma lapa eſtá muſgoſa, e fria,
„ Lugar ameno ás Nynfas conſagrado.
„ Nella, me diſſe Dafnis, que algum dia
„ De perſeguir os Cervos deſcançando,
„ Na ſéſta ardente Pan adormecia.
„ Mil boninas em torno vaõ brotando;
„ E do forro viçoſo do rochedo
„ Revêm brilhantes lynfas goteando.
„ Aqui Menalcas, e Frondoſo ledo
„ Eſcutarás, em quanto boliçoſos
„ Os Favonios ſuſſuram no arvoredo.
„ Ambos mancebos, ambos deſejoſos
„ De conſeguirem ſempre gloria, e fama,
„ Em doce canto, em verſos ſonoroſos.
„ Vem, Paſtor caro, aſſim, quem te deſama
„ De Amor ferida, vejas algum dia
„ Abrazar-ſe por ti em mutua chamma.

Diſ-

Diſſe: eu em tanto o gado conduzia
Só por ouvir os celebres cantores
Chego, e ſaudo a grata companhia.
Eis ſoam os rabeis dos dous Paſtores,
Que eſtavam a cantar dezafiados,
E a qual mais louvaria os ſeus amores;
Dizendo aſſim em verſos alternados.

MENALÇAS.

O, Nynfas, que habitais as fontes claras;
E tu, Pan, que defendes os Paſtores;
Se cad'anno entre o denſo
Fumo de pio incenſo,
Um recental immolo em voſſas aras;
A Menalcas dictai dignos louvores
Da belleza, da graça ſoberana,
D'aquella que em minh'alma impera ufana.

FRONDOSO.

Se tu, Marcia, d'eſt'alma doce vida,
Com tua peregrina formoſura,
Por quem ſuſpiro ha tanto,

M-

Me inſpiras neſte canto,
Frondoſo deixará eſcurecida
A fama dos cantores da eſpeſſura;
E ouſará contender com Pan ſagrado,
E talvêz que me ceda envergonhado.

MENALCAS.

Porque teus lindos olhos, Laura dura,
Que aos miſeros mortaes a liberdade,
Por mais que ſe defendem,
Domam, e em ferros prendem;
Em mim fitaſte chêos de ternura,
Se de izençaõ armáras a vontade?
Cruel! Ao meu amor conſtante, e forte
Ou dá-lhe o galardaõ, ou dá-me a morte.

FRONDOSO.

De que, Marcia, me ſervem as promeſſas
De reciproca fé, ardor conſtante;
Se á minha viſta enfias,
Tremes, e balbucias,
Quando a fallar em Tytiro começas?

Ah

Ah! Nynfa desleal! Se a devorante
Fragoa dos zelos n'alma tu sentíras,
Ou me amáras, ou nunca me mentíras.

MENALCAS.

Qual Progne a q̃ os implumes seus penhores
Lhe traga, roto o ninho, a cobra impura;
Quanto mais o ar atrôa
Piando, e em róda vôa
Mais a assanha: tal dobra os seus furores
De Laura a ingratidaõ serpe mais dura,
Que as tenras esperanças me devora,
Por mais pranto, e ais que d'alma envio fóra.

FRONDOSO.

Quem vio relampejar o Polo horrendo,
E entre o rouco granizo vagueando
O coriſco estallante,
E o Noto sibilante
As choſſas dos Paſtores desfazendo,
E os annoſos carvalhos arrancando;
Taes o tumulto, a confuſaõ, ruina

De

De um peito, onde o Ciume predomina.

MENALCAS.

Com quatro rouxinoes achei dous ninhos
N'um copado azareiro florecente;
Para ti, Laura, os colho:
Deſço, e Amaryllis olho,
Que me ſegue com rogos, e carinhos:
Eu lhos neguei deixando-a deſcontente:
Neguei-os a Amaryllis bella, e humana,
Bem que infrior a ti, cruel Serrana.

FRONDOSO.

Dous gèmeos de uma ovelha me naſcêraõ,
Ambos ſaõ fuſcos, ambos eſtrellados:
Mil partidos na Aldêa
Nerine, e a loira Althêa
Debalde para obtê-los me fizeraõ.
Para Marcia gentil ſaltam nos prados.
Marcia! Se ao teu Paſtor leal amáras,
Nem Paſtora, nem Nynfa hoje invejáras.

MENALCAS.

Cantam as ternas aves á porfia:
Com brandos ſopros Zefiro menêa
As plantas acurvadas
Com frutas eſmaltadas;
Em tudo brilha a face da Alegria:
Mas ſe a candida Laura deixa a aldêa,
O vergel perderá o ſeu theſouro,
E as aves piaráõ com triſte agouro.

FRONDOSO.

Delio ſe eſconde, o dia ſe eſcurece;
Secca-ſe o ameno campo, e a flor mimoſa
A cabeça dobrando
Se vai de dor murxando:
Mas ſubito a gentil Marcia apparece,
Verdeja o campo; ſurge a flor pompoſa;
Deſcobre o Sol a face radiante,
E o dia he mais formoſo, e mais brilhante.

ME-

MENALCAS.

O Amor dormindo Laura achou um dia;
Tira-lhe os ſeus farpões, arco, e aljava:
Deſpois com duros laços
Lhe cinge os tenros braços;
E chêa de altivez, e de alegria
Por ſeu captivo a todos o moſtrava.
Soltou-o em fim, mas elle ao jugo affeito,
Dos ſeus olhos gentís pende ſujeito.

FRONDOSO.

Marcia adornava o ſeu cabello ondado,
Quando Amor, que roubar-lhe naõ ſentido,
Para o ſeu arco anhella
Parte da trança bella,
Nos dourados anneis vê-ſe enleado:
Da ſubita aventura o Deos corrido,
Urde nelles encanto taõ violento,
Que ninguem livre os vê um ſó momento.

ME-

MENALCAS.

Quando tecendo Laura me apparece
Entre as Paſtoras rapida corêa,
Com Diana engraçada
Das Nynfas rodeada
No menêo, no garbo ſe parece:
De novo eſmalte o prado entaõ ſe arrêa,
E! Amor ſuſpenſo no ar com os Amores
Deixa cair das mãos os paſſadores.

FRONDOSO.

Se Marcia ſolta a doce voz, que encanta,
O Favonio naõ ruge no arvoredo,
A Nais do alvo Mouro
De neve a face, e d'ouro
Sobre a corrente limpida levanta:
Surge o Fauno do concavo rochedo:
E callados eſtaõ os paſſarinhos,
Debruçados dos ruſticos raminhos.

MA-

MENALCAS.

Dormia Laura á ſombra de uns loureiros
De roxos lyrios, de jaſmins c'roada,
Cujas ramas floridas
Do vento ſacudidas,
A cubriaõ de candidos chuveiros;
A tal viſta, minha alma tranſportada,
Exclamei: „ Onde eſtás, ó Venus, onde!
„ Amor a Pſyche neſta ſelva eſconde.

FRONDOSO.

Nas undoſas campinas rutilava
O Sol naſcente com purpureas chammas.
Eis que Marcia defronte
As aguas d'eſta fonte
C'os cryſtallinos membros prateava.
Eu vendo-a occulto entre as populeas ramas,
„ Perdôa, diſſe, ó alma luz do dia,
„ Que inda Marcia te leva a primazia.

ME-

MENALCAS.

Vem, querida Laura, aqui te eſpera
Menalcas de ſaudades ſuſpirando:
Das viçoſas boninas
De que as varias campinas
Flora borda co' a nova Primavera,
Iremos as capellas matizando.
Vem, Nynfa, antes q̃ o Sol ao mar deſcenda,
E o ſeu manto eſtrellado a noite eſtenda.

FRONDOSO.

Marcia gẽtil, mais branca que a Açucena,
Mais loira do que Febo, mais córada
Que pudibunda roſa,
Se benigna, e piedoſa
Acceitares a humilde cantilena,
Minha Muſa de todos admirada
Leda triunfará da triſte inveja,
E alcançara a dita, que deſeja.

Syl-

SYLVANO.

Findou o cãto; as Nynfas, que o eſcutáraõ;
No baſto ſalgueiral do Mouro undoſo,
Os numeroſos verſos entalháraõ:
De hera c'os ſeus corymbos a Frondoſo
Em ſignal da victoria coroámos;
E dos Cantores no lugar honroſo
Junto ao ſuave Alcino o collocámos.

PRIMAVERA,

ECLOGA VI.

ALFENO, E FRONDOSO.

ALFENO.

AGora que a viçoſa Primavera
Alcatifa de flores as campinas,
E enroſca aos ulmos a flexivel hera:
Porque entre as odoriferas boninas
Te naõ ſentas aqui, caro Frondoſo,
Junto as aguas do Mouro cryſtallinas?
Vê no roixo Oriente o Sol formoſo,
Por entre as rotas nuvens chammejando,
Raſgar da noite o manto azul pompoſo.
Vê nos Pinheiros ſurdos ſuſſurrando
Os Zefyros brincões, e deſta fonte
As prateadas lynfas encreſpando.
Verdeja em torno o boſque, o valle, e o mõte,
Serena a manhã vem, nem demigrindo

Eſtaõ as groſſas nuvens o horizonte.
Quando o Sol mais ardente for ſubindo
D'eſta Faia ás Napêas conſagrada
Amena ſombra eſtá ſempre caîndo.
Entrega a Melibeu tua manada,
Ou por eſta ribeira á minha unida
Irá paſcendo a grama roſciada.
Tudo aqui a recreio te convida
O rio murmurando, e o prado hervoſo,
Que a maõ remoça da Eſtaçaõ florida.

FRONDOSO.

Sentemo-nos, Alfeno carinhoſo,
Mais grato aos olhos meus, que a fonte fria
Na ardente ſéſta ao gado ſequioſo.
Oh doce amigo, doce companhia!
Unico bem que naõ tocou tégora
A avara maõ da minha ſorte impia.
Se do teu meigo trato a toda a hora
Gozar naõ poſſo, o ſeu rancor ferino
Urde importuna ao meu prazer demora.
Mas o ſeu odio em mim ceve o Deſtino,

E contra mim a inveja atreiçoada
Vomite o ſeu veneno viperino:
De gafeira voraz fira a manada;
Arraze a vinha, a choſſa me desfaça,
Se Alfeno me reſtar, naõ perdi nada.

ALFENO.

Calla, moço, que o peito me traſpaſſa
A juſta magoa, como ao brando feno
Do grave arado a aguda relha paſſa.
Teu virtuoſo ânimo ſereno
No fogo da amizade mais me atêa;
Só a Morte arrancar-te póde, Alfeno.
Mas longe arreda da affligida idéa
O vulto de teus males truculento,
E com fauſta eſperança a liſongêa.
Em tanto com o harmonico inſtrumento,
O canto, e o ledo trato dos Paſtores
Quebranta a furia a teu voraz tormento.
Ah ſolta já os ſons encantadores;
Entôa os doces verſos, que algum dia
Ouviam com aſſombro os mais Cantores.

Se cantaſſes agora, eu te daria
Um novo tarro de hera fabricado,
Que inveja ao torvo Egon talvez faria.
Obra prima de artifice affamado,
Já mais bebi por elle, mas inteiro
O conſervo entre vellos reſguardado.
Vê-ſe pintado alli manſo ribeiro,
Com as ceruleas ondas marchetando
As verdes faldas de um pequeno oiteiro:
Onde por toda a parte vecejando
Eſtaõ as tortas vides pampinoſas,
Aos altos chopos mil abraços dando.
No lugar onde as cepas mais ramoſas
Dobram, no alto um guardapó tecendo,
Se moſtram duas Nynfas gracioſas:
Uma nos ſeus gentís braços ſuſtendo
Com aureas muſcateis pardo ceſtinho,
O offrece á outra: a qual vê-ſe eſpremendo
Co' as alvas mãos o alambreado vinho,
Dentro de um vitreo copo de ouro orlado
Em delicado flórido raminho.
Mãcebo imberbe o empunha ao ar alçado,

Que

Que nas feições a Baccho ſe aſſemelha,
De pampanos, e de hera coroado.
Lizo tem o caraõ de côr vermelha,
E c'os olhos obſerva a Nynfa attento
Sorrindo-ſe, e arqueando a ſobrancelha.
Eſta cuſtoſa alfaia, eſte portento,
A qualquer que improviſo nella encara,
Enleva a viſta, enleva o penſamento.
Coridon, que no Menalo o comprára,
De quem, premio do canto, o teve um dia,
Jurou, que Alcimedonte o trabalhára.
Mas ſe a tua dulciſſima harmonia,
De que fazem as Muſas tanto appreço,
Ouviſſe agora, eu ledo t'o daria.

FRONDOSO.

Naõ mais, Paſtor, naõ mais, já te obedeço:
Ceſſem louvores de que naõ ſou dino:
Toca a ſonora frauta, que eu começo.
Acompanha-me o canto peregrino,
Que em louvor da fecunda Primavera
Na ribeira do Tejo o brando Alcino

En-

Entoou, que de Cynthio o apprendera.

I.

Eis vem a Aurora do Oriente abrindo
Os balcões luminoſos
Co'as lindas mãos roſadas;
A freſca Primavera conduzindo
Aos Campos ſaudoſos.
De boninas croadas
Trazem as alvas fontes:
Já lá nos horizontes,
Seus angelicos roſtos triſte vendo,
Vai-ſe o Inverno eſcondendo.

II.

Deſce do Ceo o Padre omnipotente
Em chuveiros fecundos,
Ao regaço da Eſpoſa,
E com ella ſe junta eſtreitamente
Entre abraços jocundos.
Neſta uniaõ gozoſa
Brota dos ferteis ſêios

Os

Os gramineos arreios.
O prado, e as nuas ſelvas que enverdece
De mil flores guarnece.

III.

Logo imitar começam á porfia
O doce ajuntamento
Os animaes, e as aves.
Deſafogam com terna melodia
O amoroſo tormento
Os roixinoes ſuaves.
E vè-ſe em brava guerra
Pela ruiva bezerra
Os cornigeros téſtos enganchando
Os touros peleijando.

IV.

Já as Nynfas das urnas prateadas
Mais limpidas correntes
Derramam: quaes ſerenas
Pelos valles ſerpêam marchetadas
Das árvores frondentes,

Dos

Dos lirios, e açucenas,
Que as margens lhes matizam;
Quaes roucas ſe deslizam,
Requebrando na alpeſtre ribanceira
Em lucida poeira.

V.

Flora com o Favonio alegre vôa;
E a copia de Amalthêa
Entorna ſobre o mundo.
Ora o traveſſo Deos no boſque ſôa,
E na ſeara ondêa
Com ſuſſurro jucundo;
Ora o vôo abatendo,
Pelo tanque correndo
Encreſpa a face do humido elemento
Com circulos de argento.

VI.

Os leves nevoeiros desbarata,
De raios mais ardentes
O almo Sol crôado:

Bai-

Baixam desfeitos em meuda prata
Sobre as plantas florentes
Do hervoſo molle prado,
Que quaes aſtros fuzillam
Co'as gottas, que ſcintillam.
Se co' as azas lhes toca a aura eſcaça
Que entre ellas eſvoaça,

VII.

Numa concha fendendo o ſalſo argento.
Vem Amfitrite bella,
Co' geſto peregrino
Domando as furias do aſſanhado vento.
Tornam-ſe á viſta d'ella
Do reino Neptunino
As ſerras empolladas
Em ondas azuladas:
Sáem por ver a Deoſa d'agua ao lume
Os peixes em cardume.

VIII.

Os buzios retorcidos, que ao Sol luzem,
Cem

Cem Tritões eſcamoſos
Sopram na viſta torvos:
Gentís Nereidas ſobre ſi conduzem
Os Delfins amoroſos;
E com frequentes ſorvos
Os ares borrifando,
Contino as vaõ banhando,
Correndo pelas tranſas de ouro fino
O aljofar cryſtallino.

IX.

Baixa do Tejo ás ribas florecentes
Da eſcuma o Deoſa filha,
Dos Amores cercada.
Já nos ares ondêa o facho ardente,
E o aureo carcaz brilha.
Já ferve a turba alada,
E em ſanguinoſa guerra
Diſpara ſobre a terra
Nuvens de ſettas, que zunindo vôam.
Já ternos prantos ſôam.

X.

Mas q̃ ſons feſtivaes, tremendo os valles,
Me ferem nos ouvidos?
De pandeiros ſoantes,
Cornamuzas, fagotes, e timbales?
D'entre os louros floridos
Os Satyros ſaltantes,
Co' as Napêas formozas
Sáem. Eis nas viçoſas
Veigas a turba rapida ſe enlêa
Em ruidoſa corêa.

XI.

Paſtores, que bebeis do flavo rio,
Erguei novos al:ares;
E entre preces, e votos
O fumo em borbotões de incenſo pio
Suba enrolado aos ares:
E com hymnos devotos,
Um gordo cabritinho
Alvo como o Arminho

Nelles

Nelles ſacrificai, crôados de Hera,
A' ſanta Primavera.

ALFENO.

Qual ao perdido afflicto caminhante,
Por fragoſos dezertos conduzindo
O laſſo corpo ſeu com paſſo errante;
Quando Febo no mar ſe vai ſumindo
Ir de cima da rócha levantada
O ſuſpirado alverge deſcobrindo:
Tal ficou a minh'alma arrebatada
Ouvindo de teu canto a melodia,
E a graça deſſes verſos eſtremada.
Os noſſos gados, Melibeu, vigia:
Vem, Frondoſo, que o premio quero dar-te,
E na minha cabana todo o dia
De freſco leite, e fructas regalar-te.

* * *
*

CANTATAS.

A' MADRUGADA,

CANTATA I.

A' SENHORA D. C. J.

DOce he vêr na ſerena madrugada,
Aljofrar de Titan a loira Filha.
Nas ſaudoſas campinas
Com mão roſada as languidas boninas:
Em quanto a fria noite a ſi recolhe
O manto azul de eſtrellas recamado.
Doce he vêr, como as Horas vigilantes
Jungem de Febo ao coche auri-roſado
Á Flegon, e Pyrois flammi-ſpirantes,
Que mal largar-lhes ſentem
Ao Deos Autor do dia
As prateadas redeas,
Pelos roxos balcões rompem fogoſos,

Ba-

Batendo aos pulos co' as ferradas unhas
Do hermo Ether os campos eſpaçoſos.
Os Ceos ſe purpurêam,
E as molles veigas róſcidas ſe arrêam
De ondeada alcatifa ſcintillante;
E uma alma nova agita
O ſeio creador da madre Terra,
Apenas a viſita
O omniparente Deos com leda fronte,
De benefica luz perenne fonte.

Porém mais doce he vêr a bella Clara,
Ante a qual me parece
Que a Aurora foge, Delio amarellece:
Com inveja talvez d'aquellas ſoltas
Madeixas de ouro fino,
Que nas azas dos Zefyros fuzillam.
Ou do explendor d'aquelles dous luzeiros,
A cuja viſta o Sol o valor perde.
Onde quer que Ella fita,
Os q̃ o mundo olhos chama, e o Ceo eſtrellas,
(Inda no meio do gelado Inverno)

A deſpida floreſta, que negreja,
Creſpa de gomos ſubito verdeja:
Com o pompoſo manto
A Primavera nitida paſſêa,
E os floridos theſouros
Pelos hiſpidos campos alardêa:
Os ares ſe povôam
De traveſſos Cupidos que revôam:
Neptuno calla com o azul Tridente
As horriſonas vagas procelloſas:
Dorme o Auſtro fremente;
E na ſua obra prima
De graça, e de belleza
Paſmada ſe revê a Natureza.

ARIA.

Por mais que emperla a Aurora
As tranſas amarellas;
Por mais que Febo agora
C'o brilho das eſtrellas
A fronte vai cingindo;
De Clara ao geſto lindo

Naõ podem igualar.
Mais brilham ſem adorno
Que os da Alva os ſeus cabellos;
E os verdes olhos bellos,
Que animam tudo em torno,
Aſſombram com ſeus raios
A roxa luz Solar.

Sim brilhantes madeixas em vós armam
Os doloſos Amores
As redes mais ſubtís, laços traidóres;
Onde engodados cáem
Da ſua gentileza,
Os triſtes Alvedrios imprudentes,
Que ſe atrevem ſem ſuſto
De perto a vos olhar mais do que he juſto.

E que direi de vós, olhos divinos?
Por mim Cupido o diga,
Que em vós ovante impera,
E de hora em hora eſcravos mil numera;
Naõ por traiçaõ covarde ſubjugados,
Ou combates violentos

Em

Em razo campo fronte a fronte dados;
Mas tendendo eſpontaneos
Intactos pulſos a grilhões vaidoſos.
Vencidos, tranſportados
Da ſoberana luz, olhos formoſos,
Que fuzillaes em torno,
Capaz de abrazear com um ſó raio
O frio peito da Izençaõ eſquiva,
E as leves azas da Inconſtancia altiva.

Vem pallidos tornar Febo, e Aurora,
Clara gentil, agora;
E bem-aventurar o terno Alfeno:
Langue ſem ti o coraçaõ ſaudoſo,
E o prado ſe entriſtece, e o boſque umbroſo.

ARIA.

Perde, ó Clara, o ſeu theſouro
De ſaudade o verde Louro:
Junto d'agua cryſtallina
Murcho o Lirio a fronte inclina:
Mana turvo o Tejo ameno:

E eſmorece o meigo Alfeno,
Se o teu geſto hoje naõ vêm.
Mas já vejo a flor mimoſa
A cabeça alçar pompoſa:
Nóva coma ao Louro arrêa:
Doura o Tejo a eſcura vêa.
Bom preſſagio! Chega Clara
Noſſa gloria, e noſſo bem.

CAN-

A NOITE,

CANTATA II.

A SENHORA D. J. G.

JÁ' o Sol de purpureas froxas luzes
Crôa as ferventes cérulas campinas,
Banhando aos arquejantes Andaluzes
No mar as alvas fumegantes clinas
As Horas os disjunguem.
E ao brâdo sôno o Deos nos Thetyos braços
Manso, e manso abâdona os membros lassos.

Sáem do asylo das horrendas grutas,
Com as nocturnas aves agoureiras,
As sombras vergonhosas;
Pelos valles diffundem-se rasteiras,
Até que unidas ás do annoso bosque,
Affoitas mais, e mais surgem, e engrossam,
E do mundo se apossam: . . .
Em tanto para o Occaso a Noite dobra

O véo apavonado,
Que ſobre o ſeu azul manto eſtrellado
Invejoſa eſtendêra
A Aurora vigilante:
No remanſo do arroio murmurante
Já fervem a chuveiros
Os reflectidos trémulos luzeiros.

Graças a Amor! aſſoma a feliz Hora
Tirada no ſeu coche
De cem Deſejos fervidos alados;
Em que me prometteo a minha Nize
De ouvir os meus queixumes namorados,
Na floreſta de Platanos que aſſombra
A entrada da caverna veneranda,
Dõde em mil borbotões de eſcuma o Mouro
Fervendo o ſeu liquor peremne manda.

Nize gentil; ſerá, meu bem, poſſivel,
Que hoje eu cõlha as dulciſſimas primicias
De minhas Eſperanças vigoroſas,
Do Deos Frecheiro pelas mãos mimoſas
Da tua bocca fonte de cãricias,

De

De teus olhos traveſſos
Em meu peito plantadas,
Sempre de ardentes lagrimas regadas?

As portas d'alma, Alfeno, patentêa
A' celeſte Alegria:
Fogem d'ella os Cuidados roëdores,
E os pallidos Temores.
Com branca pedra nóta eſte almo dia.
A Deos, magoas: a Deos, amargo pranto:
Torna, frauta, commigo ao ledo canto.

ARIA.

Já Morfeo de Lethes rindo,
Vai de Sonhos rodeado,
Sobre o mundo fatigado
Molles ſomnos eſpargindo.
Dorme tudo, ó Nize bella:
Só Alfeno, e Filomela,
Ternas queixas modulando,
Vaõ turbando
O nocturno mudo horror.

Santo Amor, que tens o ninho
Do meu bem nos meigos olhos,
Um pungente breve eſpinho
Tu elege dos abrolhos,
Que em mim crava a Saudade:
Fere nalma a tarda Nize:
Sobre as azas da vontade
Voará ao ſeu Paſtor.

Eis deſço ao vale. Eis entro o auguſto boſque.
Que ſcena encantadora! Os ares cruzam
Immenſos fuzillantes Vaga-lumes:
Em quanto outros cravados
Nos frondoſos doceis peremnes brilhàm:
Emulando a floreſta os Ceos Sagrados,
De exhalações, de eſtrellas adornados.
Triſte de mim! Naõ vejo a linda Nize,
Por mais que a ſelva em torno
Com os ávidos olhos inveſtigo!
Vara gentil de ricos Lavradores,
A cruel me deſdenha
Prole de honrados miſeros Paſtores.

Vi-

Vivem inda os amores;
Inda ſuſurra o virginal ſegredo
Lá no Latmio rochedo;
Alta noite accolhendo
No ſeio cavernoſo
Da grande Cynthia o numen venerando;
Que ao Acaſo entregando
O governo do carro luminoſo,
Dentro de véo nubloſo
Sobre os hombros dos Zefyros baixava;
Endymião buſcando,
Que entre ovelhas lanigeras jazia,
E nos braços do amado Pegureiro
Do Olympo, e de ſi meſma ſe eſquecia.

Ah lembre-te, inhumana, a triſte ſorte
Da bella Dafne eſquiva;
Que deſdenhando altiva
Do aureo Paſtor de Admeto
O terniſſimo affecto,
E os ardentes queixumes laſtimoſos,
Que ſuado, e anhellante

Com

Com rota voz em ſeu alcance eſpalha
Ao vento o afflicto amante;
Sobre a margem paterna
A bella fugitiva o corpo digno,
Em juſta pena da dureza interna,
De improvizo ſentio inteiriſſar-ſe;
E em aſpera cortiça
A nivea pelle morbida tornar-ſe:
Em rigidas raizes tortuoſas,
Pelo attonito rio os pés entráraõ:
Os braços torneados
Duros galhudos troncos ſe fizeraõ,
E pelo ar ſe eſtendêraõ:
E os dourados cabellos ondeantes
Por elles ſe eſpalháraõ
Em verde-negras folhas ſuſurrantes.

Em Louro transformada,
Com a nova ſombra aos campos maravilha
Do azul Peneu a Filha.
Febo... Mas eſtremece ſaylva eſpeſſa:
O ſonoro bullicio d'agua ceſſa:

Bo-

Bocejando os Favonios rugidores
Surgem dos tenros calices das flores.

Acceito o agouro, Amor. He Nize, he Nize.
Repentino, claraõ as trevas fere...
Nova fragancia os ares embalſama...
He o meu Bem que chega.
Omnipotente Deos, aos teus Miniſtros
Do meu pobre rebanho a guarda entrega.
Em quanto Alfeno á ſombra
Das fuſcas azas da amoroſa Noite,
Na molle gramma paſſa
Doces momentos da aurea Nynfa ao lado,
Digno de ſer dos Deoſes invejado.

ARIA.

Alfeno ditoſo
Te dá mil louvores,
O' Deos dos Amores.
No Ceo luminoſo,
Nas lubricas aguas,
No Reino das magoas

Deſ-

Deſpotico imperas.
Tu ſó da dor géras
Celeſte prazer.
Angelica Nize,
Amor, que alegria!
A Jove me-iguala:
Quer goſte a Ambroſia
Na Olympica ſala;
Quer da alma Erycina
Na face divina
Se eſteja a revêr.

A' AMIZADE,

CANÇAM

Na prizaõ de Pedro Antonio Corrêa Garçaõ.

DEſce do Ceo, Melpomene benigna.
Um ſublime furor na acceza mente
Me infunde,(brame,e eſtalle a Inveja dura)
Para que em voz altí-ſona, e divina,
Eu celebre na Lyra dignamente
O ineffavel poder, e formoſura
Da candida Amizade.
A maga ſuavidade
Dá-me de Coridon, cuja alta rima
Enfréa os mares, doma o rijo vento;
Cadaveres anima;
Faz a Lua deſcer do ethereo aſſento.

O' Santa Deoſa, alma do Univerſo,
Gloria, e prazer dos miſeros humanos,
Que

Que ſeriam ſem ti no vaſto Mundo
Feroz rebanho, erratico, e diſperſo
De famelicos Tygres deshumanos,
Cevando-ſe em ſeu ſangue furibundo,
Sem Paſtor, e ſem Lei, horrido, immundo.
Jazeria a Natura
Sem arte, e ſem cultura:
Nem a Cidade contra a injuſta guerra
A torreada fronte ſublimára,
E a noſſa Madre Terra
Ao primitivo cahos ſe tornára.

Que perigos, ou q̃ morte a mais horrivel,
Poderáõ aſſombrar um peito forte
De teus nobres ardores inflammado?
Nada reſiſte ao teu valor terrivel!
Diga-o da Grecia o inclito Mavorte,
Que por vingar o ſeu Patroclo amado,
Com fulminante ferro denodado
Soccorre a Grega gente,
E vara Hector valente;
Por cuja invicta maõ pereceria

Na-

Na voraz lavareda crepitante,
E Helena deixaria
A' Troia, á impia Troia triunfante.

A libertar Thezeu co'a rude clava
Hercules baixa ao Reino tenebroſo;
Sem temer as flammi-vomas Serpentes,
E torvos olhos de Megéra brava.
Em vaõ contra elle o Cerbero raivoſo
Erreiça a cola, range os rijos dentes,
Que de ti animado os inſolentes
Furores lhe quebranta;
Da triplice garganta
Lançando taõ horri-ſonos latidos,
Que as ſugubres cavernas atroando,
Fogem eſpavoridos,
Os implacaveis Reis vociferando.

Ah ſe o vulgo profano, Deoſa augusta,
Viſſe o explendor, e as graças mageſtoſas
Deſſe roſto gentil, e ſacroſanto:
Chêo de indignaçaõ honrada, e juſta
Execrára as bellezas mentiroſas,

Com que o Intereſſe envolto no teu manto,
Com aſtucia malina
A mente lhe allucina:
Honras injuſtas, ſordidas riquezas,
Torpe colheita de um ſemblante falſo,
De infamias, de vilezas,
Calcando-as em patente cadafalſo.

Agora jaz em vicios atollado
Volvendo ſem ceſſar, qual porco immundo,
O vil lodo, que occulta o metal loiro:
Por quem em lenho concavo arrojado,
Rompe o ſeio do ponto furibundo
Expoſto ao Euro, expoſto ao ferro Mouro,
Por quem (ignore-o o Seculo vindouro!)
Soffre o marido infame,
Que eſtranho amor inflamme
O peito impuro da laſciva eſpoſa:
Por quem até aos inimigos cega
Uma alma ambicioſa,
Os Penates, o Rei, a Patria entrega.

De ti, celeſte Numen, namorado,
Diſcorre affoito Pylades o digno,
Inhoſpitas Regiões, riſpidos mares,
Por Oreſtes das Furias agitado.
Mas que funeſto barbaro Deſtino,
Juſtos Ceos! Longe dos paternos lares
Lhes prepáram os Tauricos altares!
Em vaõ Thoas procure,
Co' a luzente ſecure
Oreſtes immolar, que o nobre amigo
Roubando o caro nome o naõ conſente;
Livrando-o do perigo
Te que lhe acudas, Deoſa omnipotente.

Quem dizer póde a magica doçura
Do Nectar immortal emuladora,
Com que dos tragos da immatura morte
Deſtemperas a horrifica amargura?
O collo juvenil, que os Ceos namora,
Eſpontanea offerece ao lethal córte,
Das honradas Matronas, ſpelho, e norte,

Alceſte eſclarecida,
Por dilatar a vida
Do ſeu Admeto. Sobre a terna eſpoſa
Já no ar brilha o ferro deshumano.
Da Morte ſanguinoſa;
Quando grato a ſalvou o graõ Thebano.

Das armas inimigas eſcapando,
Nizo a um negro boſque ſe acolhia:
Sente rumor: eis buſca o amigo auſente;
E o acha com os Rutulos pugnando.
Eis dous mortaes arremeſſões envia
Em ſeu ſoccorro contra a turba urgente.
De que indignado o barbaro Volſcente
Para Euríalo aponta
Da eſpada aguda ponta.
Sae Nizo á luz, livrá-lo em vaõ querendo
Cae-lhe ante os olhos: arde o moço em ira;
E ao cabo arremetendo,
Vinga-lhe a morte, e ſobre o amigo expira.

Se os meus verſos vencerem agradar-te;

Soc-

Soccorre a Corydon, Deoſa benigna:
Jaz inculpado em carcer tenebroſo.
Torna a eſt'alma a ſua melhor parte.
Tem cõpaixaõ da anguſtia acerba, e indigna
De Marcia, que com pranto laſtimoſo,
De dia, e noite chama o caro Eſpoſo.
Ouve os rogos ardentes
Dos filhos innocentes.
Poẽ os olhos na Arcadia ſem ventura,
Que de ſuſpiros vãos enchendo os ares,
Cuberta de amargura
Tende as ſupplices mãos aos teus altares.

Vôa, Cançaõ, á luminoſa eſfera,
Onde verás num throno de diamante,
Donde luz varia immenſa transverbera,
A Deoſa auguſta á dextra do Tonante.
Proſtra-te a ella em lugubre veſtido,
Nua dos pes, e ſoltos os cabellos,
E co' ſemblante pallido, e abatido.
E nos ſeus olhos bellos
Fitando os teus choroſos,

Os joelhos lhe abraça, as mão lhe beja,
Até que aos teus desejos amorosos
Liberal conceder tudo se veja.

CANÇONETAS.

CANCELLED

AOS ANNOS DA SENHORA D. C... J...

CANÇONETA I.

A TRISTEZA.

VEnha a Lyra altiſonante, (*)
Que cantar ouſado intento
A Claricia aſtro brilhante,
Que baixou do ethereo aſſento
A acclarar a Lyſia terra;
Que hoje em véo corporeo encerra
A nativa immenſa luz,
Que no geſto lhe trasluz.

A

(*) Eſpecie de verſos de oito ſyllabas, que levam os accentos na terceira, e ſetima, de que ſaõ inventores os Italianos; os mais harmoniosos, e cantaveis dos deſta medida.

A Claricia, a quem abríraõ
Os ſeus olhos hoje as Graças,
Que á Virtude ſe ſorriraõ.
Por quem tu, Amor, enlaças
Com aſperrimas prizões
Mil rebeldes corações,
Que fazendo vãos teus tiros,
Já domados daõ ſuſpiros.

Eis a Lyra: agora dê-me
Seu furor Apollo ſanto...
Ceos! parece-me, que geme,
Quando a accordo ao ledo canto.
Outra vez as cordas firo,
Flebeis tons ſó dellas tiro:
Tanto á dor a tenho uſada,
Que ſoar ſabe mais nada.

De que ſerve ha pouco eu ter
A aurea Lyra encordoado
Com o auſpicio do Prazer?
E de plectro ter mudado?

E tu, Delio poderoſo,
Quem te faz taõ deſcuidoſo,
Que naõ torces a natura
Do inſtrumento ſem ventura?

Mas que vejo! Eis enroſcada
Entre as cordas ſe eſcondia
A Triſteza envenenada,
Que em meu peito reina impia;
E no ſangue ſitibunda
Tinge, e ceva a bocca immunda.
Eſta as vozes lhe abafava,
E em gemidos as trocava.

Mas já vem, monſtro execrando,
Quem o teu furor abate;
O Prazer do Ceo baixando
As purpureas azas bate:
Com a eſquerda o eſcudo embraça
Que o cryſtal no brilho paſſa;
E na dextra com braveza
A fatal haſte ſoppeza,

Eis

Eis a fera ſai da Lyra...
Sobre as azas no ar ſe libra...
Dos ſeus olhos fogo expira...
E a triſulca lingua vibra.
Mas o Deos com mão previſta,
Lhe offerece o eſcudo á viſta:
Deslumbrada os olhos cerra;
Fecha as azas, cai em terra.

Vibra a lança o Nume invicto,
Que varar-lhe a fronte quer...
Ceos! que vejo nella eſcrito,
Que me faz eſtremecer:
„ Socia eterna ſê de Alfeno,
„ Eu o Fado aſſim o ordeno.
Pára o Deos; eis volve amim
O roſto almo, e diz-me aſſim:

„ Triſte Alfeno, infeliz preza
„ D'eſta Fera ſanguinoſa,
„ De cantar a vã empreza
„ Deixa á Lyra lamentoſa.

„ Tu

„ Tu, Claricia, honra do Tejo,
„ Terna acceita o seu desejo:
„ Nada mais ao desgraçado
„ Lhe concede o immovel Fado.

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA.

CANÇONETA II.

OS CORAÇOENS.

QUe daria á Linda Clara,
Se riquezas, e valia
Me outorgaſſe a Sorte avara,
Neſte fauſto, e alegre dia,
De mim digno, e digno d'ella,
De um amante delicado,
De uma taõ gentil Donzella?

Os cabellos lhe prendêram
D' ouro lucidas grinaldas:
Das orelhas lhe pendêram
Dous chuveiros de eſmeraldas:
Os rubins, pérolas finas
Para ornar-lhe o eburneo collo,
Lá das partes peregrinas
Onde naſce o roxo Apollo,

Lhe

Lhe offreceram ajoelhados,
Em os cofres desfechados;
Cem eſcravos reverentes
Da gentil bocca pendentes.

Mas quaõ louco entaõ ſeria!
Por ventura o reſplendor
Daquelle ouro, que Amor fia,
Que he do Sol competidor;
Naõ fizera eſcuro o preço
D'eſte pallido, e terreno,
Que idolátra o povo rude,
Cego aos raios da Virtude;
Cego aos bens delicioſos,
Que Amor dá aos ſeus mimoſos?

E o fulgor dos verdes olhos;
E o rubor dos breves labios,
De Cupido tenro ninho;
Ou a face onde aos molhos
(Sem adorno, e ſem alinho)
Brilham roſas, e jaſmins;
E a garganta alva, e mimoſa

Naõ deslúſtram os rubins
A eſmeralda radioſa,
O diamãnte, a pérla fina,
E a purpurea neve alpina? (*)
E naõ he ella Senhora,
Dos que gozaõ a ventura
De admirar-lhe a formoſura,
E a bella alma encantadora?

Com que dom eu prendaria
Neſte dia a Nynfa bella?
Com a doce Poezia:
Louvo entaõ a minha eſtrella.
Que ſe o Fado bens me nega,
Dá-me Febo liberal
Dom mais alto, e divinal,
A que nunca a Sorte chega.
Dá-me, Lyra, dá-me, ó moço:
Mimos taes fazer-lhe eu poſſo
Nos ſeus annos venturoſos,

Sem

(*) Veja a Not. á Eſt. 3. da Cançoneta IIII.

Sem que inveje aos mais ditoſos.

„ Surge, ó Febo auri-crinito,
„ Co' ſemblante corôado
„ De explendores mais brilhantes,
„ Pelo éther infinito
„ Sobre o carro marchetado
„ De carbunclos flammantes
„ Conduzindo o Dia fauſto.
„ Fique exauſto
„ Hoje, ó Terra,
„ Quanto encerra
„ Teu theſouro:
„ De cor de ouro
„ Tenras flores
„ E da cor dos Amadores.
„ Cor do Ceo,
„ E do véo.
„ De que adorna a Aurora a frente
„ No Oriente;
„ E da cor da neve Alpina:
„ Na Campina

„ Bor-

„ Bordem teu gramineo manto.
„ Reverdeçam com eſpanto
„ Noſſos álamos ufanos:
„ Pelas pontas dos ſeus galhos
„ Mel deſtillem os carvalhos:
„ Clara a linda hoje faz annos.

Donde, ó Muſa, urdiremos
„ Noſſo Canto? Por ventura
„ O fulgor decantaremos
„ Da viçoſa formoſura,
„ Que aos Celicolas namora?
„ Ou a graça encantadora,
„ Com que em gyro regulado
„ Piza airoſa o ameno prado:
„ Que á porfia,
„ De alegria,
„ Na alcatifa viridante
„ Abre flores cento, e cento;
„ E ſoberbo todo, e ovante
„ No ceruleo ethereo aſſento
„ Com deſprezo os olhos fita,

„ E lhe oſtenta a ſua dita ?

„ Dai-me, Irmans do auguſto Apollo,
„ Uma furia ſonoroſa,
„ Que de um polo a outro polo
„ De ſu'alma virtuoſa
„ Antes quero hoje cantar.
„ Cantarei em verdes annos
„ Um engenho ſem ter par,
„ Que he aſſombro dos humanos;
„ E a innocencia pudibunda,
„ Em que abunda.
„ Louvarei a diſcriçaõ,
„ E os agrados infinitos,
„ Que emanando ſempre eſtaõ
„ De ſeus geſtos, de ſeus ditos.

„ Cantarei... Mas Ceos ! Eu vejo
Cupidinhos a milhares,
Vir voando ſobre os mares
Demandar o fulvo Tejo.
Das mãos pendem-lhe grilhões,
Que circundam corações,

Aos

Aos quaes ornam tambem azas,
Uns da cor de vivas brazas,
Outros pallidos, e eſcuros.
Eis fendendo os ares puros,
Baixa á terra o Deos vendado
Com o geſto carregado.

„ Deixa, Alfeno, diz-me, a Lyra:
„ Ceſſa já no rude canto;
„ C'o ſemblante accezo em ira
„ Te olha Delio ſacroſanto;
„ Por te vêr, perdido o ſizo,
„ Emprender o vaõ projecto
„ De louvar o raro objecto,
„ Que cantou o Vate Anfrizo.
„ Se prendar queres a Clara
„ C'uma joia ſingular,
„ Eu te moſtro uma taõ rara,
„ Qual ninguem lh'a poſſa dar.

„ Eiſ-aqui teu coraçaõ,
(Diz Amor um me moſtrando
Puro maís que a neve Alpina,

Que eu contemplo ſem grilhaõ
Junto d'elle revoando)
„ Eis a joia peregrina
„ D'ella digna :
„ Que na lucida candura
„ Nos demoſtra, quanto he pura ,
„ Quanto honrada a ſua fé.
„ Sem prizões por mim ſe vê ;
„ Para altivo remontar-ſe
„ A gozar de perto hum bem ,
„ Que naõ póde imaginar-ſe ,
„ Que os validos meus ſó vêm.

„ Vês aquelles cor de fogo ,
„ Que entre mofas , riſo , e jogo
„ Aos Amores das mãos pendem ?
„ Saõ , Alfeno , os que ſe accendem
„ Em viviſſimos deſejos
„ Da corporea gentileza ,
„ Sem ouſarem ſublimar
„ O ſeu vôo a contemplar
„ A immortal rara belleza

„ De

„ De ſeu 'spirito divino,
„ Das Virtudes, templo digno.
„ Paguem pois o inſano arrojo
„ Da profana chamma impura,
„ Com tirarem ſempre a rojo
„ Da cadêa grave, e dura.
„ Atrelados
„ Do appetite famulento;
„ E açamados
„ Do tremendo acatamento.

„ Vês os pallidos, e obſcuros;
„ Saõ os que amam naõ a Clara,
„ Mas da Sorte os ricos mimos:
„ Do ouro eſcravos vis perjuros,
„ Que aos Amores ſobre a ara
„ Do Intereſſe ſacrificam.
„ Caſtigados porém ficam
„ Com a pena, que hoje intento
„ Dar ao ſeu atrevimento.
„ Entre ferros cada um veja,
„ Chammejando de ira, e inveja,

„ Que

„ Que ao teu mais terna, e piedoſa
„ A formoſa
„ Clara préza,
„ Do que a ſordida riqueza.

Iſto diz o Deos vendado;
E eſte o dom, que te offereço,
C'os joelhos ſobre o chaõ,
Sem refolhos nobre, e honrado.
Mas ſe accazo eu naõ mereço
O ſoberbo galardaõ,
Qual Amor me promettia
Por grandeza deſte Dia,
Aceitá-lo ao menos já
Pelo que elle a ti o dá,
Nynfa angelica, te digna.
Ah ſe eu cumpro eſte defejo,
Nada, ó Deozes, vos invejo.

A MESMA SENHORA

CANÇONETA III.

A FORTUNA.

PElas praias ſalpicadas,
Do caudal Tejo ſereno,
De conchinhas eſmaltadas
Vagueava o triſte Alfeno,
De ſeus olhos derramando
Pranto em fio, e ſoluçando:
Quando a penas purpurêa
O horizonte a Luz Febêa.

Ternos ais do peito afflito
Arrancava em deſafogo
(Com a voz alçada em grito)
Do cruel amante fogo,
Que as entranhas lhe conſome
Com voraz perpetua fome:

Di-

Diga-o o roſto deſcorado
Sobre os oſſos esbrugado.

Para o Ceo as mãos torcendo,
Na mais flebil meſta queixa
Vai ſu'alma derretendo.
No vizinho boſque deixa
De cantar a antiga pena
Para ouvi-lo Filomena.
Surgem fora do remanſo
Os Delfins no Tejo manſo.

„ Se virá, dizia, um' hora,
„ Se virá um ſó inſtante,
„ Em que a peſte roedora,
„ Em que a fragoa devorante,
„ Que eſtas carnes me deſfaz,
„ Reſpirar me deixe em paz?
„ Ou por Marcia fementida
„ O tormento ſe divida?

„ Naõ virá: que aſſim o jura
„ Eſſe falſo, e empedernido,

„ Par-

„ Parto de uma rocha dura,
„ Que os mortaes chamam Cupido:
„ Antes Furia Iá do Averno:
„ Noſſo mal, e opprobrio eterno;
„ Que no meu fangue ſe nutre
„ Qual de Ticio o fero Abutre.

„ Mas acaba, ó deshumano,
„ De cevar as duras ſanhas.
„ A minh'alma arranca ufano
„ D'eſtas miſeras entranhas:
„ Moſtre a tua Divindade,
„ Que já ſoube ter piedade:
„ Saiba o mundo o caſo infando,
„ Que uma vez já foſte brando.

Mais naõ diſſe o triſte Alfeno,
Porque a dôr o ſuffocava.
Entretanto o rio ameno
Para ouvi-lo refreava
Sua trémula corrente.
Niſto ſôa de repente

So-

Sobre os Louros um rugido:
Alça os olhos, vê Cupido.

Vê Cupido, que baixando
N'uma nuvem luminoſa,
Lhe ſurria o geſto brando:
Sem aljava ruidoſa,
Sem o arco, e paſſadores;
Mas nas mãos de Myrrho, e flores
Crôa egregia o Deos trazia;
E d'eſt'arte lhe dizia:

„ Naõ me accuſes de tyranno,
„ Mas accuſa o teu Deſtino;
„ Que protervo, e deshumano,
„ Extravia de contino
„ Quantos bens em galardaõ
„ Do mais terno coraçaõ,
„ Que ha no Reino em que eu impero,
„ Derramar benigno quero.

„ Sim verás, querido Alfeno,
„ Abondade que me arrêa.

„ Vem

„ Vem commigo ao Ceo ſereno,
„ Onde a tua amante idêa
„ Naõ terá mais que deſeje;
„ E onde eu meſmo o Amor te inveje.
„ Ao deſpois chamma a Cupido
„ Nume falſo, e empedernido.

Dizendo iſto com a crôa
Os cabellos lhe cingia:
Logo em torno o boſque ſôa
Com applauſos á porfia,
De hirtos Faunos invejoſos,
Que eſpreitavam curioſos.
Ri-ſe Amor, que iſto percebe;
E na nuvem o recebe.

Deixa a terra velozmente
A carroça apavonada:
Para a Côrte refulgente
Dos Favonios he levada.
Sobre a nuvem ſobranceiro
Vê Alfeno á um ribeiro

Com

Com aſſombro manſo, e manſo
Reduzir-ſe o Tejo manſo.

Da aurea Febe ao luminar
Chega em breve o Par amante:
Vio-o a Deoſa, e a colorar
Começou o ſeu ſemblante.
Deſpois chega aonde raia
O gentil Filho da Maia.
E no Globo de Erycina
Pára a nuvem cryſtallina.

„ Tens diante, meu Paſtor,
(Diz o Nume ao companheiro)
„ Da formoſa Mãi de Amor
„ O clariſſimo luzeiro.
„ Sitio nunca profanado
„ De nenhum humano ouſado;
„ Só por minha alta mercê
„ Outorgado á tua fé.

Diſſe: e apenas a voz ſôa
Na lucifera morada,

De

De brincões frecheiros vôa
Infinita banda alada:
E deſpois que reſpeitoſa
Beja ao Deos a maõ mimoſa;
Ao Paſtor nas azas dece;
Logo a nuvem ſe eſvaece.

Ao redor como encantado
Regyrando aviſta Alfeno,
Vê de gemmas eſtrellado
O diafano terreno.
Corta èm voltas a campina
Derretida prata fina,
Surdas queixas murmurando,
Entre jaſpes requebrando.

Aureas Pombas arrullavam
Entre Murthas de eſmeraldas.
Num oiteiro borbulhavam
Vitreas Lynfas, que nas faldas
Juntas alva meza eſtendem,
Que as tres Graças nuas fendem,

Mal

Mal cobrindo as comas de ouro
Do Pudor o almo theſouro.

Sobre róchа alabaſtrina,
Que do oiteiro o collo opprime,
Vê de maſſa cryſtallina
Fulgurar Templo ſublime;
Co' ſolar raio luzente
Parecia todo ardente,
Na fachada ſcintillante.
De rubí, e Diamante.

As eburneas portas ſôam
Sobre os eixos argentinos.
Mal entrou o Nume entôam
Bellas Nynfas ledos Hymnos.
Sobre os nitidos altares
Sobem trémulos aos ares,
Fumegando eternos lumes
De arromaticos perfumes.

De frechados coraçõ-s
Em um throno, vio ſentado.

Das

Das celeſtes perfeições
Um compoſto ſublimado,
A formoſa Clariſtella:
Veſte de ouro ondada téla,
Trasluzindo-lhe o ſemblante
Por finiſſimo volante.

Taõ gentil naõ ſurge fóra,
Deſpois de horrida tormenta,
Do mar leite a roxa Aurora:
Nem taõ bello Delia oſtenta,
No abrazado mez de Agoſto,
Seu purpureo chêo roſto:
Nem formá-la poderia
A engenhoſa Fantaſia.

Niſto Amor riſonhamente
Lhe acenou, que ergueſſe o vêo.
Alça-o ella, e derepente
Arraiou um novo Ceo,
Com dous Aſtros fulgurantes
Mais que Febo rutilantes.

Cai Alfeno deslumbrado,
Sobre o folio marchetado.

„ Que imprudente fui, Serrano,
(Diz Cupido a maõ lhe dando)
„ Com meu fogo soberano
„ De naõ ir purificando
„ Da mortal crassa impureza
„ Dos teus olhos a agudeza,
„ Antes d'hoje á prova a expôr
„ De taõ vivo resplendor.

„ Mas verás, quanto he piedoso
„ O meu Nume omnipotente
„ Com Alfeno venturoso.
Disse o Deos; e brandamente
Em os olhos lhe bafeja:
Despois manda-lhe que veja.
Abre-os elle, e neste ensaio
Soster pode o intenso raio.

Ajoelha arrebatado
Dos portentos, que alli via:

Er-

Ergue as mãos, e affervorado
Eſtas ſupplicas envia:
„ Citherêa, alma do mundo,
„ Do Prazer centro jocundo,
„ Ouve branda, ouve piedoſa
„ Minha queixa inavioſa.

„ Bem vés, Deoſa, á quantos annos
„ Eſte fogo me devora
„ Com tormentos inhumanos:
„ Compaſſiva, o extingue agora;
„ Ou ſe o nega o meu Deſtino,
„ Dá-me objecto honrado, e digno,
„ Que em reciproca ternura,
„ Por mim arda em chamma pura.

Rio-ſe Amor ouvindo o rogo
Do Serrano magoado;
Que c'o vulto cor de fogo
Se tornou de envergonhado:
Sôa em torno de improviſo
Dos Cupidos largo riſo:

Niſto o Deos a maõ alçou,
Logo tudo ſe callou.

„ Ora ſus, feliz mortal,
(Abraçando-o, diz-lhe o Nume)
„ Eis findou todo o teu mal.
„ Já chegaſte ao alto cume
„ Da ventura, que Cupido
„ Concedeo ao môr valido.
„ E ſe Jove hoje te olhára,
„ Jove meſmo te invejára.

„ Vês alli naõ Erycina,
„ Mas a linda Clariſtella,
„ Que Amor hoje te deſtina,
„ A pezar da tua eſtrella,
„ Em devido galardaõ.
„ Já em proſpera uniaõ
„ Vou ligar-vos, par ditoſo,
„ Com o Céſto deleitoſo.

Aſſim diz: e ao ar ſereno
Se abalança o Deos vendado.

Do

Do que ouvio o moço Alfeno
Fica attonito, e enlevado:
Dentro nalma ſente em tanto
Penetrar-lhe um liquor ſanto,
Que o voraz fogo lhe apaga,
E lhe cerra a annoſa chaga.

Logo a proſpera Ufania
Lhe incha o vaõ, juvenil peito.
De ſi pago, ouſado cria
Ser da Nynfa digno, e acceito,
Pelos raros dotes ſeus,
E privança com um Deos:
Naõ por graça de Cupido,
De ſeus malles condoido.

Eis o ſeio de improviſo
Sente abrir; e a vôo ſolto
Sai á luz tinto de riſo,
Impudente, e deſenvolto
Um menino côr de brazas:
Talha o ar co'as leves azas,

Demandando a face bella,
Da ſublime Clariſtella.

Já chegava perto, quando
(Naõ ſei triſte, como o conte)
Surge um velho venerando
Alto como erguido monte.
De prolixa barba ondante,
E de viſta penetrante,
Que ao encontro a maõ lhe eſtende,
E das azas o ſuſpende.

„ Morre, diz, filho impudente,
„ De arrogante Pai gerado.
Diſſe; e o collo em continente
Lhe apertou co' a dextra irado.
Sólta-o logo; ao chaõ ſe abate:
Boqueando as azas bate:
Buſca a luz co' a viſta informe;
E o perpetuo ſomno dorme.

Aquelle era o Deſengano,
Argos impio, e algoz duro

De qualquer arrojo inſano,
De qualquer intento impuro.
Que o virgineo Pejo vella
Noite, e dia á Nynfa bella:
Com juſtiça prompta, e inteira
Dando a pena derradeira.

Fica attonito, e ſuſpenſo
O Serrano de pavor:
Mas eſtrondo agudo, e intenſo,
Que rebrama em derredor
De mil Nynfas, e Cupidos,
Que fugindo eſpavoridos
Clamam entre pranto amargo,
O deſpertam do lethargo.

Volta o roſto, e pelejando
Vê no portico ſublime
A Fortuna, que eſcumando
Longo ferro em roda eſgrime
Contra a turba dos Amores,
Que c'os breves paſſadores

Com-

Combatiaõ junto á entrada
A' traiçaõ d'ella ganhada.

Quem dizer o ſuſto póde,
Que ao Paſtor miſero alcança?
Qual á Faia o Sul ſacode;
Tal o medo, e a eſperança
O eſtremecem á porfia.
Ri-ſe, treme, córa, enfia.
Uma o anima, o outro o abate,
Vendo as vezes do combate.

Foge em fim a turma alada
E á Fortuna deixaõ tudo:
Que ſe chega altiva, e irada
Ao Serrano immovel mudo.
„ Como, diz, creſte, que houveſſe
„ Quem ditoſo te fizeſſe,
„ Sem meu Numen Soberano?
„ Pagarás o arrojo inſano.

Mais naõ diz horrenda, e brava:
E co'a dextra omnipotente

Ao

Ao Paſtor do braço trava.
Sai do Templo refulgente;
E tres vezes rodeando
No ar Alfeno miſerando,
Com aſpecto furibundo
O arrojou ao baixo Mundo.

A' ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA SENHORA D. L. DE L. C. DE O.

CANÇONETA IV.

A VISAÕ.

N Uma ſelva alcatifada
De graminea felpa viva,
De altos Frexos ſombreada,
Entre os quaes ſonora, e eſquiva
Se deriva
Um arroio tranſparente,
Entro numa ſéſta ardente.

D'entre uns Myrthos apinhados,
Que na margem floreciam,
Aos ouvidos encantados
Sons divinos me feriam.
Naõ ſe ouviam

En-

Entre as arvores de attentos
Suſſurrar os roucos ventos.

Mais, e mais o meu deſejo
Me embrenhava na eſpeſſura;
Chego á Murtha; e um Cyſne vejo
De *purpurea* (*) cega alvura:
Naõ murmura

Pelo

(*) Por comprazer com os rogos de alguns amigos, alongarei algum tanto eſta nota com erudições mui alhêas do meu genio a reſpeito do Epitheto *Purpurea*, que eu dou á Alvura. Purpureus, a, um, entre os Poetas Latinos, e Gregos ſignifica *couza brilhante, nitida, pura, formoſa, e de côr viva*, qualquer que ſeja: Por azul, ou verde reſplendecente, fallando do mar, uſaraõ Virg. 4. Georg. ℣. 373. = In mare *purpureum* violentior influit amnis = Propert. L. 2. Eleg. 20. ℣. 5. *Purpureis* agitarant fluctibus Hellen. = Valer. Flac. L. 3. ℣. 422. = Sale *purpureo* &c. = Homer. Odyſſ. 11. ℣. 242. = *Porphureon* Kúma = Id. in Batrachom. ℣. 73. = Udaſi *porphúreoiſin* = Por loiro, ou ruivo uſaraõ Virg. e Tibul. fallando do cabello de Niſo. O primeiro no 1.° das Georg. ℣. 405. = Et pro *purpúreo* poenas dat Scylla capillo = Eo 2.° no

Pelo ouvir a argentea vêa,
E de gozo o curſo enfrêa.

Ao

L. 1.° Eleg. 4. ℣. 5. = Carmine *purpurea* eſt Niſi coma... = Na ſignificaçaõ de muitas corés, uſou Virg. na Ecl. 9. ℣. 40. = Hic ver *purpureum*... iſto he Primavera formoſa, e chêa de flores, ou Veraõ ornado de flores matizadas E L. 1.° Æneid. ℣. 594. = Lumenque juventae = Purpureum = iſto he, a cor alva e roſada miſturadas com o brilho, ou viço da mocidade, a que o P. chama *Lumen*. Na ſignificaçaõ de couza formoſa, ou viva ſervio-ſe Valer. Flac. quando dice = En frigidus orbes *purpureos* jam ſomnus obit. = fallando dos olhos L. 3. ℣. 178. Por coiza brilhante, e nitida, uſaraõ Albinovan. El. 2. ℣. 62. = Brachia *purpurea* candidiora nive: fallando da neve; e o grande Horacio, fallando dos Cyſnes do Carro de Venus no L. 4. Od. 1. ℣. 10. = ... *purpureis* ales oloribus = E até os AA. que eſcrevêraõ em proza, daõ ás vezes a *purpureus* &c. as meſmas, e outras ſignificações, como ſe póde ver em Cicero, que. fallando do mar, diz in 4. Acad. c. 33. = Et mare illud, quod nunc Favonio naſcente *purpureum* videtur. = Plinio no L. 32. c. 6. uſou por *livido*, fallando das barbas de murice, ou oſtra quando diz = Oſtrearum *purpureus* crinis: ás quaes barbas chama

Ao redor o coro alado
Os seus collos meneando,
Sobre as arvores callado
Escutava o verso brando,
E admirando;
Que no seio me adormenta
A tristeza macilenta.

Nisto baixa ao prado hervoso
De atros Ganços banda ingente:
Cerca o Cysne sonoroso;
E á porfia derepente
Roucamente
A grasnar começa em roda,
Atroando a selva toda.

Segue o Cysne o doce canto,
Nem dos grasnos cura nada,
Ri-

Marcial *lividas* no L. 7. Epigr. 19. quando diz = Et ostreorum rapere lividos cirros. E finalmente Luciano, dá o mesmo epitheto ao cabello loiro, quando diz = O plócamos *porphúreos* &c. Voss. de Instit. Orat. L. 4. cap. 13.

Ri-ſe a Nais, que ouvia em tanto
Sobre a agoa prateada
Reclinada.
Aſſoviam os malignos,
Brincões Satyros caprinos.

De ira chêos, e deſpeito,
Vejo os Ganços prefumidos,
Refrear no imo peito
Os ſeus graſnos de corridos;
E encendidos
Voam onde pantanoſa
Corre a lynfa mais lodoſa.

Com o bico o lodo volve
A maldita praga immunda;
E deſpois, que ſe revolve,
Corre ao Cyſne, e furibunda
Todo o inunda,
Em ſoante revoada,
Da eſcorrente agoa enlodada.

Mas o Cyſne mal ſe olhou

To-

Todo eſqualido, e nojoſo,
Na corrente mergulhou;
E ſurdio alvo, e luſtroſo:
Do aſqueroſo
Bando iniquo triunfante,
Que ao Ceo voa trepidante.

Torna ao canto o Cyſne, quando...
(De pavor inda eſtremeço)
Dizei vós o caſo infando,
Claras Deozas do Permeſſo.
Ah conheço,
Que me ouvis! Já furia ingente
Me eſtimula a acceza mente.

Quando um Drago de improviſo,
Que de verde, e azul ſe eſmalta,
Colleando vir diviſo
De uma brenha eſpeſſa, e alta.
Já lá ſalta
Sobre o Cyſne deſgraçado,
De horror prezo, e arripiado.

Deixa vendo-o as ſelvas frias
Toda a âve, a fera a toca.
Enroſcou-ſe; e as leves guias
Lhe arrancou co'a impia bocca
Eis ſuffoca,
Recreſcendo em tortos nós,
Ao cantor a flebil voz.

N'agua a face peregrina
Eſcondêo a Nais choroſa.
Niſto baixa repentina
Sobre a Fera ſanguinoſa,
Generoſa
Aguia, a quem dobra a floreſta
A frondoſa altiva teſta.

Solta o Cyſne, e logo logo
O Dragaõ ſai a encontrá-la.
Mês ſe ergue, e peſte, e fogo
Da cruenta bocca exhá-la.
Silva, e eſtala
Com a cauda, e os lombos trilha;
A farpada lingoa brilha.

Prom-

Prompta a viſta revoando
Cerca a Aguia o monſtro iroſo;
De o aſſaltar como eſpiando
O momento venturoſo.
Suſto, e gozo
Fazem n'alma duro embate;
Um me anima, o outro a abate.

Faz entaõ na dubia guerra
A Aguia falſa arremetida.
Salta o Drago, e os olhos cerra;
Furta-ſe ella, e de corrida
Advertida
Lhe empoſgou o rijo cacho
Treſpaſſando-o d'altó a baxo.

Com as garras furibundas
As entranhas lhe raſgando;
Borbotões de ſangue as fundas
Bréchas golfam murmurando:
Boqueando
Semivivo baqueou,
Solta as roſcas, e expirou.

Mal

Mal cahiò o Monſtro, vejo
Uma angelica Donzella,
Qual a finge o vaõ deſejo
Do ocioſo, meiga, e bella;
Aurea tella
Lhe orna o corpo delicado,
Prende a coma ouro gemmado.

C'um andar chêo de graça
Vem o Cyſne demandando;
Recende o ar, por onde paſſa,
E debaixo do pé brando,
Vaõ brotando
A cecêm, o lyrio, a roſa;
Vergontêa a eſtirpe annoſa.

Chega; e o Cyſne laſtimoſo
Junto ao ſeio terna amima;
O calor prodigioſo
Os eſpiritos lhe anima.
Já ſublima
Mais que outr'hora denodado
O té lí collo inclinado

Larga-o Nynfa, elle veloz
Vai para Aguia eximia, e quando
Se avizinha, ſólta a voz
Sons divinos gorgeando.
Grata honrando
A Rainha ſua cara,
Que a ouvi-lo ás vezes pára.

Niſto aos ares ſe remonta
Numa nuve a Nynfa bella.
A Aguia a ſegue em vôo prompta
Nem no alcance muito anhela.
A traz d'ella
Bate o Cyſne as hermas vias
Co'as poſſantes novas guias

Deixo abſorto o boſque horrendo,
E a Damon narro o portento:
Damon do E'rebro tremendo
Traz á Luz co' mago accento
Manes cento:
Deduz Trivia do alto Ceo:
E ao Futuro raſga o vêo.

Mal

Mal me ouvio, ao Ceo levanta
O ſeu vulto venerando;
Vozes barbaras deſcanta;
E deſpois cabeceando,
Abaixando
Para mim os olhos ledos,
Sólta a vóz a taes ſegredos:

„ Num altar de terraõ vivo
„ Liba a D[illegible]o, e ás Camenas:
„ Do jacintho, e louro eſquivo
„ Engrinalda-o, e das verbenas
„ Mais amenas.
„ Dadiva hé ſua mimoſa
„ A viſaõ da ſelva umbroſa.

„ Sim, tu és do fulvo Tejo
„ Um dos Cyſnes ſonoroſos:
„ De atros Ganſos bando eu vejo
„ De teus cantos invejoſos,
„ Preſumçoſos
„ Pretender tornar-te mudo
„ Com o crebro graſno rudo.

„ Eis lhe impoem ſilencio duro
„ O geral eſcarneo, e enfrêa;
„ Em vaõ chama o Alcive impuro,
„ Que a candura, que te arrêa,
„ Embacêa:
„ Da verdade a luz em breve,
„ Lhe diſſipa a ſombra leve.

„ Inimiga fera, e válida
„ Do imo Tartaro brotando,
„ A Pobreza ſerpe eſqualida
„ Te ſuffoca o canto brando;
„ Decotando
„ Do talento as azas prontas,
„ Com que ao Pindo te remontas.

Já de Herois ninho fatal
„ (Nas eſtrellas vejo eſcrito)
„ Manda ao Ceo Aguia caudal,
„ O explendor olhando avito
„ Fito a fito
„ De ti fallo, Alcipe bella,
„ Pia, e juſta como aquella.

„ Tu

„ Tu brazaõ da terra Luſa,
„ Dos Almeidas penhor caro,
„ Salvarás a afflicta Muſa
„ Com o teu egregio amparo;
„ Lá no avaro
„ Acheronte ſepultando
„ Da Indigencia o monſtro infando.

„ No fecundo ſeio, e ſanto
„ Da ventura, Alfeno honrado,
„ Novas guias, eſtro, e canto
„ Cobrarás. Aſſim mandado
„ Tem o Fado.
Tôa entaõ nublado o Ceo:
E Damon emmudecêo.

AS SENHORAS D. M. D. T. D. L.

E D. J. D.

CANÇONETA V.

AS GRINALDAS.

HA de Cynthia na alta ſerra
Uma verde penedia,
Que girando um valle encerra;
Onde o Sol do meio dia
Na calmoſa eſtiva quadra,
Quando Sirio no Ceo ladra,
Naõ lhe murcha a amena relva;
Tal o c'rôa baſta ſelva.

Brincões Zefyros eſpiram
De continuo revoando:
No rochedo borbulhando
Prateadas Lynfas giram:
Umas lambem ſonoroſas

As

As raizes tortuoſas.
Dos ulmeiros, e altos freixos
Outras cortam as campinas
Amoſtrando a ruiva arêa
Lá no fundo, e os lizos ſeixos,
Entre flores peregrinas,
Que ao cryſtal da manſa vêa
As cabeças compõem bellas,
Azues, roxas, e amarellas.

Nelle entrando accazo um dia
Por fugir de Febo ardente,
Que o ſeu raio a prumo envia;
Dou c'os olhos de repente
Em Cupido, que ſentado
Sobre o prado,
Da montanha junto ás faldas;
Viçoſiſſimas grinaldas
De boninas cento, e cento
Urde attento.

Manſo, e manſo o valle deixo,
Com intento de eſconder-me

Atraz de um ramoſo Freixo
Para o vêr ſem elle vêr-me.
Mas em fim me deſcobrirão
Do terreno as ſeccas folhas,
Que a meus pés roucas rugirão;
Alça os olhos logo Amor,
E conhece o ſeu Paſtor.

„ Vem, me diz, Alfeno amado,
„ Vem ſentar-te aqui commigo
„ Sobre o molle hervoſo prado.
„ Como aſſim? De um Nume amigo
„ Ao carinho, e meigo trato
„ Te furtavas, dize, ingrato?
„ Não ſou eu, quem ſempre afina
„ Tua frauta campezina?
„ E o teu doce canto inſpira?
„ Onde alcanças claro Nome
„ Que c'o a fama o Orbe gira,
„ Sem temer de Clotho a ira,
„ Nem do Velho eterno a fome.

„ Naõ fuí, quem por teu reſpeito
„ Quiz domar de Marcia bella
„ O rebelde ingrato peito,
„ Se naõ fôra a tua eſtrella?
„ Naõ te dei em galardaõ
„ De teus méritos ſubidos
„ O maior, que aos meus validos
„ Dera a minha larga maõ?
„ Diga-o o Reino luminoſo (*)
„ Da benigna Cytheréa,
„ Onde fôras mais ditoſo
„ Do que abrange a humana idéa:
„ Se a Fortuna deſabrida,
„ Atrevida,
„ A' traiçaõ naõ me eſtorvara
„ Para ſempre unir-te a Clara.

Diſſe Amor: eu entretanto
Com a viſta, e o penſamento
Contemplava mudo, e attento

Meu

(*) Allude ao ſugeito da Cançoneta 3.

Meu baldado antigo pranto;
Os vergões, os roxos pulſos
Dos aſperrimos grilhões;
Sim quebrados aos impulſos
De ardimento nobre, e digno,
Mas rojados de contino
Tantos annos infelizes:
E do peito as cicatrizes.
Tanto he certo, que os Tyrannos
Sempre ufanos
Nos recontam ſeus favores
Apparentes, e traidores,
E o mal nelles disfarçado,
O rebatem todo ao Fado.

Um Deſdem ſurge no peito
Sopeando o Temor frio,
Que com viſos de reſpeito
Ata o meu juvenil brio.
Em furor todo me accende:
Já as vozes me apromptava:
Mas Razaõ, que á lerta eſtava,

A' garganta as tira, e prende
Diz-lhe ſer profunda a chaga
Que abre a cólera nos Reis,
A qual ſó a Morte dura
Fêcha, e cura.
Que de Amor venere as Leis:
Nem já mais ter queira eſquivo
Um Deos fero, e vingativo;
Se ao que o ſerve fere, e mata,
Que fará ao que o maltrata!

Já nas férvidas entranhas
Mortas vendo as igneas ſanhas;
Com ſemblante disfarçado,
Reſpondi ao Deos vendado:
„ Naõ fugia como ingrato
„ Ao teu meigo, e doce trato:
„ Nem por odio me eſcondia:
„ Mas por ver-me, Amor, indigno
„ De gozar tua preſença,
„ Deſte valle me partia:
„ Vejo bem quanta o Deſtino

„ Eu

„ Entre nós póz differença:
„ Tu no Olympo omnipatente
„ Na alma terra, e mar fremente,
„ Té no bárathro profundo
„ Que ao redor lambe o Cocyto,
„ Do ſeu Rei torvo, e iracundo,
„ Acatado por invicto,
„ Reſpeitado por ſenhor:
„ Eu humilde Guardador.

„ Naõ Senhor... Naõ? Sim, Alfeno...
Me interrompe, e amim ſe lança
Como ferro jaculado.
Com o ſeu braço pequeno,
Que Leões derruba, e amanſa,
Me ſegura o Deos vendado
A ſeu goſto
De improviſo
Tinto o roſto
De ira, e riſo,
Que nos olhos lhe ondeavam,
E com arte ſe meſclavam.

Aſſim prezo me trazia
Para o ſeu gramineo pouſo.
Eu naõ ouſo
Pela via
Reſiſtir-lhe,
Nem fugir-lhe
Qual deſejo;
Mas de pejo,
E de medo
Mudo, e quedo,
Conduzir entaõ me deixo;
Suas mãos de quando em quando
A beijar-lhe me inclinando.

Já depoſta a dubia ira
Com brandura a ſi me tira
Reclinando-ſe na relva,
Que alcatifa a amena ſelva
O ſagaz Rei dos Amores.
Recomeça os ſeus louvores:
Eu fitando os olhos nelle,
Crêr naõ poſſo, que era aquelle

O Tyranno do Univerſo
Taõ ſoado em proza, e verſo,
Já nas citharas divinas,
Já nas frautas campezinas.
Um tenrinho lindo infante,
Todo riſo, e lizongeiro;
Mas com força de gigante,
Mas terrifico frécheiro,
E certeiro,
Que já mais do fito alvo
Lhe eſcapou coraçaõ ſalvo.

Feridor ſévo, e maligno
De natura, mas ſem tino;
Quaſi ſempre plumbeas ſettas
Eſpargindo.
Ledo unindo
Por antojo, e de traveſſo
Um ao outro genio aveſſo.
Pai da barbara Eſquivança,
Pai da lubrica Eſperança,
Da choroſa magra Auſencia,

E da furia, e cega ardencia
Do voraz, torvo Ciume.
Doce Nume
Com os que ama,
E que inflamma
Em reciprocas ternuras;
Derramando generoſo,
Carinhoſo
Mil delicias, mil venturas,
Quinta eſſencia do ſeu Nectar,
Com que aos Deozes ſoberanos
Igualar ſabe os humanos.

Qual a horrifica Megéra,
Se envipera
Contra eſpiritos preverſos,
La no Tartaro profundo,
Em ſuplicios mil diverſos:
Tal Cupido furibundo;
Sitibundo
Só de ſangue
Do que langue

Em

Em seus ferros espontaneo;
Se embravece,
Se enerruece
Contra o triste
Que resiste,
E o despreza
Nunca a acceza
Mente fera dos Sicanos
Reis tyrannos,
Inventar pôde tormento
Mais violento,
E exquisito,
Que o maldito
Deos nefando:
Soslobrando,
Por vingar-se atroz, sanhudo,
Ceos, e Terra, Inferno, e tudo.

Aqui elle ergue sereno
Do trabalho o gesto lindo,
E me diz: „ Querido Alfeno,
„ Em que estavas reflectindo?

„ Eu Senhor? (ao Deos tornava)
„ Admirava
„ A elegante
„ Urdidura,
„ E a pintura
„ Cambiante
„ Das boninas
„ Peregrinas,
„ Da Capella
„ Freſca, e bella.

Deſte modo ſimulado,
Ao Vendado
Lhe reſpondo:
Mas eſcondo
No imo peito
O Deſpeito,
Os rancores,
E os horrores,
Que eu conſervo
Ao protervo,

Fe-

Fementido
Vaõ Cupido
Conſtrangendo a lingoa, e o roſto
A inculcar agrado, e goſto
De ſeus futeis artificios,
De ſeus falſos beneficios.

„ Queres logo, meu Serrano,
„ Que te eu urda uma grinalda,
„ Para ao geſto ſoberano
„ De Paſtora, ou Nynfa bella
„ Offertares hoje altivo?
Eu lhe digo: „ Dá-me aquella
„ De amaranto ſempre-vivo,
„ De fecundos bem-me-queres
„ De queixumes, e de affagos,
„ Mas equivocos oragos
„ De infortunios, de prazeres.
„ E da tulipa flammante,
„ Do jaſmim, e da violeta
„ Onde briiha a cor amante
„ Do que prova a tua ſetta;

„ Que da erguida Faia pende,
„ Que da calma nos defende;
„ Com que Armania prendar quero,
„ Da Natura egregio eſmero,
„ E brazaõ da Formoſura;
„ Que na alvura
„ Sobrexcede a neve alpina;
„ E nos labios relevados,
„ Doce fonte dos agrados,
„ Vence a roſa Alexandrina;
„ As delicias do aureo Tejo.
Com voz trémula do Pejo,
Que o ſemblante me accendia,
Taes palavras proferia.

Acudio aqui o Nume:
„ Pois aquella eu deſtinara
„ Para a minha terna Pſyche;
„ De meus olhos claro lume.
„ Mas perdôa, eſpoſa cára:
„ Naõ he bem, que triſte fique
„ Um fiel meu ſervo antigo,

„ Ve-

„ Vero amigo,
„ Naõ he bem, que eſte dom negue
„ A tal Nynfa, que perſegue
„ No meu Reino invicta, e forte
„ Té á morte
„ Todo o eſcravo fugitivo,
„ Que a impulſos da vaidade
„ Appellida *Liberdade*;
„ E o altivo
„ Collo eſquivo
„ Ao ſeu jugo lhe ſommete;
„ E lhe manda, ſe aquiete,
„ Nem me brade mais ſoccorro;
„ Que no Elyſio ſerá forro.
Diſſe: em pé ſe ergue: as mãos me orna
Co'a grinalda, e a urdir torna.

Mais afoito outra grinalda
Ao traveſſo Deos pedia,
Filho da aurea Cytherêa,
Que já mais ſeus tiros balda.
„ Queres outra? (me dizia:)

„ Pa-

„ Para quem? Para Tircéa.
„ Cujas comas, que rutilam
„ Sobre os Zefyros fuzilam,
„ Enleando de contino
„ Com prizões
„ De ouro fino,
„ Izenções
„ Mal prudentes
„ Innocentes.
„ E eſpalhadas,
„ Anelladas
„ Pelo collo de alabaſtro
„ Sem ter naſtro;
„ De matreiros
„ Mil frecheiros
„ Saõ traidores
„ Eſcondrijos;
„ Com os rijos
„ Paſſadores
„ Aſſaltando,
„ E varando

Os

„ Os ſilveſtres,
„ Os alpeſtres
„ Corações, que preſumpçoſos
„ Glorioſos
„ Contra Amor á lerta eſtavam,
„ E dos ſeus ferros zombavam.

„ E da voz encantadora,
„ E da muſica doçura
„ Da maõ déſtra,
„ Da maõ méſtra
„ Que direi? A mente agora,
„ Santo Amor, me accende, e apura
„ De uma, e d'outra cantar vou,
„ Quanto poſſo, e quanto ſou
„ Na campreſte melodia,
„ E no engenho que em mim cria
O mancebo
Louro Febo.
„ Sacro dom, ſublime, e forte
„ Contra quem a Inveja freme;
„ Que naõ teme

„ A ſegunda ignobil morte,
„ E a cerviz ao Tempo humilha.
„ D'uma, e d'outra branda filha
„ Da garganta
„ Torneada,
„ Jaſpeada,
„ Que os pezares me quebranta:
„ E dos breves,
„ E dos leves
„ Niveos dedos,
„ Donde aprende mil ſegredos
„ A alta Muſa, que os Ceos move,
„ Com que aſſombra o grande Jove.

„ Quando a angelica Tircêa
„ De Pedroiços na alva arêa,
„ Que de conchas o mar borda,
„ Sólta o doce extranho canto,
„ Que ao Piano-forte accorda;
„ Para ouvi-la com eſpanto,
„ Entre as vagas marulhoſas,
„ Vê das Tagides formoſas,

„ Al-

„ Alvejar as faces bellas,
„ Cada qual da verde tranſa
„ Os aljofres eſtillando.
„ Adormecem-ſe as procellas:
„ Calla as ondas a Bonança,
„ Pouco, e pouco mergulhando
„ O eſpumante atróz rebanho
„ No voluvel creſpo eſtanho.
„ Os ſeus lubricos cavallos
„ Remendados de azul, e ouro
„ Soffreando a intervallos,
„ Debruçado o Tejo louro
„ Vejo então... Niſto o Frecheiro
Prazenteiro
Me interrompe,
E em facecias taes prorompe.

„ Como ás nuvens ſe remonta
„ O meu novo Cyſne amante!
„ Como vólve a lingoa prompta
„ No gorgêo alti-ſonante!
„ Mas commigo as vozes balda,

„ Q"

„ Que melhor vejo, e conheço
„ De Tircêa o immenſo preço.
„ Aqui tens minha grinalda.
Mais naõ diz. Com leda ſombra
Me offerece a que lhe aſſombra
Da alva teſta a loura franja,
Que co' a maõ afaga, e arranja.

Eu a acceito reverente,
E contente,
Admirando a contextura,
E o ſubtil matiz das flores,
A ſaudade roxi-ſcura,
E na ternura
Clycie eſpelho de amadores:
O pompoſo breve lyrio,
E o martyrio:
Odoriferos jacinthos,
Onde os ais lêo diſtintos
Do infeliz Paſtor de Amarilo:
Verde-pallido narciſo,
Que por ſi inda onlonquece:

E o

E o mimoſo amor perfeito,
Que eſmorece
Mal a dama o põem no peito.
E ao redor as mais enlêa
A viuva, que ſerpêa.

Deſpois que eu admiro a eſcolha
Ingenhoſa, e com myſterio;
Para mim Cupido olha
Meio rindo, e meio ſério,
E accreſcenta: „ Eſta Capella
„ Eu deſtino para aquella,
„ Que he no Olympo refulgente,
„ Que he na terra, e mar ſerente
„ Perennal corrente pura
„ De ternura,
„ De prazeres infinitos,
„ E deleites exquiſitos,
„ Para os Deozes Soberanos,
„ Para os miſeros humanos,
„ Cytherêa carinhoſa
„ Minha May doce, e formoſa.

Ei-

„ Ei-la aqui, Serrano finda:
„ Mas ſe ainda
„ De prendar Nynfa, ou Paſtora
„ Tens agora,
„ Que a Dione inveja faça
„ Na belleza, brio, e graça;
„ Eſta acceita, que te dou;
„ Nova crôa tecer vou.

Gracejando aſſim fallava,
E eu ſezudo lh'a tomava,
Mais ligeiro do que empolga
O voraz lobo matreiro
O cordeiro.
De o burlar minh'alma folga;
Mas c'um ſério contrafeito
Lhe mentia no ſemblante:
Vozes taes do alegre peito
Dirigindo ao Nume amante:

„ Quaes darei ati, Senhor,
„ Meigo Amor,
„ Graças dignas?

„ E ás benignas,
„ Dadivoſas
„ Mãos honroſas,
„ Da recêm alta mercê?
„ Mas por mim Ignacia as dê.
„ A engraçada linda Ignacia,
„ Nynfa chêa de atractivos,
„ A quem deves mais captivos
„ Que a nenhuma Grega, ou Lacia;
„ Cuja fama, cujo nome
„ Inda o Lethes naõ conſome.

„ Será ſua eſta Capella,
„ Mimo digno da mais bella,
„ Do explendor da Terra Luſa.
„ Nella a ſabia Natureza
„ Derramou com maõ profuſa
„ Os theſouros da Belleza.
„ Volve Ignacia o ſanto roſto
„ No abrazado murcho Agoſto;
„ Volve os olhos ſobre humanos
„ Para os campos Ciſ-taganos,

„ De verdores
„ Se tapizam,
„ E de flores
„ Se matizam.
„ Volve-os ella a ſelva nua
„ No rigor do Inverno feio,
„ Toda ſubito ſe abrolha,
„ E deſdobra a pompa ſua.
„ Sôa o harmonico gorgeio
„ De aves mil: té ſe me antolha
„ Que o Aquilaõ as azas fecha,
„ E cahir-lhe aos pés ſe deixa.

„ Se ella aos hiſpidos oiteiros
(Proſigo) erigue os ſeus luzeiros;
„ Ou á ſerra alcantilada
„ Eſcalvada;
„ Cá, e lá, a çarça ás reſtes
„ Dá racimos verdes, roxos.
„ Nova eſtranha folha, veſtes
„ Tu aſperrimo carraſco,
„ Que maçia as mãos titilla;

„ E

„ E das pontas mel deſtilla.
„ Ve-ſe no arido penhaſco
„ Gotearem,
„ Borbulharem
„ Claras Linfas que tombando,
„ E quebrando
„ Em novelos eſpumoſos,
„ Sobre os dentes
„ Eminentes
„ Dos rochedos eſcabroſos,
„ Em arroios fugitivos,
„ De arvoredos ſempre vivos
„ Parte as bibulas raizes
„ Alimenta;
„ Parte alenta
„ Da alma Chloris os marizes. (*)
„ Sonho, ou vélo? Nos ouvidos
„ Ro-

(*) Chloris entre os Gregos era a meſma que Flora;
„ Chloris eram, quæ Flora vocor: corrupta latino
„ Nominis eſt noſtri littera græca ſono.
Ovid. 5. Faſt, v. 195.

„ Rotas vozes, e gemidos,
„ Que magôam
„ Eiſ-me ſôam;
„ Da captiva turba exangue
„ Que hoje langue
„ Treſpaſſada,
„ E chagada
„ Dos virotes, dos abrolhos
„ Dos de Ignacia magos olhos,
„ Mais que Apollo radiantes,
„ Mais que Jove fulminantes.
„ O' Progenie arci-tenente
„ Do que reina no Univerſo,
„ Tu me accende a fria mente,
„ Tu bafeja o humilde verſo.
Aqui chego, quando Amor
Desfecha em alto riſo;
Eu me tinjo de rubor,
E me callo de improviſo.

De corrido perturbei-me;
Mas ſurgindo-me na idéa

Os

Os louvores de Tircêa,
Manso, e manso recobrei-me.
„ Caro Alfeno, agora attenta
„ A eleiçaõ das tenras flores,
„ Que ao nascer da Aurora lenta
„ Eu colhi com os Amores;
„ E os primores
„ Da grinalda, que te dei
Diz-me o alado, impio Rei.

Attentei subito nella:
E o sanguineo cravo eu vejo
Cor do pejo,
Que nas faces de Donzella,
Vencedor meio vencido,
Brilha aos olhos de Cupido.
E o melindre que se sente
De repente,
E da purpura se priva,
Mal o toca a maõ lasciva
Da menina,
Que o destina

Para ornar-lhe a transa breve,
Ou do seio a tenra neve.

Entre as mais ergue o Turbante
A cabeça auricomante.
Jaz no carcere affrontada
Rodeada
Da pungente
Verde espinha
A Rainha
Florecente,
A cheirosa,
Ignea Rosa
Que de Adonis gera o sangue.
Logo a Anémola ao pé brilha
Do cruento pranto filha,
Que derrama Cypria exangue,
Estallando de martyrio,
Vendo extincto o esposo Assyrio.
Com a candida Açucena,
Que na fronte de Erycina
Desbotou de susto, e pena

Sua

Sua côr eſcarlatina,
Com a Deoſa deſmaiando
Sobre o Moço agonizando.
Tal da crôa o primor era:
Prende o pé de cada flor
A tenaz, flexivel hera,
Que ſe enroſca em derredor.

Niſto alcei ao Nume o geſto,
Que outra crôa inflóra, e tece.
E lhe-digo humilde, e méſto:
„ Pio Amor, ſe eu naõ temeſſe
„ Provocar a tua ira,
„ A grinalda te pedira...
„ Ah naõ mais (brada Cupido
Inſoffrido,
E co'a maõ de ſi me affaſta)
„ Naõ, Paſtor, por hoje baſta.
„ Naõ abuſes da bondade,
„ Que orna a minha Divindade:
„ Nem que fora
„ A Paſtora,

„ A quem queres offertá-la,
„ Mais que Laura gracioſa,
„ Que cantou Lyra famoſa:
„ E mais bella
„ Do que aquella,
„ Por quem jaz em cinzas Ilio.
D'eſte modo continúa
Encreſpando a teſta ſua,
E abaixando o ſupercilio.

Eu replico impaciente:
„ Meigo Deos omnipotente,
„ Deixas hoje ſem grinalda,
„ Quem das Nynfas he Princeza?
„ Que co' a tua facha eſcalda
„ Homens, Deozes? E a fereza
„ De teus odios ſuaviza
„ A formoſa Vate Auliza...
Mal ouvio o nome amado,
Repentino ſe tornou
No ſemblante abrazeado,
Um ſuſpiro lhe eſcapou.

Os

Os ſeus olhos faiſcavam,
Logo em lagrymas nadavam;
E a pezar dos ſeus furores
A ternura lhe revê.
Murmurando alçou-ſe em pé:
Toma o arco, e os paſſadores,
Que eſconderá entre as alfenas;
E fere o ar co' as leves pennas.

Pouco eſpaço ſe remonta;
E ſibrado ſobre as azas,
Com os olhos feitos brazas
Um farpaõ de plumbea ponta
Com maõ pronta
Da tininte aljava tira:
Mas primeiro que me fira,
Eſte monſtro abominando
Me dizia vozeando:

„ Vil eſcravo, como inſano
„ Nomear hoje te atreves
„ Eſſe nome ſoberano,

„ Que

„ Que adorar na mente deves?
„ Da celeſte egregia Auliza,
„ Que os humanos diviniza
„ Com o angelico ſemblante,
„ Com a Lyra altiſonante?
„ Como queres os fulgores
„ Aſſombrar da frente auguſta
„ De caducas baixas flores?
„ Quando ainda naõ lhe ajuſta
„ A eſtellifera capella
„ De Ariadne illuſtre, e bella?
„ Os ſeus dotes immortaes,
„ O maior mais rico mimo
„ Dos Deſtinos aos mortaes,
„ E que eu ſó pondero, e eſtimo:
„ A humaniſſima virtude,
„ Que naõ préza o mundo rude,
„ Cujo brilho ao Ether vôa,
„ Saõ a ſua digna crôa.
„ Mas o teu ouſado erro
„ Punirei, e inſania tua.

E dizendo, cruza o ferro:
Fórça a unir-ſe a eburnea Lua:
Vibra: eis n'alma ſinto o gume:
Caio: aſſim o meigo Nume
Quiz no fim moſtrar quem era.
E ergue o vôo á azul eſfera.

A' SENHORA D. M. P. D.

CANÇONETA VI.

O CONVITE.

ARmania, a gruta entremos,
Que mais, e mais ſe entranha
No ſeio da montanha,
Que as Nuvens alta fende,
E os pés fragoſa eſtende
No azul fervente mar.

Dardeja da garganta
O ardente Sirio agora
Co' a lingoa meia fóra,
Mil calmas, mil ardores,
Que o collo ás tenras flores
Murxando faz dobrar.

Eterna Primavera
Da lapa o chaõ adorna;

Muſ-

Muſgoſa urna entorna
A lynfa murmurando,
Que os lyrios aljofrando
Eſcorre a ſerpear.

Canoro bando alado
Goſtando a clara vêa,
Nas margens lhe gorgêa:
Em tanto ás revoadas
Ás auras encalmadas
As azas vem banhar.

Raiando o Sol a prumo,
Aqui verás ſem ſuſto
Do mar o Vate auguſto,
De Focas negro bando,
Os limos ruminando
Trazer a ſeſtear.

Irás coral galhudo,
O buzio moſqueado,
E o buzio emperlado

Do mar pompoſo alarde,
Depois na freſca tarde
Nas praias apanhar.

Se mais te agrada a peſca
No pego envolto, e turvo,
Cobrindo o anzol curvo
Com iſca mentiroza,
A truta ſaboroſa
Te irei, meu bem, peſcar.

Mal Febo refulgente
De ſcer ás Thetias caſas,
E a Noite as fuſcas azas
Abrir no Ceo ſaudoſo,
No meu batel algoſo
O ponto irás ſulcar.

Verás em torno accezas,
Mal firo as ondas frias,
Argenteas ardentias;
E ao longe as luzes bellas

De

De Febe, mil eſtrellas
Fervendo ſcintillar.

Se a voz encantadora
Soltares, Nyafa bella,
Meu Norte, minha eſtrella,
Verás callar-ſe o vento,
E o Deos do mar attento
As vagas arrazar.

Fervendo em cachões alvos
Verás ſurdir dos mares
Nereidas a milhares,
Tritões, Delfins das ventas
As agoas macilentas
Em arco a reſfolgar.

Em quanto eu fallo, Delio
Subio no carro ardente
Do Ceo eſpaço ingente:
Ah torna á lapa umbroſa,
Do roſto a tez mimoſa

Naõ

Naõ queiras mais creſtar.
Os Deozes hoje, Armania, (*)
Alfeno haõ de invejar.

(*) Eſte he o eſtribilho, que ſe fez para cada uma das eſtancias deſta Cançoneta, no cazo de as quererem cantar, como já ſuccedêo.

A' SENHORA D. T. J. D.

CANÇONETA VII.

A VINGANÇA.

UNs lindos olhos,
Que mal me virað,
Crueis ferirað
Meu Coraçað.

Louvar pretendo
Na frauta nova,
Talvez que os mova
A' compaixað.

Eſte inſtrumento
Dêo-me a ternura,
Foi na eſpeſſura
De Endymiað.

Com

Com elle Cynthia
Do Ceo trazia,
Que meiga ouvia
Sua affeiçaõ.

Feliz vivia
Sem ter provado
Do Deos vendado
Um ſó farpaõ.

Vi niveos collos,
Louros cabellos,
Vi olhos bellos
Com izençaõ.

Amor piçado,
Dardo incendido
No arco embebido
Diſpara em vaõ.

De novo atira
Settas hervadas,
Mas deſpontadas
Caindo vaõ.

Ar-

Arco, e aljava
Chorando em fio,
Lança no rio
De indignaçaõ.

De mim vingar-ſe
Jura, e terjura;
A Eſtyge impura
Invoca entaõ.

O ar ſe embruſca,
A terra treme,
Ao longe freme
Rouco trovaõ.

Fulmineas azas
Amor deſfecha,
Nos ares deixa
Alvo claraõ.

Fujo aſſuſtado
Por eſtes valles,
Vendo mil males
Em confuſaõ.

Ha um rochedo
Cavo, e muſgoſo;
Tapete hervoſo
Lhe eſmalta o chaõ.

Na larga entrada
Treme a luz fuſca,
Denſa labruſca
Lhe enrama o vaõ.

Tombam mil Lynfas
De alta caſcata,
Mantens de prata
Formando eſtaõ.

Rolam aljofres
Pela alcatifa,
Quando a borrifa
O alvo cachaõ.

Aqui ſentada
Na molle grama
Vejo uma Dama,
Naõ era, naõ;

Era

Era antes Deoſa
Do Ceo profundo,
Naõ cria o Mundo
Tal perfeiçaõ.

Doce alaúde
Déſtra afinava,
Ao qual cantava
Terna Cançaõ.

Eccho traveſſa
Lhe dobra a falla,
Tudo ſe calla
Em ſuſpenſaõ.

Em tanto accordes
Naõ eſtaõ quedos,
Os breves dedos
Da Lactea maõ.

Cem aneis de ouro
Da fronte chovem,
Que as azas movem
Da viraçaõ.

Atraz comprime
A fluctuante
Coma brilhante
Largo liſtaõ.

Doura a garganta
Bella, e nevada,
Doce morada
Da affinaçaõ.

Soffrego tifne
Me faz negaças,
Guarda mil graças
Com ambiçaõ.

Findado o canto,
O geſto erguia,
Cuidei que via
Hyperiaõ (*)

Vin-

(*) Um dos nomes do Sol.

Vindo pompoſo
Do Reino undante,
Na remoçante
Alma eſtaçaõ.

Taes de ſeus olhos
Raios dardeja,
Que aſſombro, e inveja
Dos aſtros faõ.

Em mim os fita
C'um mago riſo:
Sai de improviſo
Um batalhaõ.

De Cupidinhos
Bem empennados,
Todos armados
De igneo brandaõ.

Cálla-me ao peito,
Tremo enfiado,
E arripiado
Sem ter acçaõ.

Quei-

Queima-me as azas
Da Liberdade;
Prende a Vontade,
Prende a Razaõ.

„ Ardam entranhas
„ De gelo alpino
(Brada contino
Seu Capitaõ.)

„ Sintam meu fogo,
„ Que abraza tudo,
„ Té o ſanhudo
„ Torvo Plutaõ.

Aſſim dizendo
O cruel Nume,
C'o accezo gume
De um virotaõ,

Raſga-me o ſeio:
Vem derepente
De ſangue quente
Um borbotaõ.

Sai

Sai pela brécha
O bando alado,
Dentro ateado
Deixa um volcaõ.

Alguns mais feros
Lançam-me aos pulsos,
De horror convulsos,
Ferrea prizaõ.

Nisto voáraõ
O Deos cercando;
Mil vivas dando
De acclamaçaõ.

Tircêa amada
Nynfa excellente,
Causa innocente
Da impia traiçaõ:

Se rócha alpestre
Ser te naõ dera,
Nem Tygre fera
A criaçaõ;

Do

Do que entaõ viſte,
Do que hoje peno,
Concede a Alfeno
O galardaõ.

Mitiga um pouco
Do peito a fragoa;
Mova-te a magoa
Minha affliçaõ.

Dos roixos pulſoes
Com maõ mimoſa
Sólta piedoſa,
Sólta o grilhaõ.

Se iſto conſigo,
Nynfa, eu te juro,
Na ara o penduro
Da Gratidaõ.

A' ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA

SENHORA D. M. J. de V. C.

CANÇONETA VIII.

O JUBILO.

QUando vem, celeſte Armania,
As montanhas da alva Lua
A belleza, e a graça tua;
Eſtremecem de alegria:
Altos vivas á porfia
Vaõ nos écchos retumbar
„ O ſeu jubilo, o ſeu paſmo (*)
„ Quem o póde bem pintar.

Flo-

(*) Eſte he o eſtribilho para cada uma das eſtrophes deſta Cançoneta, no caſo de lhes quererem fazer muſica &c.

Flora eſtende pelo prado
Verde trémula alcatifa,
Nova fonte que a borrifa
Cá, e lá na penha brota,
Que com voz queixoſa, e rota
Vai os ſeixos pratear
O ſeu &c.

A Melampo o gado entregue,
A Serrana vem pulando;
Ser Diana imaginando
Grandes olhos abre, e fita:
Bate as palmas, baila, e grita,
E te vai as mãos beijar.
O ſeu &c.

O feroz javalí alça
O focinho ſedeudo:
O veloz cervo galhudo
Sai da brenha eſpeſſa, e alta:
N'agua o mudo peixe ſalta
Por te vêr, Nynfa, ſem-par.
O ſeu &c.

Er-

Ergue, o Fauno alvoroçado,
Na muſgoſa fria gruta
Uma, e outra orelha hirſuta,
Por ouvir os teus accentos,
Que nas azas brandos ventos
Té ao Ceo vaõ remontar.
O ſeu &c.

Vendo Pan a luz, que eſpalham
Pelos boſques tenebroſos
Os teus olhos gracioſos;
Deixa a lapa onde feſtêa,
Ser Armania, ou Cytherêa
Vindo prompto à indagar.
O ſeu &c.

Se te dignas, linda Armania,
Hoje entrar co'as Damas bellas,
Mal fallei, antes eſtrellas,
No vergel do triſte Alfeno;
Mais viçoſo, mais ameno
Num momento ha de abrolhar.
O ſeu &c.

Fu-

Fugiráõ as vís Harpias
Prole infame da Trapaça,
Que ao redor d'elle eſvoaça;
E o Prazer ſolto correndo
Pela mãõ a Paz trazendo
Haõ de Alfeno remoçar
O ſeu &c.

Se o Pomar das cruas garras
Tu me ſalvas compaſſiva,
Dentro d'alma ſempre viva
Gratidaõ te voto, e a lyra,
Que co'a Muſa ſe conſpira
O teu Nome a eternisar
O ſeu &c.

A' SENHORA D. T. P. L.

CANÇONETA IX.

O NINHO DE AMOR.

MUdado em ave
Amor danninho
Um vaſto ninho
Foi fabricar.
Da amendoeira
Nos ramos novos
Cem, e cem ovos
Vejo alvejar
„ Quem de tal praga (*)
„ Há-de eſcapar.

O

(*) Eſte he o eſtribilho, com que ſe póde cantar eſta Cançoneta, no caſo de ſe lhe fazer muſica &c.

O Deos ſobre elles,
C'os olhos brazas,
Arquêa as azas
Para os chocar.
Tem já filhinhos
Da caſca fora,
Que a toda a hora
Ouço piar.
Quem &c.

Mil coraçõ̃es,
Inda fumando,
Eſtá ſangrando
Para os crêar.
Fervendo tragam
O ſangue quente,
Continuamente
A boquear.
Quem &c.

Tem

Tem o atroz bando
Eterna fome,
Come, e mais come
Sem ſe fartar.
Já o de Alfeno
O Nume pede,
Iſmene o cede
Sem vacillar.
Quem &c.

Mal nelle attento
O Deos repara,
Torcendo a cara
Foi-lhe entregar,
Taõ lacerado
Do ſeu Bem tinha,
Que já naõ tinha
Sangue que dar.
Quem &c.

A'

A mil ſuſpeitas
Iſmene o dera,
Nynfa mais fera
Que o fero mar.
Nelle roendo
Eſtas Harpias,
Noites, e dias
Se vaõ cevar.
Quem &c.

Fugi, Paſtores,
Para os deſertos,
Mil males certos
Vejo aſſommar:
Se toda cumpre
De Amor a raça,
Naõ ha deſgraça
Que lhe igualar.
Quem &c.

Vê-lo imagino
A' Nyafa amada
Sua ninhada
Vir offertar.
Tem qualquer delles
Vinhas rompentes,
Bicos pungentes,
E torvo olhar.
Quem &c.

Iſmene os guarda
Para Falcões,
Quando Iſenções
Quizer caçar.
Se mal ferida
Fugir alguma,
Uma por uma
Lha irão buſcar
Quem &c.

Fugi, Paſtores:
Já todo o ninho
De Amor danninho
Sinto picar:
Eilos c'os bicos
Da caſca fóra...
Fugi que he hora
De vos ſalvar,
Quem &c.

A' SENHORA D. M. J. T.

CANÇONETA X. (*)

GOZO, E PENA.

I.

OS cabellos de Marina
Que aos nevados hombros decem,
O fulgor do ouro eſcurecem
Quando ſai da rica mina;
E ao redor Natura bella
Cá, e lá ſem arte o anella

II.

Mas quaõ caro o terno Alfeno
O prazer de vê-los pága;

(*) Premiada pela Academia Real das Sciencias na Aſſembléa Publica de Maio de 1790.

Força occulta de arte maga,
Ou de Théſſalo veneno
A Iſençaõ lhe enlêam, prendem,
E a ſu' alma em fogo accendem.

III.

Do meu Bem a fronte breve
De aurea franja guarnecida,
A cecêm deixa vencida,
Envergonha a meſma neve;
E os meus males ſuaviſa,
Se ſerena raia, e liſa.

IV.

Mas ſe túrbida, e rugoſa
Vem torná-la de repente
Deſdem fria, ou ira ardente;
A minh' alma de medroſa
Sô deſeja aniquilar-ſe,
Ou no abyſmo ſotterrar-ſe.

V.

Que direi dos lindos olhos?
Almas luzes, vos me ſois
Fulgidiſſimos farois,
Entre os naufragos eſcolhos,
Que de Amor o mar infamam,
E ao redor de mim rebramam.

VI.

Vou ſurdindo pouco, e pouco
Sobre a vaga marulhoſa;
E a rojada procelloſa,
Com que muge o vento rouco
Vem a ſer brando Galerno;
Taõ affoito a náo governo.

VII.

Mas ſe o bafo do Ciume
Vem do Reino dos horrores
Empannar os reſplendores
D'um, e d'outro ſancto lume;

Eis

Eis a náo extraviada,
Ei-la quaſi ſoſſobrada.

VIII.

Eu naõ ſei, faces mimoſas,
Quaes vos louve, ſe os jaſmins,
Que Amor colhe em ſeus jardins,
Se as ſanguineas virgens roſas?
Taõ iguaes ſobre vós brilham,
Que os meus olhos maravilham.

IX.

Sinto em mim gozo ineffavel;
E um theſouro immenſo dera,
Voſſa tenra Primavera
Vecejar ſe eu vira eſtavel;
Bafejada noite, e dia
Da benéfica Alegria.

X.

Mas ſe a nuvem de atras Dores,
Em chuveiros triſtes rota,

Um

Um momento lhes desbota
O matiz das freſcas flores:
Treſpaſſado Alfeno langue;
Frio horror lhe gela o ſangue.

XI.

Lindos labios nacarados,
Breves, tumidos, ou antes
Dois rubís, onde volantes
Mil Amores inflorados
Formam ledos á porfia
Os ſeus favos de Ambroſia.

XII.

Borrifadas vêm com ella
De Marina as meigas vozes,
Que dos meus males atrozes
Sós diſſipam a procella:
Quando as bebem preſumidos
Os meus ávidos ouvidos.

XIII.

XIII.

Ah naõ ſei como exprimi-la
A amargura de meu peito,
Se amariſſimo Deſpeito
O ſeu fel nellas inſtilla;
Devorando dos Amores
Os dulciſſimos lavores.

XIV.

Torpe ſuſto em mim ſe ceva;
Tinge as faces côr defunta,
E nos meus olhos ſe ajunta
De Acheronte a denſa treva:
Té que em trêmulo deſmaio
No regaço da Dor caio.

XV.

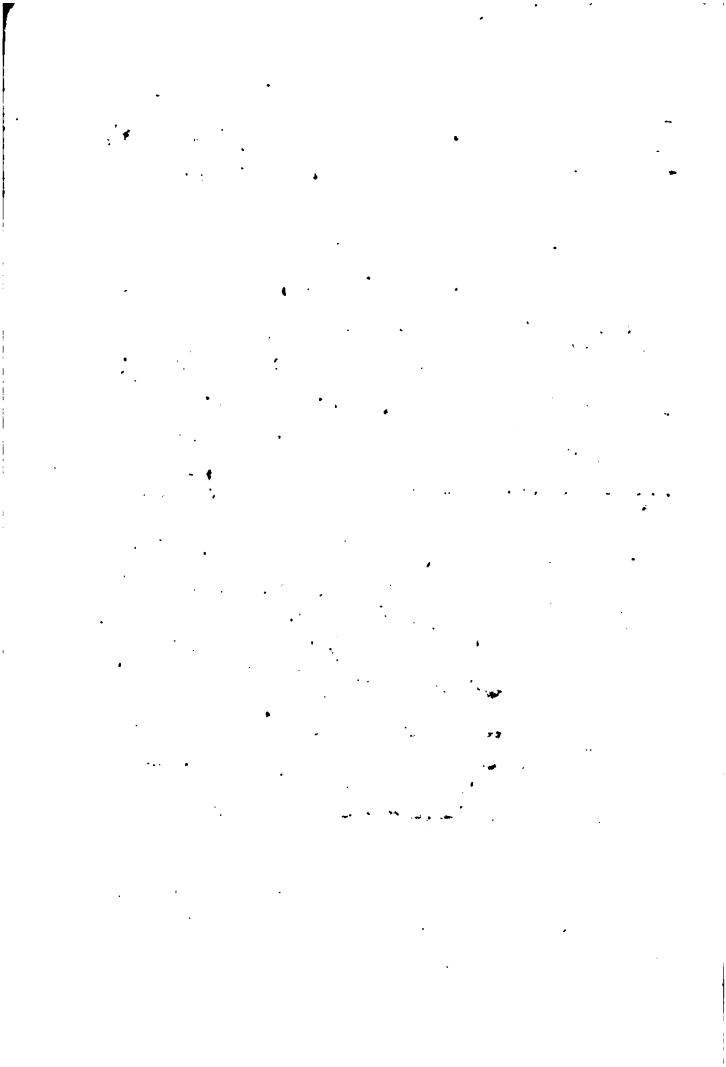
O' Marina, vida cara
De minh' alma, e feliz ſorte!
O' Marina, cruel morte
De minh' alma, e ſorte amara;

Co-

Como assim, que eu viva, ordenas
Em taes gozos, em taes penas?

XVI.

Por me dar morte tardia,
Por fazer-me a vida breve,
O teu genio esquivo, e leve
Minha sorte assim varia:
Ah naõ mais mudes, ingrata,
De uma vêz me adita, ou mata!



A' SENHORA D. J. G.

QUINTILHAS.

CHegou Nize cortejada
Do ſeu farfante Amador;
Mas chegou taõ demudada,
Que naõ póde ſer chamada,
A formoſa Mai de Amor.

Mas alguns inda com dó
Da ſua antiga belleza,
Que em tal gráo poſſuio ſó,
O nome de ſua Avó
Lhe daõ com toda a grandeza.

Antes que os annos eſquivos
As tenras graças anojem,
Todas tres com olhos vivos
Recolhem ſeus atractivos,
Fazem-lhe mezura, e fógem.

Com

Com gallas, e pedraria
Lhes acena em vaõ aquella;
Tem nativa antipathia
Co'a inſtante velhice fria,
Que já mais pódem vencê-la.

De um ſó naõ amar conſtante,
Agora a triſte lhe peza,
Do infinito bando amante;
Naõ ſe vira a todo o inſtante
Sem arrimo, e ſem defeza.

Já outr' hora Lydia annoſa
Lh'o diſſera: „ Amada Filha,
„ Agora que a flôr mimoſa
„ Da mocidade viçoſa,
„ No teu lindo geſto brilha:

Buſca unir-te a um terno amante
„ Sabio alumno da Virtude,
„ Que em comprazer-te inceſſante
„ Contra a Fortuna inconſtante,
„ E ſeus revezes te eſcude.

„ Olha

„ Olha eſta vide frondente,
„ Que do alto choupo amparada,
„ Abraçando-o eſtreitamente;
„ Deſpreza o Boreas fremente
„ O humido Sul, e a geada.

„ Segue-lhe as mudas licções;
„ Naõ te allucine a vãa gloria
„ De lançar duras prizões
„ A mil noveis corações,
„ Que dura pouco eſta gloria.

„ A roſa, que na Alva altiva
„ A mil Zefyros namora,
„ Mal a queima a tarde eſtiva
„ Logo a turba amante a eſquiva;
„ Langue ſó a toda a hora.

„ Aſſim o bando amoroſo
„ C'oviço juvenil vôa,
„ Colhe o momento ditoſo,
„ Colhe em quanto carinhoſo
„ Em torno de ti revôa.